REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

MAIO, 1890

Summario:

			Pag.
I.	O NORTE MARITIMO	Alberto Sampaio	581
II.	A REFORMA ADMINISTRATIVA E A DEMOCRACIA . . .	Jayme de Magalhães Lima	604
III.	OS FILHOS DE D. JOÃO I	Oliveira Martins	614
IV.	AS MINAS DE SALOMÃO	Rider Haggard	649
V.	D. SEBASTIÃO (poema)	Luiz de Magalhães	672
VI.	CARTAS DE FRADIQUE MENDES (1.ª série).	Eça de Queiroz	680
VII.	O IMPERADOR E O EX-CHANCELLER.	Rodrigues de Freitas	692

LUGAN & GENÉLIOUX, Editores — Porto

Agentes em Paris:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
[illegible] — 10

Agentes em Londres:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
1[illegible] — Coleman Street — 10

Agente em Leipzig:
KARL W. HIERSEMANN
[illegible]

Volume II. Número 11.

Summario do numero de abril

Os filhos de D. João I	Oliveira Martins.
O Discipulo	Moniz Barreto.
Traducções do Romancero de H. Heine	José de Sousa Monteiro.
Um romancista da California	Izabel Leite.
As minas de Salomão	Rider Haggard.
Novos factores da politica portugueza.	Um espectador.
As finanças e a administração da Dictadura brazileira	Frederico de S.

NOVAS PUBLICAÇÕES

NO PRÉLO:

Eça de Queiroz

CORRESPONDENCIA DE FRADIQUE MENDES

RIDER HAGGARD

AS MINAS DE SALOMÃO

VERSÃO REVISTA POR E. Q.

A SAHIR DO PRÉLO:

Thomaz Ribeiro

DISSONANCIAS

MATHIAS DA LUZ SOARES

MAXIMAS

CONSELHOS MORAES

PENSAMENTOS, MEMORIAS, SENTIMENTOS NOBRES

E PROVERBIOS

OBRA UTILISSIMA PARA A INSTRUCÇÃO DA MOCIDADE

Guiomar Torrezão

ALMANACH DAS SENHORAS, PARA 1891

(EDIÇÃO DO BRAZIL)

O NORTE MARITIMO

(NOTAS PARA UMA HISTORIA)

Memoria apresentada na sessão da Sociedade de Instrucção do Porto de 3 d'abril de 1889, em honra do infante D. Henrique

---

> «Maravilhosas cousas som os feitos do mar, e assinadamente aquelles, que fazem os homeẽs em maneira d'andar sobre e per mestria e arte, assy como nas naos, e gallees, e em todolos outros navios mais pequenos».
>
> *Ord. Aff.*, liv. I, tit. LIV, pr.

Nomeando-se o infante D. Henrique, acode-nos naturalmente á lembrança a grande epopêa das emprezas maritimas de Portugal.

Como se formou esta nacionalidade, é bem sabido de todos nós: originada não pela attracção d'uma mesma raça nem pelas condições identicas de terreno, ella foi pelo contrario o resultado d'uma conquista.

Subjugado pelos arabes o imperio visigotico, levantou-se immediatamente nas serranias das Asturias a reacção contra o dominio africano. Affonso I (739-757) reconquistou todo o canto do noroeste; na borda occidental, logo nos primeiros annos do seu reinado, as armas victoriosas d'elle expulsaram de vez os africanos até ao Vouga e chegaram provavelmente até ao Mondego, ficando comtudo incerta por largos tempos a soberania da região entre os dois rios. Mas pelo Vouga fixou-se desde então a linha do dominio neo-godo: ao norte d'elle deram-se depois

muitas e terriveis incursões; mas jámais se poderam aqui estabelecer os estrangeiros como soberanos, augmentando sempre a população galaico-sueva, por si mesma, sem mistura de colonias agarenas.

Tendo succedido a conquista arabe no primeiro quartel do seculo VIII, antes do meado do IX existia já ao sul do rio Minho a *provincia portugalense*, differenciada da Galliza. É nomeada em 841 por Affonso II — «totius Gallæciæ seu Portugalensi Provintiæ summum suscipiat Præsulatum» [1]. Mas esta differenciação não indicava, como todos sabem, nenhuma diversidade ethnica entre os portugalenses e a outra gente do noroeste: ella foi sim motivada por necessidades administrativas, como dizemos hoje.

A provincia, governada por condes, permaneceu sempre dependente da corôa da Galliza, até que Henrique de Borgonha e depois o filho a desmembraram d'ella, lançando os seus homens d'armas na conquista d'uma tira da Lusitania de Augusto, habitada então (seculo XII) por povos já diversos dos antigos; pois se os galaicos eram proximos parentes dos Lusitanos antes do dominio sarraceno, as muitas colonias de povoação de origem extra-europêa, introduzidas durante elle ao sul do Vouga, alteraram profundamente a ethnographia anterior, pela infusão ahi do novo sangue oriental.

Portugal constitue-se pois com dois retalhos dos povos peninsulares; — ao sul do Vouga com um fragmento da Espanha musulmana, ao norte com uma fracção da Galliza [2].

D'esta ultima partiram os batalhadores que conquistaram a cinta do littoral, occupada depois pela nação portugueza, á qual elles, os nossos avós d'entre Vouga e Minho, impuzeram igualmente a sua linguagem gallega.

[1] *Esp. Sagr.*, tom. XI, ap. XVI, pag. 378.

[2] A estas duas áreas ethnographicas correspondem duas zonas glotologicas bem definidas; diz o snr. Vasconcellos Abreu: «O reino divide-se, relativamente á gradação quantitativa das vogais, em duas rejiões glotologicas; n'uma, ao norte, ha vogais longas, noutra, ao centro e sul, não ha vogais longas por sua natureza.» *Rev. Lus.*, 1.º an., vol. I, pag. 32.

Effectuada porém a conquista, as circumstancias geographicas do territorio adquirido fizeram mudar o centro politico que se foi deslocando successivamente desde Guimarães até Lisboa. Com a primeira dynastia emigraram tambem fidalgos e cavalleiros, a classe dirigente e superior, da qual se originou a primeira nobreza da nova côrte, ficando em grande parte abandonados os antigos e pequenos solares neo-goticos.

O primitivo condado, condemnado pela situação excentrica, perdeu toda a preponderancia anterior: nem por isso deixou de ter ou talvez por esse mesmo motivo conservou a sua vida propria e distincta, em face das outras gentes *nacionaes*. Em todo o caso, elle, que tinha sido o conquistador, desceu politicamente nas occasiões normaes a um plano inferior, tornando-se por fim decididamente predominantes na direcção dos negocios os homens do sul.

Mas por uma occurrencia fortuita bem singular, se nasceu no norte o audacioso lidador que lançára os fundamentos da pequena nação heterogenea, n'esta mesma região nasceu o propulsionador das navegações que vieram a dar-lhe — a ella, uma certa cohesão e apparencia de vida commum, sem as quaes não poderia ter subsistido; filho do Porto pelo seu nascimento, elle tambem — o neto de «hũa dona natural de Galiza que chamarom dona Tareja» [1], não se póde julgar totalmente estranho á sua raça.

Aqui pois, onde a navegação tinha já deitado profundas raizes, com uma longa historia positiva, entremeada, é certo, de legendas maravilhosas [2], n'esta cidade, com um activo trafego maritimo, flanqueada de portos com grande movimento commercial, nasceu o infante D. Henrique em 1394.

Posto que pelo sangue se prendesse por um laço á população do noroeste, elle seguiu comtudo a corrente estabelecida desde o principio da monarchia, fixando no extremo sul a séde das suas gloriosas expedições. Partem de lá os primeiros na-

[1] Fern. Lopes, *Chron. de D. Pedro I.* cap. I.

[2] Fr. de Sousa, *Tratado das Ilhas Novas*, etc. (2.ª edic., Ponta Delgada).

*

vios exploradores; mas pouco tempo depois Lisboa absorve tudo.

Á grande cidade affluem, com aventureiros de todas as procedencias, as maravilhosas riquezas trazidas pelos galeões; com os chefes e soldados vêm as mercadorias exoticas e os escravos destinados aos serviços ordinarios.

Este fausto asiatico, que fazia reviver nas margens do Tejo, no centro e sul a sociedade oriental anterior á conquista affonsina, preoccupava elle só a attenção dos contemporaneos.

Das provincias do norte ninguem falla; situadas n'um canto extremo do territorio, longe d'esses esplendores, improprios do seu genio e raça, ellas continuam recolhidas como d'antes, trabalhando e produzindo boa parte da força que vai ser dispersada agora aos quatro ventos pelo mundo fóra. Mas dos ricos e fortes elementos da sua vida se aproveitará o infante D. Henrique, assim como os reis continuadores da obra d'elle, fazendo-os convergir nos descobrimentos.

Portugal, que se fizera no campo das batalhas, era um paiz armado; a sua admiravel organisação militar medieval [1], se lhe permittiu sustentar e defender a independencia politica, permittirá agora esse prodigioso feito d'armas — as navegações e conquistas dos seculos XV e XVI.

Não faltará n'esta assembléa quem relate com erudição e eloquencia os fastos do instigador d'ellas: mas tal obra não teria sido nunca uma realidade, se o infante e os seus continuadores não encontrassem na pequena nação os materiaes do grandioso edificio. O norte, ponto de partida, contribuiu tambem para a estructura d'elle, ajudando a levantal-o com esforços incessantes. Indicar a contribuição prestada não carecerá absolutamente de interesse historico; será este o assumpto da minha memoria; — fosse ella ao menos sufficientemente comprehensiva! Infelizmente não me é possivel fazer uma historia completa, como era de desejar; nem tão pouco o ensejo seria opportuno. Contentar-nos-hemos portanto com um esboço a largos

[1] A. Herculano, *Opusculos*, VI, III, pag. 305-322.

traços até á expugnação de Ceuta: depois, no periodo épico, mencionarei alguns factos e os nomes dos nossos conterraneos mais distinctos que deixaram lembrança de si, lançando-se n'essas perigosas navegações ou percorrendo as terras novamente descobertas.

*
* *

Muito antes da fundação da monarchia, todos os nossos portos têm uma historia; bem triste, quantas vezes! Por elles se faziam as entradas dos normandos e agarenos, sobretudo as dos ultimos, depois que a espada victoriosa de Affonso I, das Asturias, os expulsou no seculo VIII do norte do Vouga. O maior numero das aggressões d'elles effectua-se então por via maritima; as galés, entrando pelas barras e subindo pelos rios, levam a devastação ás terras visinhas; tornam incertas as culturas e arruinam os cultivadores.

Por effeito d'estas descidas na foz do rio Minho «per quod Sarraceni & Normani frequentius solebant entrare» [1] a cidade de Tuy foi amiudadamente saqueada: durante certo tempo abandonou-a toda a população, e os bispos tiveram de se refugiar n'um mosteiro da serra da Labruje [2] (Conc. de Ponte do Lima). Acoitados na montanha, a coberto do rio, de lá governaram a diocese emquanto durou tal situação.

Acontecia o mesmo á borda do Douro, impedindo essas entradas a restauração do Porto. A povoação, sabemos, existia desde os suevos: Rechiar, vencido por Theodomir, fugiu, diz Idacio [3], «ad locum qui Portucale vocatur». Veio posteriormente, por 716, a conquista arabe; o logar ficou destruido pelo praso aproximado de trinta annos, ao cabo do qual o grande rei asturiano abateu d'um só golpe o dominio estrangeiro de vez até ao Vouga e por muito tempo até ao Mondego.

1 *Esp. Sagr.*, tom. XXII, doc. II, pag. 250.
2 *Ibid.*
3 *Cronicon*, an. 456 (*Esp. Sagr.*, tom. IV, ap.).

Todas as tentativas de reconstrucções urbanas perto do mar ou nas margens dos rios navegaveis naufragavam n'este grande escolho. Os arabes não demoravam longe; elles vinham facilmente pelo oceano; estando as barras sem guarda, a população tinha de abandonar as localidades mais apropriadas ao commercio; por força se havia de fixar longe d'ellas, em sitios onde só podiam chegar as grandes e mais raras incursões por terra.

A defeza no interior attrahia principalmente n'esses tempos a attenção de nossos avós. Em todo o caso, no principio do seculo x existiam já embarcações no Douro, segundo refere um documento do anno de 922. Por este tempo Ordonho II mandou apparelhar *naues*, para fazer uma visita por via fluvial, ao bispo Gomado, resignatario da diocese de Coimbra, retirado então no mosteiro de Crestuma; diz a escriptura: — « ipse rex... *excitabit naues* in portugale cum suos comites lucido uimarani et roderico luci et sui episcopi fuerunt *nauigio* eremitam uisitare ipsum episcopum » [1]. Não era todavia coisa recente a navegação do Douro: pelo contrario seria bem frequentada, pois que o rei n'essa visita entre outras doações concedeu ao mosteiro o *nabúlo* ou *nabam* e o *portatico*, impostos que se pagavam em todos os desembarcaderos do rio desde *Aliouirio* (Aljuvirio? [2]) até á Foz — « dedit ipse rex et ipsi comites *nabulum* et *portaticum* de dorio in die sabbati de portu aliouirio et per totos illos portus usque in illa foce de durio ubi cadit in mare » [3]. A navegação, a pesca e as construcções eram factos correntes. Infelizmente o laconismo do texto não nos deixa perceber que especie de embarcações seriam essas designadas pela palavra *naues:* mas pelo menos ficamos sabendo que n'esta época se armavam e construiam no Douro quaesquer vasos de transporte fluvial e talvez maritimo; elles não eram comtudo destinados a combater, nem certamente guardavam a entrada

[1] *Port. Mon. Hist.; Dipl. et Chart.*, doc. XXV.
[2] Viterbo, *Eucid. verb. nabam.*
[3] *Port. Mon. Hist.; Dipl. et Chart.*, doc. XXV.

do rio, como se vê do facto occurrido no fim do mesmo seculo, quando Al-manssor emprehendeu a grande campanha de Compostela.

Em 997 entrou no Porto a frota sarracena que trouxe de Alcacer do Sal (Alemtejo actual) parte das suas tropas [1]. O famoso general veio com um troço do exercito por terra; passando por Coimbra, conquistada por elle em 987, e agora por sua ordem já repovoada de sarracenos, atacou e venceu o Porto, reunindo-se aqui com o resto das forças, vindas por mar. Os successos d'esta campanha são bem conhecidos. Al-manssor atravessou a provincia do Minho e parte da Galliza; destruiu Compostela; mas grandes foram as difficuldades que encontrou apesar de se entender com alguns condes gallegos. A terra estava sufficientemente defendida e povoada. Os christãos, em consequencia das suas dissenções politicas, podiam ceder por um instante em face de exercitos numerosos, mas para recomeçar a lucta immediatamente. Na sua volta a Cordova tomou o caminho de Leon.

O Porto ficou comtudo outra vez em poder dos inimigos; a sua população galaica fugiu provavelmente para o interior, como dois seculos atraz já tinha feito, por occasião da primeira invasão arabe. Agora Al-manssor deixára aqui, é de crêr, uma guarnição por causa do valor estrategico do sitio. D'este facto temos talvez uma vaga memoria na tradição referida pelo conde D. Pedro.

Diz o *Livro de Linhagens* [2] que no tempo de D. Ramiro de Leon vieram da Gasconha D. Moninho Veegas, o Gasto, o irmão D. Fernando e D. Nonego com dois filhos — D. Egas Moniz, o Gasto, e D. Garcia Moniz, o Gasto. «Vcerom com elle muitos e boos cavalleiros e muitos e boos escudeiros filhos d'algo, e veerom por mar portar na foz Doyro que he antre o Porto e Gaya e em aquell tempo chamarom-lhe a foz Doyro máao, e lidarom hi com gram peça de mouros per muitas vezes.»

1 A. Herculano, *Hist de Port.*, tom. I, pag. 151 e 381.

2 No. IV, tit XXXVI; Ed. *Port. M. Hist.* — *Scriptores*, pag. 316.

Se esta passagem contem a recordação confusa d'um acontecimento verdadeiro, ella parece pelo menos errada quanto á designação — « em tempo delrrey Dom Ramiro de Leom ». No reinado d'este, o terceiro sem a menor duvida, fallecido em 984 [1], Coimbra estava ainda em poder dos christãos; portanto os mouros não podiam persistir tão numerosos, como deixa transparecer o texto, nas margens do Douro. Vinham, é certo, em irrupções, mas para se recolher sem demora á sua fronteira. Por 968, uma d'essas chegára até ao coração da provincia; pois Mummadona para defender o mosteiro de Guimarães construiu um castello n'um monte que o dominava — « persecutio gentilium irruit in hujus nostre religionis suburbium et ante illorum metum laboravimus castellum » [2]. A julgar pelas palavras citadas, a irrupção não fôra grande: mas as circumstancias da época faziam recear o futuro. De facto novos ataques estavam sempre imminentes. Em 987 a cidade de Mondego cahiu em poder d'Al-manssor. Desde esse dia os agarenos podiam demorar-se mais desaffrontadamente vinte leguas ao norte d'ella.

A Ramiro III succedeu Vermudo ou Bermudo II, acontecendo então a terrivel campanha de Compostela. Vencido o Porto, é provavel que Al-manssor deixasse como guarnição a *gram peça de mouros* com que lidaram os cavalleiros alludidos pelo conde D. Pedro. Todavia estes não podiam ser estrangeiros, da Gasconha franceza; os seus nomes, como já observaram Florez e D. Rodrigo da Cunha [3], eram pelo contrario muito usados no noroeste da peninsula.

Feitas estas ratificações, poderá dar-se ao texto uma interpretação razoavel. Os cavalleiros que commandavam o Porto, sendo derrotados, foram por terra a qualquer localidade da Gasconha espanhola, indemne da invasão, pedir soccorros para

[1] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, pag. 148.

[2] *Port. Mon. Hist.; Dipl. et Chart.*, doc. XCVII.

[3] *Esp. Sagr.*, tom. XXI, pag. 41 e seg.; D. Rodrigo da Cunha, *Cat. e Hist. B. do Porto*, I, cap. XV; J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, IV, part. II, pag. 31, 32 e 36.

rehaver o logar perdido. De lá partiram por mar, vindo desembarcar *antre o Porto e Gaya*. Pela barra por onde tinham entrado os inimigos surgiam agora os libertadores, transformando-se o *Doyro máao* em Douro salvador.

A mesma Madona — a Senhora de Vandoma, que deu ao Porto a letra «civitas virginis» em vez de proceder de Vendome, hypothese inverosimil, devia antes ser levada de cá pelos cavalleiros foragidos. Vendome, situada no Cher et Loire, nunca foi capital de diocese nem jámais pertenceu á Gasconha franceza. Mas havendo de tempos anteriores nas margens do rio Sousa um monte chamado *Bendoma* [1] ou *Vendoma*, não repugna a existencia d'uma ermida n'elle, onde houvesse uma senhora por tal motivo assim denominada. Fugindo ao inimigo era natural que os lidadores a levassem, tornando a trazel-a no seu regresso. Modernamente existe ainda com o mesmo nome de Vendoma uma parochia em Paredes.

Não obstante estar já outra vez em nosso poder o Porto e a «terra per rriba de Doyro açima de huma parte e da outra» [2], a barra continuava comtudo sem defeza, patente ás aggressões inimigas. Ainda em 1071 Sancho II e sua irmã Geloira, Gelvira ou Elvira, restabelecendo as sés de Braga e Lamego [3] com prelados residentes, não mencionam a do Porto que continuava a ser governada por arcediagos [4]. Ahi por causa da foz do rio não havia a segurança conducente á dignidade prelaticia.

Dadas estas condições, não admira que partisse da Galliza a primeira tentativa da organisação d'uma esquadra, como remate da defeza do paiz.

Em 1115, Diogo Gelmires, o celebrado arcebispo de Compostela, percebeu ser este o unico meio de obstar ás depredações das costas do noroeste, saqueadas a cada passo pelos mouros que habitavam as do sul, de SEVILHA a COIMBRA — «... *ab*

[1] *Port. Mon. Hist.; Dipl. et Chart.*, doc. CXLVI (anno 985).

[2] Conde D. Pedro, *Livro de Linh.*, loc. cit.

[3] *Esp. Sagr.*, tom. XVII, doc., pag. 248.

[4] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, pag. 237.

Hispali usque ad Colimbriam » [1]. Mandando vir peritos de Genova — « optimi navium artifices, nautæque peritissimi », armou duas biremes, chamadas então *galéas* — « quas vulgus galleas voeat ».

A vinda dos genovezes deixa-nos suspeitar que seria ignorada a arte de apparelhar vasos de guerra, posto que dos outros já houvesse construcções no Douro, como se expôz anteriormente. Elles vieram certamente ensinar a armação por inteiro dos primeiros e o aperfeiçoamento dos segundos.

As duas galéas ou galés fizeram excellente serviço, quer na defeza, quer ataeando os mesmos portos inimigos; passado porém pouco tempo perderam-se por incuria dos mareantes do Padron. Tal tinha sido comtudo o proveito auferido d'ellas que nove annos depois o vigilante prelado mandou construir outra, cujo commando entregou a um moço de Pisa, chamado Fuxon [2].

A semente disposta por Gelmires, encontrando terreno adequado, germinou com vigor; a nova planta começou em breve a dar os fructos desejados. Em 1121 havia já uma esquadrilha de bareas no rio Minho; a campanha d'este anno entre D. Urraca e a irmã principiou por um recontro fluvial, ficando vencidos pelos marinheiros do Padron os portucalenses que defendiam nas suas bareas o passo do rio. Não podiam ser estas de somenos importancia: a gente de D. Thereza esperava que ellas não deixariam os adversarios atravessal-o; desbaratadas, fugiu o maior numero, abandonando o campo da infanta [3].

Nos annos immediatamente posteriores encontra-se um progresso constante. Em 1125 D. Thereza concedeu ao bispo de Tuy o privilegio da pesca no rio Minho, dizendo — « nullus habeat navem conductitiam in portu de Tuda exceptis vobis » [4]. E

1 *Hist. Compostelana*, liv. I, cap. CII.

2 *Ibid.*, livr. II, cap. LXXV.

3 A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, pag. 264-265.

4 *Esp. Sagr.*, tom. XXII, doc. IV, pag. 257.

em 1169 havia em Vigo cinco barcos de guerra equipados, segundo consta da doação feita n'este anno por Affonso Henriques, quando se apoderou d'uma parte d'aquella provincia, por fallecimento do primo — Affonso VII [1].

Dado tão fecundo impulso, as fozes dos rios navegaveis, do Minho ao Vouga, adquirem provavelmente as suas galéas. Desde então desenvolve-se e enraiza-se cada vez mais a arte de construir e armar em quasi todos os portos portucalenses — industria, cuja primeira noticia averiguada em 922, se perpetuou até nós que a vimos ir diminuindo successivamente, graças á estulta má vontade dos governos de Lisboa, até se extinguir vencida pelos novos steamers de ferro.

Estabelecida uma defeza, mais ou menos effectiva, a população pôde viver com certa segurança junto das barras, começando a prosperar o trabalho do mar — a pesca e navegação.

O occidente da peninsula estava sob o dominio musulmano desde o Vouga para baixo; só até este rio, antes da tomada de Lisboa (1147) podiam refrescar os navios vindos do norte da Europa. Durante quasi quatro seculos (757-1147) os nossos portos e os da Galliza eram o unico ancoradouro e refugio aos navegadores d'aquella procedencia, com os quaes se puzeram em relações seguidas, principalmente depois que começaram as cruzadas (1096).

Essas esquadras surgiam sempre, pelas necessidades da navegação, nos portos da Galliza e nos da nossa costa, sendo estes os ultimos em que os cruzados podiam deitar ancora e provêr-se de mantimentos até ao mediterraneo.

O contacto com os homens do norte e as lições dos genovezes de Gelmires, provocaram um progresso constante e ininterrompido no trabalho maritimo da provincia; a despeito da escassez de noticias iremos encontrando sempre provas incontestaveis da sua prosperidade.

[1] *Esp. Sagr.*, tom. XXII, doc. IV, pag. 93.

*
* *

Fundada a monarchia portugueza, a sua marinha de guerra nos tempos immediatos, apesar de se ter conservado do reinado de Affonso Henriques a memoria do almirante Fuas Roupinho, era todavia muito insignificante, segundo se crê geralmente.

Serviram-se no principio os reis, para a conquista de Lisboa e Silves, das esquadras dos cruzados. Uma d'estas, a que nos interessa particularmente, tendo partido de Dartmouth (Inglaterra) navegou para o noroeste da Hespanha; ajuntou-se primeiro na foz do Tambre (Galliza) celebrando os cruzados a festa de Pentecostes em Compostela. Descendo d'alli entrou no Douro a 16 de junho de 1147. Demorou-se aqui onze dias á espera do commandante geral — o conde Arnulf de Areschot, separado do resto da frota por um temporal. Aqui descançaram os cruzados e se forneceram de viveres; aqui concertou Affonso Henriques com o chefe a expedição de Lisboa [1].

Após este grande acontecimento poderam então os navios do norte ancorar nas aguas do Tejo; só muito tempo depois, quando a côrte se estabeleceu ahi, se pensou em dispôr a marinha de guerra d'uma maneira mais effectiva. Emquanto ella residiu em Coimbra, tudo se resumia n'algumas fustas e pequenas galés que pela pouca calagem podessem subir o Mondego e atracar á cidade [2]. A côrte vivendo n'uma localidade do interior preoccupava-se sobretudo com as conquistas por terra, descurando o desenvolvimento maritimo.

Mas nas costas d'entre Minho e Vouga a marinha mercante progrediu sempre durante os primeiros reinados. No tempo de Sancho II o movimento da barra do Porto era sufficientemente avultado para o rei, na escriptura de concordia de 1238 [3],

[1] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, pag. 369 e seg.

[2] Fr. Francisco Brandão, *Mon. Lusit.*, part. V, cap. XII.

[3] Incluida na Bulla de Innocencio IV; em J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, tom. IV, part. II, doc. III.

ceder ao bispo e igreja portugalense parte dos impostos, percebidos sobre as mercadorias importadas — « de pannis et de quibuscunque ducantur ad Civitatem Portugalensem, vel Portum Dorii... et si alique merces in portu aliquo de *navigiis* venientibus ad Portum extrahantur et ipsis mercibus sicut de aliis que in eisdem *navibus* defferuntur ad Portugalensem... mando quod nichil faciant (os decimarii — dizimeiros do rei) in *barcis* vel extra *barcas* sine eo (o decimarius do bispo)... » Posto que estas palavras sejam laconicas demais para se avaliar bem a extensão do commercio maritimo, em todo o caso elle não seria de pouca importancia, visto os impostos não só permittirem uma partilha, mas a parte deferida ao bispo entrar na composição como um elemento de valia.

A intensidade d'esse trafego internacional é revelada pelo Decreto [1] de Affonso III de 1253, endereçado aos habitantes do norte — « toti populo a Minio usque ad Dorium ». Este endereço especial mostra que a região indicada constituia n'essa época uma unidade economica á parte. Não admira: a sua sociedade tinha já uma longa historia e estava definitivamente formada muito antes da monarchia: no centro e sul pelo contrario a população sarracena não teria ainda assimilhado as instituições introduzidas pelos conquistadores. Ahi as condições da vida seriam diversas e por isso a noticia que o rei *ia quebrar a moeda* não produziria o panico, manifestado logo aqui pela subida anormal de todas as mercadorias. É de crêr que nem lá se vendessem os mesmos objectos: em todo o caso o susto pela *falsificação official* da moeda mostra uma engrenagem economica complicada na região, á qual o rei se dirigia, procurando remediar um mal com outro talvez maior na estipulação « per quanto pretio una quaque res especialiter venderetur a Minio usque ad Dorium. »

O Decreto, taxando o preço das differentes mercadorias, traçou um quadro da nossa vida economica do seculo XIII: d'elle se vê, este unico ponto nos interessa agora, que dos nossos por-

[1] *Port. Mon. Hist.; Leg. et Consuet.*, pag. 191 e seg.

tos se commerciava activamente com a Inglaterra, Hollanda, Flandes e França. Em toda a provincia vendiam-se fazendas provenientes d'estes paizes, as quaes eram importadas por via de mar e trocadas por outras, produzidas aqui: tal é a determinação do rei — «mando... quod nullús mercator de extra regnum saquet merchandiam de regno nisi duxerit aliam pro illa que se ualeat cum illa. Et mando... quod merchandia que pertinet ad mercatorem non extrahatur per terram sed tota ueniat ad portus...»

Este commercio com o norte era feito em grande parte directamente pelos proprios burguezes do Porto e por isso devemos suppôr que os navios lhes pertencessem; sabemos que em França andavam muitos portuenses excommungados desde Sancho II, pois pela composição de 1248, o bispo Pedro Salvadores ficou de providenciar sobre a sua absolvição [1].

A venda dos artigos estrangeiros subentendia um trabalho local correlativo, de modo que os productos importados podessem ser pagos por equivalentes de producção interna, sendo os pagamentos a dinheiro prohibidos com todo o rigor. Para obstar á extracção da moeda que se considerava a verdadeira riqueza, faziam-se nos portos os *lealdamentos* [2]. A segunda disposição, prohibindo o transporte por terra, subentendia uma navegação seguida que effectuasse a troca.

E de facto o foral de Gaya, conferido pelo mesmo monarcha em 1255 [3], deixa-nos entrever essa actividade maritima através o seu laconismo proprio de documento medieval. Designando os impostos a pagar quer pelo pescado quer pelos navios que transportassem mercadorias (mercaturas), o foral esboçou a largos traços a industria do mar n'esta época á foz do Douro.

Avaliando pelas suas determinações, a pesca era um trabalho culminante; fazia-se no rio e no mar; na agua dôce pescavam-se as especies actualmente exploradas; no mar acontecia o mesmo, accrescendo ainda a pesca da baleia!! Os pesca-

[1] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. III, liv. VI, pag. 45-46.

[2] Cardeal Saraiva (S. Luiz); *Obr. Comp.*, tom. V, pag. 366.

[3] *Port. Mon. Hist.; Leg. et Consuet.*, pag. 662.

dores não se limitavam a explorar unicamente a costa portugalense: demandando a da Galliza, para onde os levavam talvez as suas relações ethnicas, iam exercer alli a sua industria. Por lá se demoravam muito tempo, pois desembarcavam e tomavam pousadas em terra. Á medida que colhiam o peixe — a peseada, segundo parece, salgavam-na e remettiam-na em *caravelas*. O uso do peixe salgado entre nós, vê-se, remonta a tempos bem antigos.

Quanto ás embarcações, o foral distingue as do rio e do mar — «nauigium de riuo aut de mari». Umas e outras eram muito variadas, como se deve presumir pela diversidade da nomenclatura — *carauela, nauigio, barca, barca seeyra* (saveira?) *burcadus trincatus, burcia, naues, pinatia* (pinaças?). D'estas empregavam-se umas na pesca, outras no transporte das mercaturas; eram as ultimas provavelmente as que traziam as fazendas cujos preços foram taxados dois annos antes.

Para demonstrar a importancia da navegação fluvial no Douro, além do documento anterior existe um outro facto summamente significativo — a violenta discordia entre o rei e o bispo Julião a proposito do local onde seriam descarregadas as fazendas vindas pelo rio. Pretendia o bispo que a descarga se effectuasse na margem direita, cobrando n'este caso os impostos: Affonso III, querendo esses proventos para si e ao mesmo tempo engrandecer a sua povoação de Gaya, mandára fazer o desembarque na margem esquerda. D'este encontro de interesses resultou um grave conflicto que poz em risco a paz geral do reino. As peripecias d'elle não pertencem a esta narrativa: basta notar que só annos depois se liquidou a questão nas côrtes de Leiria, mau grado do bispo, permittindo novamente o rei aos habitantes do Porto o commercio do sal — «objecto de grande monta já n'essa época» que elle lhes tinha prohibido em represalia á mitra [1].

Da foz do Lima temos tambem noticias, relativas a esta época, pelo foral de Vianna [2] (1258-1262). Anteriormente existia

[1] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. III, liv. VI, pag. 29, 35, 36 e 48.

[2] *Port. Mon. Hist.; Leg. et Consuet.*, pag. 690. Veja-se tambem A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. III, liv. VI, pag. 55.

já a povoação cujo assento mudára por estes annos Affonso III, dando-lhe *de nouo* o mesmo nome. Por algumas referencias do foral conhece-se a existencia d'uma pescaria e trafego commercial maritimo. Determinando os impostos que teriam a pagar os pescadores, diz — «pront dare consueverunt in ipsa marina.» N'este ponto seguiu o costume antigo, ficando em vigor o mesmo imposto que d'antes costumavam pagar. Havia ahi tambem um commercio com a França e Berberia, visto o foral taxar as coisas que — «uenerint de partibus francie et de terra sarracenorum».

Taes são as escassas noticias que até este tempo foi possivel colligir: ellas mostram comtudo que a navegação era uma industria exercida aqui desde tempos remotos.

Volvendo a proseguir na exposição dos factos posteriores, convem referir antes, brevemente, o estado da marinha de guerra nacional n'este periodo.

Segundo Fr. Franc. Brandão [1] deve datar-se do mesmo rei, Affonso III, a organisação d'uma esquadra em Lisboa, apparecendo a primeira na jornada de Sevilha, quando em 1266 Affonso, o Sabio, pediu ao genro soccorro contra os mouros espanhoes e africanos.

Ainda assim devera ser pouco mais de nada, pois o successor d'aquelle — D. Diniz, recorreu aos Genovezes, como Gelmires dois seculos antes. Tendo fallecido o almirante Nuno Fernandes Cogominho, em 1 de fevereiro de 1317 [2] contratou o rei com Micer Manuel Peçanha (de Genova) o commando geral das suas frotas. Por esse contrato o estrangeiro confessou-se vassallo de D. Diniz, cedendo-lhe este o cargo do almirantado para si e seus successores varões, com certas terras e rendas.

Entre as clausulas do compromisso notaremos: 1.ª que «o meu corpo (*do almirante*) nom deve ir sobre o mar em vosso serviço (*do rei*) menos que com tres galés; 2.ª que se obriga por si e seus successores ter sempre vinte homens de Jenoa sabedores do mar taes que sejam convenientes para alcaides de

[1] *Mon. Lusit.*, part. V, cap. XII.

[2] *Ibid.*; part. VI, cap. LVI.

galés e para Araizes que vos saibam bem servir (*ao rei*)».

Da primeira clausula infere-se que o novo almirante não encontrou á sua chegada grande numero de vasos de guerra, aliás ella seria inutil. A segunda mostra a falta de marinheiros em Lisboa, capazes d'esses cargos.

O almirante vinha acompanhado de vinte genovezes, subchefes ás suas ordens. Se estes morressem ou fugissem, elle obrigava-se a mandar vir outros á sua custa.

E de facto tal era o atrazo d'esta marinha, que logo em 1320 Peçanha foi com D. Gonçalo Pereira solicitar da curia romana uma parte dos rendimentos dos bens da Igreja para as despezas d'ella: D. Diniz pela sua avareza proverbial não estaria disposto a fazer do proprio bolso as reformas reclamadas pelo novo almirante.

O Papa João XXII concedeu-lhe «a decima de todo o Ecclesiastico de Portugal por tres annos, que se tiraria da que seu antecessor Clemente V tinha por espaço de seis applicado no Concilio de Viena para a guerra, & soccorro da Terra Santa, exceptuando só aos cavalleiros da Ordem do Hospital» [1]. No mesmo anno começou a 7 de novembro a execução da bulla no Porto, seguindo-se em Braga e nos outros bispados.

D'este augmento de receita, para o qual concorreu o norte com não pequena percentagem, data o maior desenvolvimento da marinha de guerra e a repressão mais efficaz da pirataria barbaresca; comtudo Fr. Franc. Brandão observa — «circumstanciar os successos navaes é cousa impossivel pois as historias antigas os deixaram em silencio» [2].

Mas na marinha mercante do Porto continuamos a encontrar n'este mesmo seculo testemunhos irrefragaveis do seu progresso constante. Temos de passar em claro, é verdade, um periodo assás largo, dentro do qual não foi possivel averiguar qualquer facto; mas os que vamos mencionar, 66 annos depois do Foral de Gaya, mostrarão de sobejo que a industria mari-

[1] *Mon. Lusit.*, liv. XIX, cap. XIX.
[2] *Ibid.*

tima tinha progredido, crescendo como a vegetação de antiga sementeira. Era a consequencia dos esforços pertinazes e obscuros que fomos notando anteriormente. Durante a formação da monarchia, o norte desenvolve sempre persistentemente o seu trabalho. Era ajudado, é verdade, pelos reis que vinham examinar por si mesmos as questões locaes. Basta citar o exemplo de Affonso III, que, residindo aqui por largo tempo, á beira-mar concedeu o foral a Gaya, restaurou Vianna, Valença e Villa Nova da Cerveira; no interior reformou Vinhaes, Mirandella, Freixo, Villa Real e Villa Flôr [1].

A acção governamental, estimulando a iniciativa popular, produzia uma prosperidade real.

Em 1324 (éra de 1362) um anno antes do fallecimento de D. Diniz, o concelho do Porto formulou uma *cedula*, relativa aos fretamentos, estatuindo entre outras clausulas — «que as Naaos e Navios que se ouverem de *fretar no Porto* pera averem de carregar d'aver de peso, e outro sy algũas Naaos, se as aqui *fretarem pera Lixboa os visinhos da Villa* pera aver do peso, que sejam fretadas per quatro homeẽs boõs da cidade, os quaees homeẽs boõs *sejam d'aquelles, que pera Frandes carregarem em as Naaos e Navios*, e enlegerem antre sy» [2].

Eis-ahi claramente demonstrada n'estas singelas palavras a existencia d'uma esquadrilha de Naus e Navios nas aguas do Douro, commerciando com o norte da Europa e sul do reino. O texto da *Ordenação Affonsina* exprime-se de tal modo que nos deixa logo na primeira leitura a impressão d'um grande adiantamento realisado durante o periodo que passamos em claro. Um progresso provoca outro; se a navegação se tinha desenvolvido, com ella estendera-se tambem o commercio. A sequencia do texto da Ordenação mostra mais que já então o Porto possuia a mesma hegemonia commercial de hoje.

Não agradando em geral aos negociantes a clausula da cedula, alguns mercadores do Porto, Braga, Guimarães, Vizeu,

[1] M. Severim de Faria, *Not. de Portugal, Discurs.*, I, pag. 7.

[2] *Ord. Affons.*, liv. IV, tit. V.

Chaves e outros logares, *querellarom-se* a Affonso IV pelo aggravamento que recebiam dos lançadores. Resolveu o rei a pendencia no *dito logo do Porto* em 1356 (éra de 1393) sustentando a postura: mandou comtudo intervir os seus officiaes n'esses contratos e accrescentou outras disposições.

Se compararmos a data do ajuste de Peçanha (1317) com a da cedula portuense, percebe-se que o progresso não podia resultar do ensino dos genovezes recem-chegados. Crê-se geralmente que foram elles os mestres. Tal opinião é inexacta. Os factos anteriores á cedula seriam bastantes para mostrarem o erro: os referentes a esta são decisivos. Em tão curto praso (sete annos) era absolutamente impossivel construir essas Naus e Navios que faziam o trafego do Minho, Traz-os-Montes e Beira marginal do Douro — commercio bastante grande para uma simples estipulação sobre fretamentos desafiar reclamações geraes. Esse ensino na parte que respeita ao norte não vinha evidentemente dos genovezes de D. Diniz: era antes a consequencia de trabalhos muito antigos, cujos diversos termos procurei descrever tanto como me permittia a raridade de noticias.

D'um artigo de exportação ordinaria n'esta época temos conhecimento pelo *Escambo* [1] entre o Bispo e o concelho do Porto, no principio do mesmo reinado de Affonso IV, em 1331. Diz o documento — «Item quanto he em feyto dos Almudes do ssal dos Anaaos, que *vam a França*, que a Eigreja quer que pague, como sse *fossem a Vouga...*» A questão dos Almudes (impostos de entrada ou de consumo) mostra que o negocio augmentára desde Affonso III; a existencia do item e a nomeação dos peritos para resolver o litigio provam a importancia d'elle; por isso seria constante a cabotagem do Vouga ao Douro, e d'este sahiriam frequentemente navios carregados de sal para os portos francezes.

De Affonso IV (1325-1357) não restam infelizmente memorias detalhadas das coisas maritimas. A perda de documentos

[1] Escambo do Bispo e Cabido do Porto com o Concelho da mesma cidade (éra de 1369, an. 1331) em J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, tom. V, pag. 278.

*

e escriptos deixa em grande obscuridade este reinado, no qual se começaram as navegações em torno do continente africano, visto terem-se descoberto então as ilhas Canarias, como conta o proprio rei na sua carta ao papa Clemente VI [1].

Dos papeis perdidos constariam, é de crêr, factos de maior interesse, quando esses poucos precedentemente apontados mostram tamanho adiantamento na marinha mercante. Acontecia o mesmo na de pesca. Teremos de recorrer ainda a um caso isolado: felizmente elle é bem significativo. Pelo tratado reciproco de 1353 entre os moradores do Porto e de Lisboa com Eduardo III, ficavam elles auctorisados a irem pescar nas costas da Inglaterra. «Hoje isto parece paradoxo», diz J. Bonifacio d'Andrade [2], reproduzindo o teor do contrato. «Não era decerto hoje, accrescenta o snr. Oliveira Martins [3], que tal tratado poderia negociar-se; hoje que as nossas lanchas de pesca só acossadas pelos temporaes se alongam até á bahia da Biscaya.»

De facto as armações de pesca do tempo, e especialmente as d'entre Vouga e Minho, deviam ser immensamente superiores ás actuaes, segundo denuncía não só o facto anterior, mas tambem outros não menos importantes que serão referidos adiante.

Nos dez annos de Pedro I domina ainda maior escuridade; mas no ultimo quartel d'este mesmo seculo a labutação pela barra do Porto havia attingido tal incremento que Fern. Lopes menciona entre as grandes rendas de D. Fernando logo no principio do seu reinado (1367-1383) os rendimentos aduaneiros d'ella — «afora as rendas da alfamdega de Lixboa e Porto, das quaes el Rei avia tanto que aadur he ora de crer» [4].

Da iniciativa de D. Fernando conservou-nos felizmente a memoria o seu primoroso chronista. Como é de presumir das medidas do rei, vinham carregar muitos navios de fóra; mas elle considerando — «que o proveito que aviam dos fretes os

1 Costa de Macedo, *Mem. da Acad.*, 1.ª serie, tom. VI, part. I.

2 *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 330, nota 6.

3 *Portugal nos Mares*, pag. 230.

4 Fern. Lopes, *Chron. de D. Fernando*, proem.

navios extrangeiros, era melhor pera os seus naturaes, des i muyto moor homrra da Terra» [1], favoreceu as construcções e armações maritimas, ordenando a série de providencias geralmente conhecidas [2].

Além d'essas, estabeleceu duas *borsas*, companhias de seguros maritimos, uma em Lisboa e outra no Porto. N'estas sociedades entravam só «navios tilhados que em seu reino ouvesse, des çimquoemta tonees pera çima» [3]. Embarcações d'esta lotação havia sem devida havel-os a segunda cidade do reino, aliás não seria mencionada. Eram provavelmente as que navegavam para o norte da Europa, já talvez desde Affonso III.

Consoante se deprehende da Carta de lei de D. João I, de 1435, a *bolsa* do Porto funccionou com regularidade e beneficio geralmente reconhecido até ao seu tempo; então *por rezom da guerra e outras neçiçydades e embargos que se seguirom*, deixou-se de arrecadar o imposto com o qual se constituia o fundo do seguro; mas o rei, por petição do *Concelho e homens boons* do Porto, mandou pôr novamente em vigor a instituição de D. Fernando [4].

A influencia benefica d'este monarcha apparecia sempre onde havia um trabalho a proteger ou a estimular. Gozando d'um privilegio d'elle, os reguengueiros de Bouças, Mathosinhos, Amoroussa (Amorosa?) e d'outros logares proximos occupavam-se activamente no trabalho do mar. O privilegio cahiu depois em desuso, mas conhecendo-se a sua utilidade foi renovado por D. João I em 1394 [5].

Não era só para o norte da Europa e Lisboa que navegavam ousadamente os nossos avós: elles tinham demais uma constante e activa navegação para o Mediterraneo, como provam os dois factos seguintes com os quaes terminaremos este esboço da nossa historia maritima medieval.

1 Fern. Lopes, *Chron. de D. Fernando*, cap. XC.
2 *Ibid.*
3 *Ibid.*, cap. XCI.
4 J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, tom. I, doc. 85.
5 *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 332, nota *c*.

Em 1401 (éra de 1439) a Camara do Porto accordou que se podessem carregar para o *Levante* cento e dez milheiros de sardinha [1], o que não era um facto singular; pois por este mesmo tempo (an. 1405, éra de 1443) os pescadores de Leça, Mathosinhos e dos *outros logares do redor* iam vulgarmente vender pescado a *Aragom* [2]: *fazendo-se marinheiros*, elles pretenderam eximir-se das *vintenas do mar;* por causa da pretensão deixou a Ordenação consignado o grande desenvolvimento da pesca, assim como as boas armações então existentes, visto não ser possivel com as actuaes emprehender tal viagem e transportar a mercadoria. Devemos igualmente presumir na nossa marinha muito maior adiantamento que na do sul; se os pescadores d'esta ultima região se *fizessem marinheiros,* como os de cá, teriam pedido a mesma isenção e a Ordenação teria-os nomeado. Accresce que os maritimos de Leça, Mathosinhos e dos *outros logares do redor*, estando muito mais longe do Aragon que os de Lisboa e Algarve, não receavam, se a tinham, a concorrencia d'estes. O pescado para o Levante era transportado em caravelas, especialmente construidas para tal fim. Este commercio estendia-se do Porto até Vianna, segundo ficou explicito da resolução das côrtes de 1456 [3].

O trabalho do mar florescia pois na Idade-Média em todos os portos d'entre Vouga e Minho; as suas naus, caravelas e mais embarcações navegavam com frequencia para o norte, sul e leste.

O forte e livre regime antigo dava fructos abençoados. Os reis, percorrendo todas as localidades, ouviam as queixas e administravam justiça por igual. O mecanismo governamental se era pesado e tosco, adaptava-se perfeitamente á diversidade de gentes e condições da nação. Cada uma das raças, que habitam esta cinta do littoral, podia desenvolver-se desembaraçadamente segundo a sua capacidade progressiva. Não se tinha

[1] *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 332, notas *a* e *b*.

[2] *Ord. Affons.*, livr. I, tit. 70, 7.

[3] Lacerda Lobo, *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 333, nota *b*.

operado a profunda revolução politica que nos reinados subsequentes vestirá a monarchia á italiana com uma verdadeira capital — a que pela exiguidade do territorio terá de absorver tudo para sustentar a grandeza correspondente, posto que illusoria. O governo não se transformára por emquanto em bomba aspirante, fazendo convergir todos os elementos de progresso n'um ponto dado.

Durante a primeira dynastia augmenta incessantemente, pela unica expansão das proprias forças e energia dos seus homens, a riqueza do norte — a agricultura, a industria e a navegação com o commercio internacional.

D'esta pujança da vida maritima, subsiste uma reminiscencia na legenda dos Doze d'Inglaterra. Camões, reproduzindo essa tradição, sem duvida corrente no seu tempo, faz apparelhar no Porto e d'aqui partir o navio romantico, que no principio do reinado de D. João I transportou os onze cavalleiros ao torneio inglez, em desaggravo das « damas gentis » d'aquella côrte:

Lá na leal cidade, d'onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
. . . . . .

Já do seu Rei tomado têm licença
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez experimentado.
. . . . . .

(*Lus.*, cant. VI, est. LII e LIII).

(Continúa).

Alberto Sampaio.

A REFORMA ADMINISTRATIVA

E A DEMOCRACIA

I

A THEORIA

É voz publica que em breve teremos uma nova reforma administrativa e este facto, junto á reconhecida necessidade de melhor assegurar o bom senso, a probidade e a justiça na organisação e exercicio das corporações administrativas, leva-me a julgar opportunas as considerações que passo a expôr.

A abolição de todos os privilegios de classe e a igualdade perante a lei, a tendencia a nivelar a dignidade de todas as condições emquanto não se afastem de determinados limites moraes, o reconhecimento da possibilidade de todas as capacidades em todos os homens sem outra dependencia que não seja a aptidão individual, banindo radicalmente quaesquer direitos provenientes de filiação ou nascimento, esta especie de democracia é um facto consummado na sociedade portugueza, é um sentimento que a alma nacional definitivamente conquistou.

Mas é um sentimento apenas; pois que se alcançou regular mais ou menos inteira e livremente as relações civis, o trato de individuo a individuo mantem-se n'uma esphera como extra-juridica e não logrou traduzir-se por igual nas instituições e nas relações politicas. Ahi, esse sentimento reconhecido em di-

reito é illudido de facto; e a justa partilha dos direitos e responsabilidades politicas, essa igualdade, consequencia d'essa outra já conquistada, não se realisou ainda.

Pensadores e publicistas, e aqui e além um ou outro estadista a quem impulsos ou condições transitorias permittiram um momento de sincera confissão, reconhecem que até hoje as revoluções democraticas não conseguiram o tão famoso governo do povo pelo povo. Ao poder absoluto dos reis substituiram-se governos absolutos de toda a especie, entre os quaes avultam pela frequencia dictaduras militares, oligarchias capitalistas ou mesmo hybridos d'estes dois generos como agora succede no Brazil. Um legitimo governo representativo, a expressão dos interesses e da vontade d'um paiz regulando a administração do estado, é raro se porventura existe.

Todavia, se não me illudo, essa representação é a condição inalteravel da riqueza, da prosperidade e da segurança d'uma nação.

Examinemos o que acontece nos governos em que a representação é falseada ou illudida por uma organisação politica viciosa. Não fallarei das oligarchias capitalistas, ecclesiasticas ou d'outra especie, porque essas tendo exclusivamente em vista não o interesse de classe, o que já consentiria perdão, mas o interesse da nata de uma classe, essas, digo, não são governo de uma nação; são uma empreza rendosa que se estabelece nas sociedades incipientes ou em decomposição, sem cohesão organica que lhes permitta vida propria: quero apenas referir-me aos governos absolutos em que uma auctoridade superior só por si rege, legislando e impondo o cumprimento da lei. Ora essa auctoridade necessariamente ha de ter agentes, militares ou civis, pouco importa, que transmittam e executem as suas ordens e aconselhem os seus mandados. Esses agentes vivem dos tributos impostos ás demais classes da mesma sociedade, e porque pela ordem natural das cousas só cabalmente conhecem o seu interesse particular, d'ahi provém erros e discordias. Uma auctoridade superior materialmente impossibilitada de conhecer uma nação inteira, agentes e conselheiros desvairados

pelo interesse proprio e, como consequencia, pobreza, luctas intestinas, aventuras e desastres de guerra, humilhações e perda da independencia — eis o balanço final de todos os governos absolutos.

A representação é pois uma necessidade n'um verdadeiro organismo social. Se a historia nos demonstrou quanto eram illusorias as doutrinas dos que julgaram que todo o progresso consistia na abolição gradual do Estado, simultaneamente demonstrava-nos a necessidade de relações constantes entre o cerebro e o corpo; depois de nos ter convencido de que um organismo acephalo era uma utopia, esperar que esse cerebro podesse dispensar relações d'acção e de reacção com o proprio corpo sem produzir a morte de todo o organismo seria nova utopia, a mais pueril e imperdoavel.

Reconhecida em principio a necessidade da representação nacional, logo surge um problema da maior gravidade: determinar o modo de effectual-a para que seja legitima.

N'este ponto, seja-me permittido repetir o que n'outro tempo e n'outro logar escrevi [1]:

« As democracias têm morrido ás mãos do imperialismo porque não têm sabido dar-nos a ordem, segurança e grandeza que esta fórma de governo representa; e têm morrido ás mãos do radicalismo, ou porque igualmente não souberam estabelecer a ordem e n'este caso o radicalismo é apenas symptoma de anarchia; ou porque, por um vicio de funccionamento, permittiram a formação de oligarchias capitalistas e identicas, e n'este caso o radicalismo é a consequencia d'um sentimento de justiça, a equidade na distribuição da riqueza. É necessario pois que a democracia se inspire n'estas duas necessidades para que possa resistir á ruina que, na experiencia de quasi um seculo, tem seguido tão de perto o estabelecimento dos governos populares.

« Os meios que a razão e a historia nos indicam para che-

[1] *A Democracia, estudo sobre o governo representativo.* Porto, 1888.

gar a este fim não differem essencialmente dos que nos aconselhavam os philosophos que tiveram tão grande parte nas revoluções contemporaneas. Demonstrada a impossibilidade do exercicio directo da soberania popular, a representação por meio de delegados surge naturalmente como o unico meio de governo democratico.

« Vêmos porém que a representação não evitou as *influencias sinistras* de que falla Bentham; pelo contrario, no regimen representativo, essas influencias mudaram de classe mas resurgiram com a força que talvez nunca tivessem tido sob o antigo regimen. E não só resurgiram mas multiplicaram-se; veja-se de quantas especies parasitas estão eivadas as democracias, desde os deputados directores de grandes companhias até aos emprezarios politicos das aldeias. Parece pois que a questão capital é, pela segunda vez, livrar a politica das *influencias sinistras*, isto é, tornar legitima a representação nacional, de fórma que ao interesse das oligarchias se substitua o interesse da collectividade.

« Para isso qual deverá ser a base da representação? O suffragio universal está julgado. Sendo impossivel constituir o quer que seja de homogeneo com elementos heterogeneos, todo o interesse social desapparece, e fica livre o campo á formação das tyrannias que a corrupção mantem. Isto é hoje um facto repetido centenas de vezes; já não são simples presumpções.

« Na sua obra celebre sobre as origens do governo representativo na Europa, Guizot adopta, como base do systema, a Razão. Ha, segundo elle, na sociedade uma somma de idéas justas, de sabedoria, de intelligencia. Estes elementos estão dispersos; é preciso saber colhel-os, concentral-os, constituil-os em governo e assentar a auctoridade sobre a capacidade.

« Mas por onde aferir a capacidade? Quaes as provas necessarias para admittir o cidadão a intervir directamente nos negocios publicos? Sobre que basearemos a presumpção de que votará reflectida, livre e conscienciosamente? O censo? A instrucção?

«A propriedade suppõe capacidade administrativa e independencia desde que attinja certas proporções; mas para muitos, para o maior numero talvez, o censo é simplesmente uma presumpção de fortuna, não tendo coisa alguma de commum com as aptidões politicas e consagrando arbitrariamente o privilegio d'uma oligarchia de ricos com exclusão do resto da nação.

«A instrucção fornece uma prova de capacidade talvez mais fallivel ainda do que o censo. Por maiores que sejam as provas de intelligencia não podem garantir-nos a capacidade politica. Um sabio de primeira ordem póde ser um mau eleitor, um operario póde tornar-se um excellente eleitor. Tudo depende de saber a que se applica o seu voto e em que condições o vai dar.

«Não havendo meio de reconhecer a capacidade, torna-se necessario adoptar uma outra base de representação. E não póde ser outra senão a que a razão e a historia nos aconselham — o interesse social.

«Para podermos aceital-o como fundamento da representação, carecemos primeiro de distinguir entre duas noções absolutamente differentes e tão frequentes vezes confundidas — a eleição e a representação.

«Para nós, e em geral para todos os que aceitaram o systema representativo, a eleição e a representação são noções identicas, confundimol-as intencionalmente; não concebemos mesmo uma sem a outra, e não admittimos que um cidadão possa representar outros cidadãos se não é eleito por elles.

«Em theoria, estas duas noções da representação e da eleição são todavia absolùtamente distinctas. Podemos, com a eleição directa, ter mandatarios que em nada representam a opinião de todos os votantes: podemos, com a representação de collectividades de interesses, obter um corpo representativo fiel e sincero, posto que poucos eleitores tenham tido parte no voto.

«O mandatario eleito pelos seus concidadãos por maioria de votos, sobre uma questão de principios, não representa nem

a minoria nem todas as *nuances* da maioria; nada garante que elle comprehendeu ou não atraiçoará a vontade dos seus eleitores. O delegado d'um grupo, ou seja eleito ou deva o seu mandato á antiguidade, á sorte, á sua funcção, á capacidade, á situação preponderante, etc., tem não só as convicções mas os interesses do seu grupo, e não deixa de estar de accordo com os seus mandantes senão trahindo-se a si proprio.

«O fundamento racional da representação das collectividades de interesses, em vez da representação do numero, é esta coincidencia dos interesses individuaes dos representantes com os interesses da collectividade. O bem publico é uma abstracção que, com excepção d'um numero muito restricto de pensadores, não tem realidade nem valor objectivo; debalde o invocaremos para solicitar uma politica intelligente e justa. Mas appellemos para o interesse, fundamos n'um só o interesse do individuo e da collectividade, e os conselhos do egoismo não permittirão que os representantes se afastem do bom caminho.

«Depois, ainda no campo racional, que significa o voto individual? Como ser politico, é porventura o individuo alguma coisa independente das relações sociaes? Para que a representação seja legitima e verdadeira é preciso representar essas relações e não um numero composto de unidades que só por si não têm existencia social.»

II

A APPLICAÇÃO

Necessidade indeclinavel da representação politica para a boa ordem social e representação de classes, como unica legitima — eis os dois pontos capitaes que deixamos assentes, reflectindo em abstracto sobre a organisação politica das democracias.

Mas ha uma larga distancia entre a doutrina e a sua realisação pratica, sendo aquella imperativa e absoluta, constituida por dependencias logicas, sendo a ultima levada por compro-

missos de differente natureza, constituida por dependencias de factos, nem sempre conformes e frequentes vezes contradictorios.

Ora no caso presente, quando tratamos de applicar a doutrina que deixamos exposta á organisação das corporações administrativas, é mister ponderar que não vamos crear uma sociedade nova mas apenas reorganisar uma sociedade existente. Boa ou má, existe uma organisação administrativa e com ella direitos e interesses creados. Pouco importa que sejam justos ou injustos, legitimos ou illegitimos; existem, são uma força em acção, e o estadista que inteiramente deixasse de attendel-os, teria por esse facto condemnadas as suas obras.

Abolir n'um momento os direitos politicos d'alguns milhares de eleitores, embora seja por seu interesse e embora tanta vez tenham usado esses direitos em prejuizo da sociedade, empenhando-os n'uma mercancia ignobil, é impossivel, seria levantar uma agitação perigosa e, mais do que esteril, contraproducente para o fim que temos em vista. Mas crear ao lado das instituições existentes novas instituições que as corrijam e moderem no que tiverem de insensato ou nocivo, é sensato e pratico e util.

Quizera pois que ao lado das corporações municipaes actuaes eleitas, póde dizer-se, por suffragio universal, fossem creados conselhos municipaes em cuja eleição unicamente regularia a representação de classes e respectivos interesses.

Assim poderiamos estabelecer como regra geral tres especies de capacidade, baseada nos tres principaes agentes da vida social:

a) a terra;

b) o capital e o trabalho;

c) o saber.

D'aqui, levando agora em conta o que dissemos quanto a distinguir entre eleição e representação, e tendo como principaes representantes os que maiores interesses tiverem na respectiva classe, poderiamos organisar o corpo eleitoral dos conselhos municipaes da seguinte fórma:

a) os quarenta maiores contribuintes de contribuição predial;

b) os quarenta maiores contribuintes de contribuição industrial;

c) os clerigos de ordens sacras, os que tivessem completado o curso d'uma escóla superior, os empregados publicos de determinada graduação, os professores primarios, etc.

Cada uma d'estas classes elegeria determinado numero de membros, de fórma que o conselho tivesse numero igual ao dos vereadores municipaes.

Acontece porém que a maioria dos concelhos do reino são principalmente agricolas, e se fossemos a apurar os quarenta maiores contribuintes de contribuição industrial, teriamos de descer tanto que iriamos comprehender no corpo eleitoral cidadãos cuja industria e respectivo valor social é nullo. Assim poriamos em igualdade de circumstancias interesses de differente grandeza, o que prejudicaria pela base uma organisação racional. Seria pois necessario marcar um limite de contribuição para ter direito a ser eleitor nos conselhos municipaes, limite que só poderá determinar-se tendo em vista os mappas de contribuição industrial, documentos de que careço.

Nos concelhos em que se désse o caso de não haver quarenta contribuintes que attingissem o minimo determinado por lei, ou n'aquelles em que succedesse encontrarem-se em identica situação os eleitores de capacidade litteraria, seria necessario adoptar uma regra que sem dar á classe representação especial que não lhe cabia, não prejudicasse absolutamente os legitimos direitos dos que tivessem a capacidade necessaria. Essa regra não poderia ser outra senão a juncção dos que tivessem a capacidade requerida a qualquer dos outros dois corpos eleitoraes ou mesmo a fusão em um só corpo quando simultaneamente os eleitores de capacidade litteraria e industrial não alcançassem numero legal sufficiente para a constituição em separado.

Estes seriam os principios geraes da organisação dos conselhos municipaes, pois Lisboa e Porto e talvez ainda qualquer

outra cidade, necessariamente teriam de adoptar systema mais complexo, visto o maior numero de profissões e classes.

Quaes seriam as attribuições dos conselhos municipaes? As que mais influem na vida local das povoações, aquellas que reclamam mais tino e seriedade e que hoje pertencem ás camaras municipaes ou a corporações eleitas por processos semelhantes.

O mais rapido exame das attribuições das camaras municipaes logo nos mostra que nenhuma funcção mais importante exercem do que o lançamento de impostos, a applicação dos dinheiros publicos e o equilibrio entre a receita e a despeza. É geralmente sabida a febre de despezas em que todos os municipios se têm lançado sem a mais ligeira consideração da capacidade tributaria do povo e sem o menor cuidado da productividade e influencia do dinheiro dispendido. Um systema eleitoral de livre e desenfreada concorrencia entrega a gerencia dos municipios a ambiciosos que para manter-se gastam sem o menor escrupulo, e o mais das vezes com refinada imbecilidade, sem consciencia do mal que fazem, sem tino nem discrição para fazerem melhor. É urgente dar influencia real na administração municipal áquelles que por seu proprio interesse são levados a dispender menos e a dar melhor applicação ao que dispenderem; só aquelles cujos interesses coincidem com o interesse do povo poderão ter na devida conta a boa administração. Hoje, é d'uma boa fé pueril esperar alguma coisa de mobis puramente moraes.

Um outro facto succede com a maior frequencia e o maior prejuizo da boa administração, e é que muitas vezes a administração é má contra conhecida vontade do povo, só porque alguem com vergonhoso despejo apoderou-se do recenseamento eleitoral e eliminou todos os que eram contrarios á sua facção. Isto é infelizmente vulgarissimo e a prova do caracter dos nossos costumes politicos.

Sem pois pretender alargar as attribuições dos conselhos municipaes além do que é de maior urgencia, quizera que lhes competisse:

a) a organisação do recenseamento eleitoral;

b) o lançamento de impostos e a discussão e emenda do orçamento da receita e despeza municipal.

Inutil será accrescentar que a creação dos conselhos municipaes não dispensaria providencias d'outra ordem. Assim torna-se necessario, por exemplo, que findo o praso para a interposição de recursos sobre o recenseamento eleitoral, o conselho entregue ao juiz de direito da comarca não só os processos sobre que versasse o recurso mas o proprio recenseamento que ficaria nas mãos do juiz, para que este fizesse todas as alterações que os tribunaes ordenassem, até julgamento final; e para evitar ainda falsificações subsequentes, o juiz só devolveria o recenseamento ao conselho municipal quando tivesse sido publicado na folha official.

Muitas outras providencias complementares seriam necessarias; apontei apenas esta como mais urgente.

Organisado o conselho, este seria a unidade para as organisações politicas superiores. As juntas geraes dos districtos seriam, como já foram sem maior inconveniente, eleitas pelas camaras e conselhos municipaes reunidos ou pelos seus delegados.

A conclusão d'um tal systema seria ainda a camara dos deputados eleita pelos delegados das camaras e conselhos municipaes, e a camara dos pares convertida n'uma legitima representação de classes.

Se outras vantagens não tivera o facto de tomar o concelho como unidade politica, teria ao menos a de reduzir ao minimo o numero de eleições, cuja repetição e frequencia ninguem de sinceridade e intelligencia deixará de deplorar. O paiz está corrompido e cada eleição é um fermento que agita, revolve e traz á luz e á acção a vaza mais putrida da nossa sociedade.

Jayme de Magalhães Lima.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

IX

ALFARROBEIRA

O regente e o seu partido viam aproximar-se janeiro de 46, em que Affonso V completava quatorze annos, idade para reinar. Consideravam, como era facto e o tempo mostrou depois, que ao caracter do soberano faltava energia, apesar da violencia tumultuosa demonstrada já nos seus verdes annos, que tinha a intelligencia curta, e que a fidalguia esperava com ancia o momento do rapaz ser rei, para se lançarem como falcões sobre o reino. O regente e o seu partido combinaram uma comedia a que Affonso V se prestou de bom grado. Convocaram-se côrtes em Lisboa, e perante ellas o rei tomou conta do governo com um discurso do desembargador Mangancha, que, ao acabar, de joelhos e sorridente, lhe entregou a vara da justiça. O sorriso do desembargador, porém, queria dizer que, logo tres dias depois, Affonso V havia de declarar-se creança de mais para o governo, como em seu nome o participou o mesmo Mangancha ás côrtes, accrescentando que o rei se declarava igual-

[1] Continuado da pag. 448, do numero de abril.

mente bem casado, para desmanchar duvidas aos que as tivessem áccerca dos esponsaes de Obidos. O auctor d'esta combinação, bem ou mal urdida, foi decerto o letrado ardiloso.

O ardil, porém, dando aos argumentos dos contrarios uma apparencia de razão, voltava-se contra quem o empregára. Succede quasi sempre assim. Agora já o duque de Bragança não carecia de excitar o filho, porque era o conde de Ourem que levava atraz de si o pai, de mãos dadas com o arcebispo de Lisboa, restaurado no seu solio pelo regente e por amor da paz. Todos em côro estontearam a cabeça do rei, obrigando-o a desdizer-se, e a reclamar o governo e a mulher. Recebeu-a nas bodas de Santarem (47), e logo em seguida o reino que o regente lhe entregou [1]. N'esse dia, todos começaram a voltar-lhe costas, como era natural.

O duque de Bragança estava em Chaves, quando isto aconteceu. Os setenta annos não lhe pesavam; sentia-se leve e alegre e robusto, agil como aos vinte. Saltou n'um pulo a cavallo, arrebanhou a sua gente de guerra, e desceu como um raio, galgando o Marão, Tamega abaixo, até Guimarães. De Guimarães foi a Ponte de Lima, de Ponte de Lima ao Porto, e por todo o Minho tirava aos creados do ex-regente os officios que tinham por el-rei, expulsando-os como traidores, mandando velar e roldar os castellos contra D. Pedro. O reino pertencia-lhe.

A côrte continuava em Santarem e o conde de Ourem estava em Torres Novas, alli ao pé, no seu quartel-general, commandando as manobras. Junto do rei pozera como protonotario um certo Berredo, que em Roma aprendera todas as artes e manhas das côrtes italianas, *training* exercitado em vinte seculos de politica, e que á astucia juntava auctoridade e «solta audacia de dizer», por ser homem de grandes letras. Esse Berredo era o confidente do rei, e a proposito de despachar os negocios da Curia, propinava ao rapaz em dóses graduadas, mas progressivas, o veneno do odio a D. Pedro; ao mesmo tempo que para com este era mel, com olhares ternos e

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, LXXXVI a VIII.

palavras dôces. Quando achou o rei saturado e prompto, fez-lhe uma profissão de fé patrioticamente solemne, batendo no peito com gesto grave, affirmando a sua lealdade inquebrantavel e dôr immensa por ter de denunciar o plano de D. Pedro, que queria tirar-lhe o reino para o dar aos proprios filhos. O fim d'esta scena era levar Affonso v a Torres Novas, para ahi a continuar.

Affonso v estouvadamente foi, e entregou-se desde logo nas mãos do conde de Ourem. Com o odio a ferver-lhe no peito, o conde, menos educado do que o Berredo, accusava o primo de se deixar governar por D. Pedro. Era rei; mas o rei verdadeiro continuava a ser o infante em Santarem. Pois não se offendia de passar por creança? Já era um homem. Visse bem: estava preparando a propria perda. — O rei scismava. Na sua cabeça impetuosa, mas debil, agitavam-se os sentimentos que o outro fazia vibrar, debatendo-se com a amizade e o respeito quasi filial que tinha pelo regente, sempre carinhoso e bom para com elle. Aos quinze annos, a gratidão falla alto. Indeciso, perguntava ao primo: Então?

Então? Era d'alli mesmo, emquanto estava livre da tyrannia do tio, mandar-lhe intimar que se fosse da côrte.

— Com tal engano, não! protestou generosamente Affonso v. Em pessoa o despediria eu.

Ourem condescendeu em que fosse assim, pois assim o queria; aconselhando que levasse os fidalgos da comarca armados, conforme fez. Mas D. Pedro, conhecedor d'estas tramas, logo que o rei entrou em Santarem, foi-se a elle e, com uma serenidade contrafeita, disse-lhe:

— Ha dez annos que por causa do governo abandono o que é meu: deixai-me ir a minhas terras cuidar do que me pertence.

Resolvia assim o pleito, declarando-se vencido. É a sorte inevitavel, quando se não combate com armas iguaes, e os inimigos usam das nossas e de outras ainda, que o respeito proprio nos veda empregar. O rei, satisfeitissimo, abraçou o tio n'uma verdadeira effusão. Partindo espontaneamente, tirava-lhe arrobas

de cima do animo, porque tinha o vago sentimento de commetter uma ingratidão e uma atrocidade. E quando o infante partiu para Coimbra, armado por causa do conde de Ourem em Torres Novas, o desafogo e a saudade combatiam-se no coração do rei. Era no fim de julho. Em Thomar, D. Pedro, vendo que o não atacavam, despediu as tropas e seguiu para casa, sósinho com os filhos [1], na situação em que o deixámos no capitulo precedente.

Á sua partida soou o regabofe, como em monteria, para todas as matilhas desatrelladas, depois das corridas atraz dos cervos pelas charnecas vastas. Todos os descontentes, todos os despeitados, todos os cubiçosos, todos os pescadores de aguas turvas, costumados a ganhar no tumulto de uma mudança de governo, deitavam redes ao mar revolto de Portugal. As calumnias ferviam, a baixeza expandia-se, a ingratidão desabrochava. O regente fôra um monstro: delapidára, perseguira, envenenára D. Duarte para lhe succeder, D. João porque lhe fazia sombra, e D. Leonor depois de a ter perdido: pobre senhora! Agora a bondade ingenua do portuguez vinha á superficie, para condemnar o regente, por ter sido o orgão dos odios populares de outros annos. E levantados n'esta onda de sympathia, apresentavam-se como victimas os antigos creados de D. Leonor, chorando as suas desgraças, pedindo reparação. Havia uma vasta seara a ceifar: os bens dos parciaes do regente davam para todos. Confiscava-se metade de Portugal em favor da outra metade — *væ victis!* e ficavam satisfeitos os vencedores. O conde de Ourem e o arcebispo de Lisboa, installados na côrte, reinavam.

A onda da reacção subia, e já se opinava que tantos crimes não podiam ficar impunes. Alguns, mais ousados, ou mais famintos, pediam a cabeça de D. Pedro... E D. Henrique? Os eccos d'estas vozes chegaram a Sagres; mas em 1447, exactamente n'esse anno, estava abarbado com o negocio gravissimo da expedição de Lagos, pelo segundo syndicato ou compa-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, LXXXIX.

nhia de Lançarote. Apesar d'isso, veio a Santarem e defendeu o accusado, «mas não com aquella força e escarmento que a seu irmão devia e o mundo esperava» [1]. Collaborára na regencia, era quasi solidario com os seus actos, devia defendel-os: tanto mais que a má lingua o não poupava, envolvendo-o com D. Pedro nas accusações; mas D. Henrique tinha em mente a Africa! Um acto de generosidade podia comprometter o futuro da sua empreza que agora iria por diante, com o sobrinho no throno, com a fidalguia attenta a digerir o regabofe. Via-se outra vez em Marrocos, a tomar a desforra de Tanger! Via as caravelas de Lançarote, quem sabe? a dobrarem o cabo da Africa, descobrindo o Preste Joham e as Indias!

De Ceuta voltava n'este momento o antigo alferes de Lisboa, Alvaro Vaz, conde de Avranches, cuja extravagancia era de outro quilate. Fazia gala em dizer coisas desagradaveis e atrevidas na cara da gente. Proclamava a innocencia de D. Pedro, e a sua amizade por elle, o seu odio pelo conde de Ourem, maximo dos atrevimentos n'esta conjunctura. Era bravo, e andava armado. Sabiam que não dizia palavras vãs, e estava prompto sempre a sublinhal-as com a espada. E o rei que era rapaz, cavalleiro por instincto, e, no fundo, reconhecido e grato a D. Pedro, sympathisava com a excentricidade briosa do conde de Avranches. Isto escudava-o contra o desejo que todos tinham de o deitar fóra da côrte. Particularmente, mandaram-lhe emissarios aconselhar-lhe como a amigo que tivesse juizo, não se perdesse. Elle, chacoteando, respondia:

— Amigos, pelo que tenho feito a Portugal, mereço mais villas e castellos, do que prisões ou cadeias. Não fujo, desenganem-se. E se fôr preciso, sabei que hei de ser digno confrade da Santa Jarreteira que recebi. Espero em Deus que, sem ociosidade de minhas mãos, os que me quizerem visitar antes seja na sepultura que nos carceres ou cadeias. Não tenhaes, pois, cuidado, dó, nem compaixão de mim...

E despediu-os. No dia seguinte foi ao conselho o mais apu-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, xc.

rado e janota que pôde, mas por cautela armado. Fallou com arrogancia e ameaça contra os que pediam a cabeça de D. Pedro. D. Henrique, ouvindo-o, apoiava. E o rei inclinou para este lado com evidente desgosto dos contrarios [1]. Pela ultima vez a Cavallaria, personalisada no conde de Avranches, despedindo um clarão final como os do sol que morre, ganhava uma victoria, porque no animo de Affonso V reverdeciam, posthumamente, os ideaes das éras passadas.

*
* *

O conde de Avranches e D. Henrique foram a Coimbra vêr D. Pedro, em volta do qual se iam reunindo numerosos parciaes; mas ao chegarem, chegou a noticia das medidas tomadas em Santarem pelo rei que o conde de Ourem subjugava. Prohibia-se a todos os fidalgos irem vêr o infante; publicavam-se editos para que todos os creados da rainha D. Leonor, que tivessem sido privados de suas fazendas pela regencia, viessem rehavel-as; degredava-se o infante da côrte, prohibindo-lhe que sahisse de suas terras. Era um rompimento completo, uma reacção declarada, uma condemnação de D. Pedro que a custo sahia com vida. O irmão Henrique, vendo as coisas assim paradas, quando viera na esperança de realisar outro accôrdo, largou para Soure, indeciso, talvez aborrecido — como iriam as coisas do Lançarote? — recommendando resignação e paciencia [2].

Levado pelo Berredo, seu mentor, Ourem não cessava de tramar enredos com que demonstrasse ao rei a felonia do tio e a necessidade urgente de acabar de vez com elle. O primeiro laço foi o termo de concordia com o duque de Bragança, que mandaram a D. Pedro, assignado pelo rei, na esperança de que o infante, suppondo-lhe a alma tambem accesa em odio, o repellisse. D. Pedro, pessimista ou desdenhosamente, assignou e

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XCI.
[2] *Ibid.*, XCII.

devolveu. Como se havia de proceder contra elle? Que remedio senão rasgar as cartas, já escriptas, chamando ás armas as terras do reino?... Depois tiraram ao conde de Avranches o castello de Lisboa, que tinha desde 39, e ao filho de D. Pedro o cargo de condestavel, que Ourem dizia ter-lhe sido roubado e reclamava para si. Tão longe não foi o rei, que o deu ao infante D. Fernando, sem annuir a concessão *tão feia*. Finalmente, exigiram a D. Pedro a entrega das armas que tinha ainda da expedição a Castella, em 45; mas a isto o infante sensatamente respondeu que as não dava por necessitar d'ellas para sua defeza. Daria, se quizessem, o valor em dinheiro [1].

O conflicto acirrava-se. Pois não haveria meio de desmanchar o equivoco e trazer a paz ao reino? Havia: se houvesse abnegação e patriotismo, em vez de astucia audaz de um lado e tibieza insensata do outro. Entre ambas, D. Pedro estava condemnado a naufragar. A vêr se pacificava as coisas, o conde de Arrayolos, futuro herdeiro do ducado de Bragança, veio de Ceuta para onde o governo de D. Pedro o mandára, havia um anno, por fronteiro. Instava com o pae e com o irmão por uma reconciliação; instava com D. Pedro para que viesse á côrte defender-se [2]. O infante escreveu-lhe de Coimbra uma longa carta que é um novo e eloquente documento do seu caracter.

«Não curo de fazer aqui menção, dizia D. Pedro, dos feitos do começo de meu regimento, e de como me houve com elle... porque de todas estas coisas haveis comprida informação, assás seria sobejo escrever-vol-o... E de assim eu ter o dito regimento, segundo bem sabeis, alguem não eram contentes: uns com inveja, outros por se não fazer d'elles cumprimento de direito e justiça; ainda que assás claro é que não se fazia d'elles assim cumprimento, como era razão, *por eu mais não po-*

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XCIII e IV.

[2] *Ibid.*, XCV. — Sousa, *Hist. Geneal.*, tom. V, 139, segg.

der. » Começaram por indispôl-o com o rei, fazendo acreditar a este que queria eternisar a regencia. « A verdade d'isto, é porque eu havia certo que alguns andavam n'aquelles tratos, eu dizia por vezes, assim como uma vez em Evora, que eu sabia bem parte dos ditos tratos em que alguns assim andavam: mas que eu tinha o regimento da mão d'el-rei meu senhor, e que quando elle quizesse eu lh'o deixaria livremente com muito boa vontade; mas que pelo d'aquelles que nos ditos tratos andavam que o não deixaria; e elles affirmaram que eu dizia que por coisa que fosse que nunca o deixaria; e assim como isto, retorciam qualquer coisa que eu dizia ou fazia, adereçando-a ao seu máo proposito, por fazerem entender ao dito senhor que aquella era minha intenção. »

« Tanto continuaram isto os que assim me desamavam por si e seus ministros e adherentes, que fizeram com o dito senhor que me requeresse o regimento; e foi entre elle e mim concertado que para o mez de outubro que ora passou, que então era por vir, elle tomasse mulher e casa e que eu depois lhe entregasse o regimento com a solemnidade propria do caso. » Oppozeram-se os inimigos a que a entrega da regencia se fizesse de modo que parecesse approval-a o rei: queriam um rompimento, e pretendiam que a regencia se entregasse antes das bodas, decerto para ao depois impedir que estas se chegassem a realisar. El-rei afinal reclamou-lhe a regencia e elle entregou-lh'a.

« Logo o duque meu irmão, vosso padre, transmontado como se houvesse de fazer alguma grande cavalgada, se veio de Chaves á cidade do Porto, tendo já n'ella homens d'armas escondidos, lançando fóra d'ella mui deshonradamente os meus, que ahi se viram assim como se fossem malfeitores; e isto mesmo mandou fazer em Guimarães e em Ponte de Lima, derribando as casas de Leonel de Lima por ser meu servidor, assim como se fossem de traidor. E quando os lançavam fóra das villas, chamavam-lhes traidores, velando e roldando as villas e castellos sem causa e sem razão, assim como se tivessem inimigos no reino. » Prosegue a enumeração das tropelias, contando como

se tinham visto e o que tinham combinado, el-rei e o conde de Ourem, e como se retirára para suas terras. Manda-lhe o treslado da carta em que el-rei approvava todos os actos da regencia.

«Vendo eu como os ditos feitos assim mal começavam, e como alli viera aquella gente armada, e como o conde vosso irmão se fizera prestes com armas e velava Ourem e Porto de Mós: eu mandei perceber alguns meus para o dia da minha partida para haverem de ir commigo, e assim por esta guisa e com este galardão parti da côrte do dito sénhor, e logo de Thomar mandei tornar aquella gente que commigo vinha; e vindo-a áquem de Thomar houve uma carta porque me certificavam que o duque vosso padre passava poderosamente por minhas terras, e que mandava que a certo dia lhe tivessem prestes de jantar em Avellans; pelo qual eu mandei avisar alguns meus que viessem para mim porque lhe queria contrariar a passagem por semelhante maneira e logo n'aquelle mesmo dia foi certificado que não era assim: pelo que logo escrevi aos que mandara chamar que não viessem, em tanto que alguns houveram primeiro as cartas que não viessem que as do chamamento.»

Retirado em Coimbra, os seus inimigos desacreditavam-no por todos os modos, no espirito do rei, «e lhe fizeram tomar tanta suspeita contra mim e contra os meus que lhe disseram que não tinha remedio senão tirar todo los officios que os meus tinham em sua côrte e em seus reinos; e foram logo lançados fóra dos officios os meus criados que andavam em sua casa, e isto com assás e muita infamia d'elles, e assi pelo conseguinte foi feito aos outros meus criados por todo o reino».

Tiravam-se inquirições e devassas contra os servidores de D. Pedro e «andando de mal em peior assim fizeram devassar contra mim perguntando se sabia quem fizera a peçonha com que mataram el-rei D. Duarte e o infante D. João, meus irmãos, e a rainha D. Leonor, e d'ahi perguntavam outras coisas segundo suas damnadas e corruptas intenções». As testemunhas eram peitadas, os juizes inimigos. Ao mesmo tempo, revogavam-se os actos do governo de D. Pedro, julgavam-se de novo

os processos crimes, ordenava-se aos fidalgos que não visitassem o ex-regente, e a este prohibia-se-lhe voltar á côrte: estava degredado.

Depois d'isto mandaram-me «uma fórma de concordia entre mim e o duque vosso padre, a qual me el-rei meu senhor mandou assinada por si e sellada com o seu sello; e mandou com ella a mim e ao duque que, posposto o odio e má vontade, fossemos amigos».

«Vos crede verdadeiramente que elles se não moveram a ordenar a concordia na fórma em que vinha com boa intenção; nem tinham tão boa vontade de sermos concordados como o eu tinha: sómente por me tentar e tomarem achaque contra mim.»

«Pera esto não acharam quem enviar sobre ello senão D. Fernando e Ruy Galvão que me diffamavam; e porque eu aquello soube, escrevi a el-rei meu senhor pedindo-lhe de mercê que não mandasse a mim semelhantes homens; que ainda que eu fizesse todo o bem do mundo, elles o reputariam sempre pelo contrario: e o dito senhor não quiz mudar seu proposito.»

Apresentada a concordia, assignou-a D. Pedro; mas ao mesmo tempo ordenavam que os castellos e villas armassem como se houvesse guerra.

«Continuando outrosim em suas boas obras, por me fazerem deshonra, tiraram o castello de Lisboa ao conde de Avranches.» O conde de Ourem requeria a el-rei o officio de condestavel, que era do filho de D. Pedro, dizendo pertencer-lhe.

«Muito honrado conde amigo: o que principalmente damnou estes feitos, é quererem em estes reinos usar das praticas de Castella, e todos por seu proveito e por cada um levar a sua enxavata; e Portugal segundo bem sabeis não é para supportar isto; e se esta pratica vai adiante, segundo se agora começa, nunca creio que seja muito serviço, nem d'el-rei meu senhor, nem de seus reinos [1].»

[1] Sousa, *Hist. Geneal.*, tom. v, 120 a 39. A carta é de 30 de dezembro de 1448.

Os esforços do conde de Arrayolos foram em vão. Ou por se convencer da inutilidade d'elles, ou porque os intrigantes urdissem noticias aterradoras de perigos que Ceuta corria, como diz a chronica [1], o facto é que voltou para Africa, deixando em plena ebullição o revolver de intrigas dirigidas para acabar com o infante D. Pedro. A maré que havia de afogar o ex-regente subia; e o conde nem sonhava que essa tormenta viria a dar a catastrophe de 1483 que lhe levou ao patibulo de Evora o filho e exterminou a casa de Bragança, tenazmente construida pelo avô. Com effeito, D. João II é o continuador da politica anti-feudal do infante D. Pedro; é o perfeito principe que vingou 1449, passado o anachronismo do reinado de Affonso V, idade doirada em que segundo as *praticas de Castella* cada qual levava a sua *enxavata* [2].

N'esta longa defeza do regente, em que a sua innocencia transparece, vê-se tambem comtudo o abatimento do seu espirito e o abandono em que se achava. O Porto, que fôra o primeiro a acclamal-o, deixa-se arrebatar pelo duque de Bragança escorraçando como traidores os amigos do regente; Lisboa que tão enthusiasticamente o acclamára, veremos como lhe voltará costas, renegando-o. Bem fizera em não querer a estatua na portada dos Estáos! N'esses dias passados, todavia, o regente ainda tinha a força de animo bastante para a critica amarga e para o humorismo melancolico. Agora, inferior á sua desgraça, não em caracter, mas em intelligencia, a lucidez do espirito desapparece, e a mão tremia-lhe decerto ao escrever ao conde de Arrayollos, com medo d'essa morte que amava, com receio d'esses juizes de que desdenhava. A natureza animal e o instincto organico levantavam-se-lhe no animo, envolvendo em nuvens a sua antiga consciencia diaphana. Já não desdenha, defende-se; o estylo ainda é lucido, mas a firmeza do pensamento e a penetração do conceito foram-se. Vê-se alli um homem

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XCV.

[2] Provavelmente synonymo de *enxarego* ou *enxarega*, especie de rede. V. Viterbo, *Eluc., ad verb.*

perdido, não pela força dominante dos inimigos, pois muitas vezes os vencidos são vencedores, mas porque o clamor da derrota enche-lhe os ouvidos, e estonteia-o. Treme de que o ataquem, anda armado, e chama para a volta de si os seus parciaes, confessando lealmente depois que foram vãos esses sustos quando pensou que o duque de Bragança vinha atacal-o. Não se lembra, já não póde reconhecer, que erros d'esses, em mãos inimigas, se tornam armas para o perder no conceito do rei, pouco perspicaz.

*
* *

A Coimbra chegavam entretanto correios dizendo que o duque de Bragança passára o Mondego em armas, e vinha descendo a estrada que ladeia pelo norte a serra da Estrella. Elrei chamára-o effectivamente á côrte; e o conde de Ourem aconselhára-o a vir em armas. Tendo de passar pelas terras de D. Pedro, era certo que este lhe resistiria, e, fazendo-o, elle Ourem e o rei iriam do sul tambem contra o infante, liquidando-se finalmente o pleito. Estava, ao lado de D. Pedro, Alvaro Vaz; faltava-lhe porém o irmão Henrique, ultimo dos filhos de D. João I com que podia contar: os tres outros levára-os a morte! Mandou chamal-o a Thomar, onde o tinham as obras da reedificação do convento de Christo [1]; mas D. Henrique, respondeu com evasivas, promettendo conselhos, recommendando prudencia, cautela, dizendo que fallariam quando fosse — e não veio! [2] Curvado pela desgraça, sob o peso do isolamento que é a carga mais dura de soffrer, D. Pedro succumbido abraçava-se ao conde de Avranches, cuja Cavallaria no-

[1] O mestrado de Christo fôra transferido, de Castro Marim, no Algarve, para Thomar, muito antes de D. João I o ter doado ao infante D. Henrique. Foi porém este que reconstruiu e ampliou a primitiva igreja e convento de Gualdim Paes. V. *Escript. da Ordem de Christo, ms.* de Pedro Alvares Secco, da biblioth. nac. Cf. Rackzynsky, *Les arts en Port.*, 346.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, XCVI.

bremente simples lhe indicava os partidos extremos — uma cavalgada, uma aventura: a guerra e a morte alegre!

Mandaram portanto um parlamentario ao duque de Bragança, que chegára a Coja, descendo o valle do Alva. Era abril, de 49. Todos os dias D. Pedro esperava a chegada do irmão, contando que, intervindo elle, as coisas mudariam de rumo; e entre esta esperança e o conselho extremo do conde de Avranches, a sua alma despedaçava-se, a intelligencia fugia-lhe, a confiança na justiça e na ordem absoluta dissipava-se, deixando-lhe o espirito afogado n'uma tristeza negra feita de duvida. O parlamentario voltou com um emissario do duque e com a resposta, perfida. O duque e D. Pedro sempre tinham sido bons amigos; vinha cumprindo as ordens de el-rei; seguia por estrada publica, e estava certo de que não lhe fariam mal. Irritado, D. Pedro respondeu:

— Se o duque não mudar de proposito, dizei-lhe que o não deixarei passar. Não sou tão nescio, nem elle tão avisado, que me enganem essas dissimulações.

Ainda tinha nos labios o leve tremor do desdem, mas os cantos da bôca dobravam-se-lhe com indicio de ira, signal certo de abatimento do seu genio phleugmatico.

E D. Henrique?...

O emissario do duque foi com a resposta, e tomavam-se as providencias para a guerra, quando chegou de Santarem um enviado do rei que, por conselho do conde de Ourem, intimava o infante a deixar passar o duque, chamado a serviço da corôa. Vendo assim desembainhada a espada do seu supplicio, o infante pulou de raiva. Reconditas cellulas de genio portuguez bravio, fizeram talvez explosão, depois de comprimidas e atrophiadas largos annos pela expansão dominante das faculdades criticas. A colera dos phleugmaticos é sempre loucura; e se não era uma nova mentira o que o enviado do rei foi dizer para Santarem, conforme julgou a maior parte, D. Pedro fóra de si, exclamára que não era vassallo de el-rei de Portugal, mas subdito e servidor de Castella; que assim como desterrára D. Leonor, assim lhe faria aos filhos... O conde de Ourem,

satisfeitissimo, soprava o fogo, vendo como as coisas respondiam aos seus planos. Mandou espalhar por todo o reino esta confissão de felonia, que tornava o infante um homem perdido. E emquanto isto passava na côrte, chegava a Penella, onde D. Pedro congregára as suas tropas, o bispo de Ceuta, mandado por D. Henrique. O irmão dizia-lhe que deixasse passar o duque, pois o ordenava el-rei. D. Pedro, scismando na vinda do bispo, respondia distrahidamente:

— Deixo, sim, mas é mister que não venha em som de guerra...

O bispo foi-se. D. Henrique já tinha partido para Santarem, dando costas a Coimbra. D. Pedro sentia a cabeça esvasiar-se-lhe. Aquelle abandono do irmão, em taes circumstancias... Lembravam-lhe as palavras de D. João, quando a rainha o quizera fazer regente, e casar o rei com a filha d'elle:

— Nunca Deus queira, nem quererá, que entre os filhos de el-rei D. João seja semeada tal sizania...

É verdade que D. João não tinha os cuidados da Guiné, nem a cabeça tomada pelos planos de Marrocos. Singular! Entre filhos de um mesmo ventre, educados pela mesma mãe! Parecia-lhe que era noite, porque tinha o cerebro toldado de negro. Parecia-lhe que os campos e as arvores rodopiavam, porque as sombras vagas das idéas dançavam-lhe na cabeça. Abatera-se-lhe de repente toda a ira; estava n'um espasmo de inercia apathica, sem saber se ia morrer... quando na estrada surgiram a galope os cavallos da embaixada que o sobrinho lhe mandava de Santarem, ordenando-lhe que regressasse a Coimbra, d'onde não sahiria sem licença, e que deixasse passar o duque de Bragança. Respondeu, serenamente:

— Venha elle em paz! [1]

E abrindo-se-lhe os olhos, como quem sae do torpôr de um sonho, agitando-se, nervosamente excitado, sem bem coordenar os movimentos e as idéas, alternando o impeto com o

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXVII a IX.

abatimento, violento e submisso, leoninamente fero e meigo como pomba: em vez de ir para Coimbra, conforme o rei ordenava, subiu para a Louzan. Pela primeira vez deixava de raciocinar o que fazia. O duque de Bragança conservava-se em Coja. D. Pedro avançou da Louzan a Villarinho, meia legua para nordeste, nas alturas sobranceiras ao valle do Coira que vem desde o pico do Açor, nas cumiadas da serra da Estrella. Em Coja, sobre o Alva que desce recolhendo os caudaes precipitados dos montes para os trazer ao Mondego, o duque assentára n'um logar forte. Entre as posições dos inimigos, nos dois confluentes do Mondego, o Alva e o Coira, haveria umas cinco legoas de distancia, muito augmentadas porém para a marcha pelos tormentos do terreno, degraus ingremes em que a serra vai subindo até aos picos da Estrella e do Açor. O ponto de Villarinho, onde se fortificára D. Pedro, fechava a passagem ao duque. Ficava-lhe á direita o grande fosso do Mondego, á esquerda a muralha gigantesca da serra. O choque era inevitavel: ou o duque havia de regressar, subindo o valle do Mondego, pelo caminho por onde descera.

A cavallo, D. Pedro, em frente dos seus esquadrões, fallou-lhes. Alto, magro, phleugmatico, as vicissitudes dos ultimos tempos, collaborando com os annos — fazia n'essa data cincoenta e sete — tinham-lhe encalvecido a fronte, branqueando-lhe a sua farta barba loura. O azul dos olhos, sempre vago, oscillava agora n'uma indecisão completa. Parada a physionomia, como d'um somnambulo, a voz em que fallava aos seus tinha alguma coisa de espectral e o que lhes disse parecia uma confissão tumular. Affirmando a sua fidelidade ao rei, punha n'ella os fundamentos da sua desobediencia. Lembrava os seus dez annos de governo, em que honesta e lealmente defendera a Corôa dos assaltos da gente ávida, e o reino da guerra estrangeira. El-rei era uma creança, e andava enganado. A furia dos seus inimigos vinha de lhes não dar, nem consentir que el-rei lhes désse o que queriam — que era o reino inteiro! Sahira da regencia como para lá entrára. O duque de Bragança tinha o Porto e Guimarães, Bragança de que o fizera duque: nada era

capaz de o saciar! O dever impunha-lhe a resistencia. Ceder seria deslealdade.

O ideal da Cavallaria que se humanisára na descendencia de D. João I fallava, nas agonias do fim, pela bôca de D. Pedro tambem na vespera de morrer. Era uma comprehensão generosa e heroica da vida, pondo os principios da honra pessoal e da dedicação á palavra, acima dos interesses e necessidades do mundo. O commum da gente fizera d'isso uma religião fundada no symbolo material do juramento; mas os espiritos superiores, ou pelo sentimento como fôra Nunalvares, ou pela intelligencia como D. Pedro fôra tambem — porque já se podia dizer acabado! — estabeleciam essa religião do dever sobre o alicerce intimo das revelações da consciencia.

As tropas de D. Pedro ouviram-no com um silencio funebre, mensageiro de morte. A gravidade dos semblantes, a mudez das bôcas, attestavam a decisão das resoluções. Sentiam-se votados todos a um igual destino, e mal sabiam que a Historia havia de vêr n'este momento um dos seus instantes épicos, porque era o choque do velho mundo naturalista e barbaro da Edade-média, com a Cavallaria que nascera d'ella, flôr de ideal sempre desfolhada e morta. A realidade não consente que as intuições poeticas da alma humana vinguem sobre os seus sentimentos e instinctos animalmente organicos. Para esmagar a turbulencia do naturalismo medieval, era mister coisa diversa da Cavallaria: carecia-se da mão de ferro dos tyrannos e da energia d'um systema adequado e pratico. Foi isso o principado monarchico da Renascença, e o tyranno em Portugal chamou-se D. João II...

Á frente dos seus esquadrões, com o conde de Avranches a seu lado, D. Pedro avançou mais, obra d'uma legua, sobre Serpins, porque do lado opposto o duque de Bragança descera até á Varzea, obra tambem de tres leguas. No valle do Coira, D. Pedro a juzante, o duque a montante, estavam menos d'uma legua afastados. O duque, hirto nos seus setenta e dois annos, perguntava, com certa hesitação, se queriam combater ou retirar.

— Recuar seria injuria, acudiu com enfado Alvaro Pires

de Tavora; sois inimigos, combatamos. Escusam-se mais palavras e dissimulações.

Do lado opposto, Avranches que sahira com uma escolta a reconhecer o campo adverso, voltou inflammado.

— Demos-lhes! Ou fogem, ou são destroçados.

Mas D. Pedro, obedecendo ainda ao fio já tenue da luz que pouco a pouco se lhe apagava na alma, respondeu:

— Não; o nosso mister é a defeza. Oxalá retirem sem combater.

O duque de Bragança não confiava na sua gente, entre a qual havia murmurios. A sympathia, impotente para vencer, tem isto de consolador: que dá aos vencidos a desforra platonica do respeito intimo, embora inconfessado, dos proprios vencedores. E ás vezes, como agora succedeu, a sympathia é tão forte que triumpha. O duque adquiriu a convicção de que não podia contar com os seus. Muitos secretamente eram por D. Pedro; quasi todos cuidavam que iam em jornada por entre amigos. Tinham medo: e esta fraqueza é commum, quando a consciencia não dorme tranquilla. Desde que avançára até á Varzea, o duque de Bragança mettera-se n'um fundo de sacco. Não podia retirar, porque as povoações tinham destruido as barcas para a passagem do Alva, que ia cheio na primavera com o derreter das neves da serra. Não podia combater, porque as tropas debandariam. Via-se á mercê do homem que se propunha matar. Portanto, apesar do desaire e da idade, fugiu, abandonando os seus. Com um punhado de cavalleiros, de noite, mettcu-se á serra. Seguindo as picadas, guiado por pastores errantes, n'essas alturas cobertas de neve, onde o frio é vivissimo e o ar raro, os setenta e dois annos do duque gemeram. Pelo Alvoco, deixando á esquerda o cume esbranquiçado da Estrella, foi sahir á Covilhã; mas soffreu tanto que nos doze annos que viveu ainda, nunca mais pôde endireitar a cabeça. Retezaram-se-lhe os tendões do pescoço, e essa attitude ficou para attestado da humilhação que soffrera.

Quando se viram abandonados, os homens do duque debandaram, correndo tresmalhados pela serra, com o medo constante

de que D. Pedro os viesse perseguir. Levavam todos o mesmo norte: galgar os montes e recolher-se á Covilhã que era do infante D. Henrique. Mas os cavallos gelavam, as bagagens perdiam-se. Em Albergaria, lá pelos altos, morreram alguns de frio. Os de D. Pedro queriam perseguir os fugitivos: elle não o consentiu. Avranches praticamente lhe aconselhava, com as *rebollarias* do costume, que prendesse o duque: «Quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre»; mas D. Pedro recusou-se tambem a isso. Embora «quanto mais alongou a vida d'elle, tanto antecipou a sua morte» [1], foi excellente que assim procedesse; porque, vivendo, não deixaria acaso um tão bello exemplo da nobreza da Cavallaria. Raiava pela loucura um proceder assim, não ha duvida; mas todos os motivos deliberantes dos actos humanos parecem doidices quando excedem o nivel médio do commum das coisas. A santidade confunde-se com a loucura: todavia são esses pincaros da vontade ideal que servem aos homens de criterio e luz por onde se guiam.

D. Pedro, innocente, procedia como se a innocencia devesse reger e vencer. Depois do erro pratico de deixar fugir o duque, a logica mandava-lhe licenciar as suas tropas, e fel-o, encerrando-se no seu palacio de Coimbra com a familia e os livros. Dobrado sobre o bufete em que sua filha D. Philippa trabalhava, perdia-se a scismar vendo o pincel da infanta correr sobre o pergaminho, traçando as preciosas illuminuras das homilias dos Evangelhos, que em testamento veio a legar ao convento de Odivellas [2]. Avranches, cuja Cavallaria era pontualmente pratica, dizia-lhe que endoidecera, e abraçava-o, chorando, entre ditos ou *rebollarias*, preso a elle como hera que se enrosca n'um tronco de ulmeiro: hera triste, mas em cujas folhas metallicas as gottas de orvalho tremem como lagrimas diamantinas. A candura é sempre alegre.

Que importava que o duque de Bragança colligisse na Covilhã os farrapos das suas tropas, e se apresentasse em Santa-

[1] *Chron. de Affonso V*, c a cv.

[2] Comm. de Juromenha, em Rackzynsky, *Les arts en Portugal*, 206.

rem, na côrte, como vencedor: se ia de cabeça baixa, não podendo erguer o pescoço? Nem por isso a sua lingua, e as bôcas do conde de Ourem e dos seus cantavam menos a grandeza do duque, a piedade generosa com que deixára de esmagar D. Pedro: esse traidor que ousava desobedecer a el-rei! No conselho, as accusações iam desbragadas a ponto de D. Henrique intervir colerico:

— Não consinto se diga que nenhum filho d'el-rei D. João faz injuria a seu rei e senhor!

Passava no ar a sombra do infante D. João?... Passou, fugiu, dissipou-se; e a alegria sentida por muitos, julgando que D. Henrique poria afinal ordem nas coisas, dissipou-se tambem, vendo-o cahir de novo na passividade apathica de que sahira por um momento apenas. A energia do seu animo gastava-a toda em outros motivos.

Varrido o susto, a camarilha inteiramente senhora do rei, deu largas ás suas paixões clamando vingança e justiça, com os olhos postos na immensa prêsa a dividir. Procedeu-se com energia e rapidez. A fuga do duque fôra na vespera de Ramos; e na vespera de Paschoa chegavam a Coimbra as intimações do rei, declarando D. Pedro desleal, e mandando fazer-lhe guerra. Na semana santa de 1449 houve uma segunda paixão: crucificaram o infante innocente — que despediu o emissario do sobrinho e genro, dizendo appellar da sentença para a consciencia do rei.

O rei com os seus dezesete annos, tinha ainda a consciencia pouco lucida: nunca a teve afinal muito mais! Preparava-se para a guerra, e distribuia os bens e officios dos que eram por D. Pedro a quem vinha pedir-lh'os [1]. E vinham em procissões!

*
* *

O filho do infante, D. Pedro tambem, não fôra desapossado ainda do cargo de condestavel que o pae lhe dera com o mes-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CVI e VII.

trado de Aviz. Tinha a comarca de entre Tejo e Guadiana e as praças de Elvas e Marvão, por onde as más linguas diziam que haviam de entrar os castelhanos de D. Alvaro de Luna e do mestre de Alcantara, a soccorrer D. Pedro. Tal foi o pretexto para o rei mandar contra-o filho do infante o conde de Odemira, que tinha Fronteira, e que obrigou o condestavel a emigrar, passando a Castella, a abrigar-se em Alcantara sob a protecção do seu Mestre [1]. Tambem esta provocação á guerra civil falhou, e a lentidão da vingança exasperava a camarilha odienta. Não recuando perante nenhum processo, usaram da mocidade da rainha para fazerem d'ella o algoz do pae. Foi D. Izabel quem n'uma carta lhe participou como o conselho sentenciára contra elle a morte, prisão perpetua, ou desterro para fóra do reino; e como o rei partiria de Santarem em armas no dia cinco de maio.

Recebendo publicamente a carta da filha, sua condemnação cruel, D. Pedro, sentindo « a morte começar já a bater ás portas da sua vida », apertou o papel nervosamente nas mãos, e houve um momento de silencio. Ao emissario portador da carta pediu noticias da saude e disposição d'el-rei. Em seguida sentou-se á meza, comeu serenamente, e depois da meza, começando o conselho, sem poder mais, largou n'um choro largo, levantando os olhos ao céo:

— Minha tenção é a morte... Desterrado não será um filho d'el-rei D. João... para andar minha velhice por terras estrangeiras... Preso aos cincoenta e sete annos! Consentir ferros de justiça em minha carne!

Pedia, emfim, que o aconselhassem. Pensassem todos no que havia a fazer. A sua idéa era partir de Coimbra no proprio dia cinco, em que el-rei partia de Santarem, e ir ao seu encontro, abrir-lhe os olhos, esmagando os inimigos, não com armas, mas com a força da evidencia... A lucidez do seu pensamento perdera-a com os balanços demorados d'este naufragio. Emmaranhava-se em chimeras, deixava-se ir no encalço de utopias. Queria abrir

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CVIII.

os olhos ao rei, e era elle, o desgraçado, que os tinha vendados pela cegueira... Tristemente, os companheiros se afastaram silenciosos, guardando para o dia seguinte emittir o seu voto, conforme os desejos do infante. Sentiam-se tomados de uma commiseração funebre. Uns opinavam que se não devia ir procurar a morte, bastava esperal-a: fortificassem-se em Coimbra, Penella e Montemór, e n'esse trilatero seriam invenciveis. Em ultimo caso Buarcos ficava á mão para fugir por mar; mas tal hypothese não se daria, porque o rei não tinha forças bastantes para os cercar, e o tempo desenganaria a todos. El-rei era uma creança: aprenderia com os annos. Outros, em opposição, diziam ser deshonra esperar o cêrco, mórmente para cavalleiros da Jarreteira: fortificasse o infante os seus castellos, retirasse sobre o Douro, onde colligiria reforços; com elles passasse á Beira, de lá a riba Guadiana, ás terras do condestavel seu filho. Isto bastaria para dar juizo aos inimigos.

O conde de Avranches, porém, emittiu uma opinião á parte. Antes morrer grande e honrado, exclamou, do que viver pequeno e miseravel! Armassem-se, e fossem a Santarem em força intimar o rei a que ouvisse o infante, e dissipasse as falsidades e enganos. E se el-rei não quizesse, morressem todos no campo como bons e leaes cavalleiros. D. Pedro opinou serenamente pelo voto do conde [1].

Estava pois lavrada a sentença pelo accordo d'esses dois homens, em quem a Cavallaria, dominando, n'um a vontade, no outro a intelligencia, ambos arrastava a uma positiva loucura. Para Alvaro Vaz, a Cavallaria era o voto de obediencia absoluta e completo sacrificio, incluindo a propria vida, aos dictames da consciencia pratica, principalmente representados pela homenagem feudal e pela confraternidade guerreira. Para D. Pedro, a Cavallaria era um voto analogo aos preceitos da consciencia ideal, principalmente representados tambem pela lealdade absoluta, pela fidelidade sem mancha, aos principios da sua religião, da nobreza intellectual do homem. Pela Cavallaria, ac-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CIX a CXI.

tuando sobre a vontade e sobre a intelligencia, tinham chegado, um ao humorismo, outro á apathia; e agora que a crueldade das coisas os precipitava n'uma crise, encontravam-se ambos abraçados n'uma loucura commum. Tanto, nas suas culminações mais subtis, o saber se confunde com a ironia, demonstrando a inanidade das coisas!

É que o idealismo, quer se chame Cavallaria, como no seculo XV, quer Jacobinismo, como no nosso se chama popularmente ás abstracções radicaes da politica, é um desvairamento do espirito pratico, por isso mesmo que é uma verdade da razão abstracta. A arte grega, com aquella incomparavel subtileza de observação que a distingue, notou que na natureza não havia linhas absolutamente rectas, e por isso as baniu das suas regras estheticas. Todavia a linha recta existe, e é portanto uma verdade; mas existe e é verdade unicamente como abstracção racional. O mesmo succede no mundo. Toda a realidade consiste em linhas mais ou menos curvas, que todavia têm em si a ambição e a virtualidade da recta. E para todo aquelle que no mundo quer representar um papel, obedecendo aos impulsos do dever moral que nos impõe a obrigação de cooperar ou de dirigir os nossos semelhantes: para todos esses é forçoso curvarem-se ás condições da realidade. Querer despedaçal-a, para a fazer conforme ás linhas ideaes da razão, é uma loucura, mas que em dados casos póde ser sublime e abençoada. É porém uma abjecção, é a ruina da nossa inteira liberdade, deixar que se apague dentro de nós esse pharol da razão absoluta que unicamente póde guiar-nos nas veredas obscuras da vida, e sanccionar os actos exteriormente contradictorios a que a realidade nos obriga a submetter-nos.

Eis-ahi a distincção e a analyse que não faz o idealismo. Arrebatado pelo clarão da luz, cega-se, e, como borboletas, esvoaçando em torno do foco, incendeia-se n'elle. A isto com razão se chama loucura, porque tal nome convem a todas as aberrações do espirito. E essa especie de loucura, a que Cervantes deu o nome eterno de quixotismo, referido á propria Cavallaria do seculo XV, é a mesma que assaltou nos nossos

tempos os espiritos desvairados pelo ideal, e que, por verem com os olhos da razão um mundo de verdade, belleza e bondade absolutas, cegaram dos olhos positivos para a realidade tal e como é. A catastrophe é inevitavel para o quixotismo, quer seja vencido, quer vença. E a historia está, com effeito, cheia de episodios heroicos, em que o espirito pratico é transitoriamente esmagado. Inevitavel, e maior ainda, é a catastrophe quando vence, porque determina as reacções organicas; pois não são outra coisa os collapsos successores das crises. Para não sahir dos tempos modernos, foi um collapso o delirio religioso do monachismo militante, Cavallaria ao divino; e foi outro o delirio politico da revolução franceza, Cavallaria tambem do racionalismo e da abstracção philantropica.

D. Pedro que tão sensato, tão humano, tão lucido fôra, emquanto podia proceder como critico, perdeu tudo quando chegou a hora da acção n'uma crise; e o conde de Avranches, cujo humorismo illuminava com riso os passos mais arriscados, não encontrava tambem n'este supremo transe mais do que uma solução quixotesca. É que em ambos a Cavallaria, tão constitucional que os endoidecera, não era, como para o commum dos homens do tempo, apenas um rito, ou um phrasedo semelhante aos phrasedos dos nossos bons jacobinos de hoje. Abraçados um ao outro, no silencio da noite que succedeu ao conselho, como Antonio e Cleopatra, quando juraram a synapothanumenia, ou consorcio da morte, desvairados pela loucura do amor genesiaco: os dois cavalleiros juraram tambem morrer juntos, allucinados pela doidice da honra.

— Conde, disse D. Pedro, sabei que eu sinto já minha alma aborrecida de viver n'este corpo, e desejosa de se sahir de suas paixões e tristezas. Pois que as coisas me não obedecem, determino morrer e acabar inteiro, e não em pedaços. Pela creação que vos fiz, pela irmandade que commigo mereceste ter na santa e honrada ordem da Jarreteira em que somos confrades, e principalmente pela vossa bondade e esforço: quero saber se no dia em que d'este mundo me partir, quereereis tambem ser meu companheiro?

— Sou muito contente, respondeu o conde, ter-vos essa companhia na morte, assim como vol-a tive na vida; e se Deus ordenar que do mundo vossa alma se parta, sede certo que a minha seguirá logo a vossa; e se as almas no outro mundo podem receber serviço umas das outras, a minha n'esse dia irá acompanhar e servir para sempre a vossa...

E na manhã seguinte, depois de velarem toda a noite, preparando-se para a morte, commungaram christãmente jurando morrer, nas mãos do clerigo que lhes ministrou o sacramento; e protestando não querer offender ninguem, mas só defender com razão e justiça a honra do infante. D. Pedro estava por terra, de bruços, lavado em lagrimas, ciliciando-se, a accusar-se dos seus peccados [1]; Alvaro Vaz, de pé, ao lado, comprimia os soluços; no seu altar, o padre abençoava-os. O christianismo foi tambem uma Cavallaria, da alma dolorida, pelo ideal da ventura ultra tumular...

Voltemos agora a pagina, vejamos o reverso da medalha, no que passava em Santarem, em meio da côrte, afogada no espirito pratico, sem nenhuma luz de idealismo que a guiasse, e lhe fizesse comprehender o desvairamento épico dos homens de Coimbra.

A rainha, ensurdecida com o tumulto da guerra que se preparava, afflicta com as vozes que em côro pediam a morte do pae, acaso ferida pelo remorso pungente da carta cruel que lhe escrevera, deitou-se de joelhos diante do marido, e lavada em lagrimas pedia-lhe a salvação de D. Pedro. Era seu pae, era innocente; lembrasse-se que deshonrava no avô os filhos que ella lhe havia de dar! tivesse compaixão! abrisse, pelo amor que lhe tinha, os olhos á verdade...

— Como quereis brandura, voltava-lhe Affonso v, se elle é tão pertinaz? Reclamei-lhe as armas que tinha, e não m'as deu. Ordenei-lhe que deixasse passar o duque de Bragança, e não o consentiu. Mas, por vós, e só por vós, se elle pedir perdão, dou-lh'o.

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXII.

A rainha levantou-se e tristemente escreveu ao pae, sem esperança. Com effeito, no conselho, apesar do voto em contrario dos seus companheiros, D. Pedro, decidido a morrer, declarou firmemente que não pedia perdão por não ter de que. Seria confessar-se réo: isso nunca!

— Antes tenham remorsos da minha morte, do que eu vergonha de viver!

E acertava. Porque, se o idealismo é uma loucura pratica, a dignidade é que determina a linha divisoria do mundo interior da razão e do mundo objectivo da necessidade, marcando o limite até onde a curva inherente ás coisas reaes traduz a comprehensão synthetica da vida. Morrer por um ponto de honra, é um absurdo; morrer por uma exigencia da dignidade, é um dever alegre.

D. Pedro, porém, estonteado como navio que perde o leme em meio do mar, batido pela rajada sêcca da loucura, tergiversou n'um momento de fraqueza contraproducente; escreveu á filha, pedindo perdão, para condescender com os que o aconselhavam, mas, obedecendo ao proprio impulso que protestava, accrescentou: «Isto, senhora, faço eu, mais por vos comprazer, que por me parecer razão que assim o faça.» Taes palavras offenderam com motivo o rei, e decidiram-no a recusar o perdão, annuindo ás instancias dos conselheiros que em côro envenenavam as palavras de D. Pedro, accendendo a vaidade do rei, indicando-lhe que não devia deixar-se guiar por uma mulher. O medo d'elles, era agora a rainha e o amor que o esposo lhe dava. Por isso tambem voltavam para ahi os seus ardis, procurando desligar d'ella o rei, aconselhando-lhe a caça, pintando-lhe o trato com mulher, na sua idade, como contrario á saude do corpo e do espirito. Ficaria um sêr effeminadamente fraco, diziam os physicos; e os moralistas accrescentavam que esse casamento não fôra verdadeiro: não passava de uma concubinagem. A tudo isto porém resistia a força do temperamento de Affonso v, no desabrochar da idade viril. Vendo que remavam errado, a boa gente voltou de norte, inventando amantes á rainha, sacrificando á prisão o camareiro mór d'el-rei, Al-

varo de Castro, que, provada a innocencia, foi solto e em compensação feito conde de Monsanto.

Cada dia que passava, tornava mais aguda a situação. O conflicto parecia inevitavel. Affonso v estava preso n'um cerrado que lhe impedia o conhecimento exacto da verdade. Todo o empenho de conciliação morria abortado á nascença, como succedeu ao do prior d'Aveiro, a quem vedaram o accesso ao rei [1]. Já não havia com effeito outra solução além da morte.

*
* *

Para lá caminhava decerto o infante quando largou de Coimbra a cinco de maio, de manhãsinha, depois de uma noite que a cidade inteira consumiu em festas e danças. Levava comsigo os filhos, um milhar de cavalleiros, e o quintuplo em peões com uma grande carriagem de bois e animaes de carga. Ao partir, desvairadamente, fallou ás tropas, dizendo-lhes que « ia pedir justiça como leal servidor d'el-rei seu senhor ». Singular campanha, cuja loucura se via nas legendas dos balsões que d'um lado tinham escripto *Lealdade*, e do outro *Justiça e Vingança*. Funebre paradoxo este de proclamar a lealdade, sahindo a campo como rebelde; e de pedir justiça, gritando por vingança!

Vendo um acto de loucura tão consummada, em Santarem os inimigos não couberam em si de contentamento. O parecer dos que nos conselhos do infante queriam que se não sahisse de Coimbra era o bom, porque, não dispondo o rei de forças bastantes para um cêrco, a ameaça aprazada para o dia cinco de maio não podia cumprir-se. Quando, pois, se soube que D. Pedro deixára espontaneamente o seu covil, e vinha por esses campos fóra metter-se na bôca do lobo, bateram palmas de contentamento. Para que viria o infante, senão para atacar el-rei? Era facil fazel-o crêr a Affonso v.

E todavia D. Pedro não vinha hostilmente: ainda guarda-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, cxiii a v.

va uma secreta esperança de que os olhos do sobrinho se desvendariam para vêr, e os seus ouvidos se abririam para ouvir. Mas a esperança, a lealdade, o amor da morte e o desejo de viver, com a colera e o desdem soberano pelos inimigos: tudo se revolvia confusamente no seu cerebro, já incapaz de coordenar idéas com lucidez.

No dia cinco foram dormir á Ega; no immediato, sem entrar em Leiria, pararam na Batalha, onde o povo se amotinou com intentos de resistencia, que os frades amoravelmente suffocaram. D. Pedro ouviu missa, e bem com Deus, foi visitar os tumulos dos paes, já recolhidos para sempre na sua morada de marmore [1]. Ajoelhou piedosamente, rezou, fallou-lhes, com a certeza de que muito breve para alli viria tambem dormir em companhia. Singular rebelde, estranho campeão!

Da Batalha foi a Alcobaça, onde tambem os frades o receberam de braços abertos. Já de Santarem tinham largado corredores ao seu encontro. De Alcobaça partiu direito a Rio Maior, deixando a estrada de Lisboa. Ia resolver-se a direcção que haviam de tomar. No conselho reunido em Rio Maior, as opiniões foram quasi unanimes no sentido de uma volta a Coimbra. Não se devia ir mais adiante: a honra estava salva. Quem se atrevera a cumprir a ameaça de o atacar? Enviar emissarios a Santarem, não; porque nada se podia fiar de um rei tão creança. Proseguir, tambem não; porque accentuaria o caso de rebellião. Além d'isso, ir plantar o arraial nos arrabaldes de

[1] «São dois grandes moimentos tão juntos que parecem hum só. O marmore, muito alvo e fino, lavrados todos em roda de um sylvado de meyo relevo com seus espinhos e amoras e a espaços uma letra francesa que diz: *Il me plait, pour bien*... Sobre os moimentos parecem dous corpos deitados, do mesmo marmore, lavrados de relevo inteiro, hum del Rey, que está anuado de todas as armas, salvo as da cabeça, e o outro da Rainha que fica á mão direita del Rey, e estão travados pelas direitas. As cabeceiras d'estas sepulturas ficão pera a porta principal, e em cada huma esculpido seu letreiro, que por serem em demasia largos terão particular capitulo. Fica o altar que dissemos contra os pés das sepulturas, arrimado ás columnas, que sustentão o simborio: por maneira que o altar e sepulturas fazem huma capella particular por si e não pequena no meyo de toda a quadra.» — Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, VI, 15; tom. I, 625-6.

Santarem, em meio dos olivaes, seria um crasso erro, pois, se lh'os derribassem na retaguarda, ficavam sem retirada segura nem possibilidade de peleja. Certo era perder-se a gente de pé e a carriagem. Ir sobre Lisboa, tambem não: traria um desengano cruel. Lisboa já não era a mãe que amamentára D. Pedro, mas sim madastra descaroavel. A marcha seria indubitavelmente acossada pelas gentes do rei.

Raciocinavam todos com o instincto de quem quer viver. D. Pedro não podia discutir, pois ia levado nas azas da morte.

— Bem sinto já, respondeu, que estar aqui mais não é necessario, e muito menos avançar contra Santarem: já por tudo o que dissestes, já por parecer que vamos atacar el-rei. Retirar, porém, não quero! Vamos sobre Lisboa! Se não vierem a mim, daremos a volta por Loures, Torres-Vedras e Obidos, recolhendo a Coimbra, onde esperaremos a ventura que vier, e a intercessão de D. Henrique e da rainha minha filha...

Será verdade que algum homem, levado ao suicidio pelo desespero, ainda no proprio momento de decisão mais formal, deixe de ter a vaga esperança de um acaso que o salve? Poderão tanto as decisões do pensamento, que abafem por completo os instinctos organicos? O facto é que em D. Pedro luctavam, e essa lucta era uma das causas da sua loucura. Vagamente esperou que o sobrinho viesse lançar-se-lhe arrependido nos braços; como agora esperava que Lisboa ainda o acclamasse; como contava ainda com a efficacia da intercessão de D. Henrique e da filha: pondo a esperança em cada sombra de madeiro salvador que suppunha vêr sobrenadando no mar agitado do pensamento, mesquinhos restos da nau da sua vida sossobrada!

Demoraram-se tres dias em Rio Maior. Nem o rei correu a pedir perdão; nem veio recado de D. Henrique, nem da rainha: nada! Uma paz, um silencio, um abandono, que já pareciam de tumulo... Agora, o despeito que nos phleugmaticos desdenhosos é tão forte como as labaredas do odio nos sanguineos, juntava-se na cabeça do infante ao tumulto de pensamentos desconnexos que já de antes o endoideciam.

Em vez de seguir para leste, direito a Santarem, no dia dezeseis obliquou para norte, dirigindo-se a Alcoentre, a caminho de Lisboa, onde a noticia da vinda de D. Pedro provocava tumultos e assassinatos. Dois creados do infante, havidos por suspeitos, tinham sido esquartejados, e os quartos postos para exemplo nas praças da cidade. Bem fizera, quando regente, não consentindo que lhe levantassem a estatua na porta-da dos Estáos!

Marchava tristemente a pequena columna, acossada na cauda pelos ginetes e corredores de el-rei que sahiram de Santarem logo que o viram partir. Perseguiam-no com tiros, mais de lingua do que de bésta. Chamavam-lhe desbragadamente hypocrita e falso, ladrão do povo, traidor, tyranno... e taes insultos accendiam a ira dos soldados.

— Socego, dizia-lhes D. Pedro, não se encolerisem. Essas bôcas já muitas vezes me beijaram as mãos por mercês feitas...

Mas, n'elle proprio, a onda da colera subia, afogando-o. Já se combatia no couce do pequeno exercito, e de uma primeira escaramuça trouxeram os prisioneiros ao infante. Vinha entre elles um creado de D. Henrique. D. Pedro, enfurecido ao vêl-o, tomou de um pau, gritando com a colera fria da gente pensadora:

— Ingrato e traidor! E da tua bôca era que taes vilezas sahiam! Bastava que fizesses o mal com as mãos, não com a lingua!

Abateu-o com uma paulada; outros o acabaram ferozmente. O sangue allucinou de todo o infante que, n'uma furia, varridamente louco, mandou enforcar ou degolar os mais prisioneiros. Este accesso desilludiu quasi todos. A mais da gente de pé escoou-se de noite pelas veredas das serras; ficaram quasi sós os cavalleiros presos pela homenagem e lealdade. Ninguem contava senão com a morte.

Já de Santarem o rei sahira com trinta mil homens — tamanho era o susto! — descendo lentamente ao longo do Tejo, para dar tempo ao inimigo de se aproximar de Lisboa hostil. Quanto mais perto d'ella se chocassem, melhor, pois o teriam entre dois fogos. Entretanto D. Pedro seguia de Alcoentre,

sempre a sul, direito á Castanheira sobre o Tejo. A direcção das duas forças era convergente. Chegou o infante á Castanheira, ainda o rei vinha longe. Acampou, mas o logar era indefensavel. As deserções continuavam cada vez mais numerosas! Muitos abandonavam as bagagens para fugir mais leves. Arriscado a achar-se só, com o conde de Avranches que o seguia como um espectro vivo, levantou o arraial. Annunciou que iam a Lisboa, a vêr se continha o panico; mas legua e meia mais abaixo, sobre o ribeiro de Alfarrobeira, logo áquem de Alverca, parou de novo. Não pensava já em entrar em Lisboa; soubera da sorte dos seus creados; mas ainda vagamente conservava uma tenue esperança no irmão Henrique...

Uma terça-feira, eram vinte de maio, chegou o rei com o seu exercito. Avranches, sahido a reconhecer o inimigo, voltou á estacada, confessando que estavam perdidos.

Em Alverca o Tejo espraia-se na sua enorme amplidão, alongado para o sul pelas alluviões n'um estendal de juncaes e paúes salgados, lezirias onde pastam as manadas de touros negros. Leves cortinas de salgueiros e choupos fecham distantemente o horisonte encinzeirado. Para áquem, a extensão da varzea é mais breve, limitada ao norte pela cordilheira de montes arredondados, em cujas encostas vermelhas sobresae o verde-negro da urze charnequeira, lençoes de matto que vêm franjar-se contra as argillas amarelladas dos contra-fortes. N'essas collinas, mollemente reclinadas sobre a varzea d'um torrão pingue e endurecido pela agua e pelo sol, luzem como colmeias brancas as povoações, encastadas no verde quente dos pomares e no pardo melancolico dos olivaes com reflexos da côr d'aço. Pelos vallados, á beira das azinhagas, as figueiras e os aloes com as folhas metallicas bordadas de espinhos, coroados triumphalmente pelos seus penachos escarlates, matizam a paizagem, inundada por uma luz offuscante, a que o velario do céo põe uma cupula gloriosa, azulando os altos dos montes, lá para o longe.

O ribeiro de Alfarrobeira desce do norte serpeando pela varzea, engastado em duas linhas de ulmeiros e choupos que o

encobrem, até aos terrenos nús das margens do Tejo, dominio das cheias, onde corre como uma valla. Junto do ribeiro estava o arraial do infante, cercado já pelas tropas reaes que, decididas a não assaltar, queriam vencer com o medo das trombetas concitando os echos dos montes, e dos arautos e reis d'armas que soltavam os mais espantosos pregões, a intimar aos sequazes do infante o abandono do rebelde. Succedia porém o contrario: as deserções davam-se do campo real para o de D. Pedro.

N'esta indecisão, uns besteiros do rei metteram-se á agua, encobertos com as arvores, e de lá jogavam tiros sobre o arraial. Já havia feridos e mortos. Por outro lado, d'um cabeço proximo, tambem atiravam. D. Pedro mandou então pôr fogo a umas bombardas que trazia encarretadas, apontando ao cabeço; mas a impericia dos artilheiros atirou uma bomba junto da tenda de Affonso v. Perante um aggravo d'estes, rompeu o assalto espontaneamente. A peonagem que restava ao infante debandou logo; e D. Pedro apeou-se, vendo chegar o momento por que a vontade suspirava e contra que o instincto se lhe rebellára tanto. Estava levemente armado: uma cota, sobre ella uma jornea de velludo carmezim e na cabeça a cervilheira. N'esse instante varreram-se-lhe de todo as esperanças na fraternidade de D. Henrique. Não acreditou na presença d'elle junto do rei, ao lado dos seus inimigos? [1] Oxalá que levasse para a cova esta consolação.

Alto, magro, branco, movendo-se espectralmente, combatia a pé no meio do tumulto. De perto, os filhos fitavam-no com o espanto interrogador das creanças... quando uma setta perdida, ou mandada [2], lhe varou o coração. Cahiu morto com esta

[1] «O infante D. Henrique estava com el-rei D. Affonso v seu sobrinho n'aquelle ajuntamento que se fez sobre o infante D. Pedro de que se seguiu a batalha de Alfarrobeira, na qual o dito infante foi morto e o conde de Avranches que era com elle, e toda a sua hoste desbaratada; onde, se o meu entender para isto abasta, justamente posso dizer que lealdade dos homens de todolos segres foram nada em comparação da sua.» Azurara, *Conq. de Guiné*, v.

[2] Disse-se que os inimigos do infante accrescentaram o que o matou. Traziam gente apostada para isso. Pina, *Chron. de Affonso V*, cxxi.

só ferida; morreu com a consolação de não presencear outras mortes; e o bispo de Coimbra, vendo-o por terra, curvou-se, ajoelhou, e no meio da vozeria do combate, absolveu-o, recolhendo-lhe o ultimo suspiro. A historia absolve-o tambem.

A cavallo, o conde de Avranches combatia, clamando, matando. O seu humorismo tornára-se em furia.

— Senhor conde, que fazeis? que o infante D. Pedro é morto! gritou-lhe um moço.

— Cala-te, rugiu o conde, e aqui o não digas a ninguem!

Esporeou o cavallo, foi á sua tenda, pediu que lhe dessem pão e vinho, vestiu as melhores armas, e sahiu a pé pelo arraial, já de todos os lados entrado. Reconhecendo-o, cahiram em chusma sobre elle, que com a lança, e, depois de partida, com a espada, lavado em sangue, combatendo em volta, sem consentir que lhe tocassem emquanto esteve de pé, matava furiosamente. Vendo-se cançado, murmurou:

— Ó corpo, já sinto que não podes mais, e tu minha alma já tardas...

E deixou-se cahir por terra, a gritar como um trovão:

— Fartar, rapazes! Vingar, villanagem!

N'um instante foi crivado de golpes. Despedaçaram-no, deixando-lhe o tronco em retalhos espalhados pelo chão. A cabeça, decepada, levou-a um seu velho amigo ao rei, pedindo por ella accrescentamento. Era tempo de começar o regabofe.

Tres dias ficou insepulto o cadaver de D. Pedro, apodrecendo com outros n'uma choupana d'onde o levaram por fim, n'uma escada por esquife, á igreja de Alverca. A viuva de D. Pedro fugiu de Coimbra, homiziada, e, dos filhos, D. Jayme, preso, «ficou apparelhado para o cutello» [1] e D. João por Castella viveu esmolando.

*

* *

Consummada a catastrophe, começou a partilha. O duque de Bragança teve logo Guimarães e teria tido o Porto, como

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXVI a XXIV.

reclamava, se os da cidade se não tivessem opposto energicamente [1]. O conde de Ourem teve Valença do Minho com o seu marquezado [2]. Vasco Fernandes Coutinho, presidente da liga de 1439, foi feito conde de Marialva [3]. E assim á proporção. Dava-se a mãos largas; mas para dar o que era de D. Pedro tornava-se necessario deshonrar-lhe a memoria. Isso custava ao rei, e adivinha-se quantas lagrimas custou á rainha. Prova-se a hesitação dilacerante na demora que houve. Alfarrobeira fôra em maio, e só em dez de dezembro, sete mezes depois, em Almeirim, veio á luz a Carta régia declarando traidor o infante D. Pedro e todos os que o haviam acompanhado, privando-os de bens e honras.

Foi necessario que D. Izabel désse á luz, no meado de 1455, o principe D. João, futuro vingador de seu avô, para que o rei, enternecido, rehabilitasse a memoria do regente [4]. Collaboravam com a rainha os tios de Borgonha, para onde casára a filha de D. João I, mãe de Carlos-o-Temerario, cujo heroismo foi tão semelhante ao de seu tio D. Henrique, reclamando sepultura honrada para o irmão e cunhado, ou que lhes mandassem o cadaver. Rehabilitado, foi D. Pedro para a Batalha dormir o somno eterno á sombra do seu motto *Desir* — a vaga ambição do ideal que o arrastou até á loucura! No fim d'esse anno de 55 morria a rainha D. Izabel, contente por vêr apagado o stygma do pae; e as gentes diziam que acabava por isso mesmo, envenenada. Logo depois de Alfarrobeira, vergára com a dôr da catastrophe e o medo de se vêr tambem perdida por perder o carinho do esposo [5]. Com effeito, os vencedores queriam que Affonso V se separasse da rainha e casasse de novo; mas o rei oppôz-se a tanto, e mandou-lhe, de Lisboa a Santarem onde a deixára, saudações e consolos [6]. Isto animou-a,

1 Pina, *Chron. de Affonso V*, CXXIX.
2 *Ibid.*, CXXXII.
3 *Ibid.*, VIII.
4 Carta de 20 de julho de 1455.
5 Pina, *Chron. de Affonso V*, CXXVI.
6 *Ibid.*, CXXVIII.

e, annos passados, quando se achou gravida, abençoou a Providencia que lhe dava com esse filho a redempção do pae. Assim, succedeu com effeito. Entrado o inverno, porém, em Evora, onde estava a côrte, adoeceu «de fluxo de sangue com suspeita de lhe terem dado peçonha» [1]. Os antigos parciaes de D. Pedro perderam na rainha o ultimo escudo do seu amparo.

Dos filhos de D. João I restavam apenas D. Henrique, de que já contamos a morte, em 1460, no seu leito em Sagres: feliz com a segurança de deixar a vida coroada pelo exito, esquecido dos irmãos que immolára no altar dos seus designios; e D. Affonso, o bastardo, que morreu em 1461 [2], vergando ao peso de oitenta e quatro annos [3]: riquissimo, poderosissimo, na plena satisfação das suas grandes ambições. Estes dois foram os vencedores da vida; os outros quatro morreram vencidos. D. João, quasi em rapaz, levou-o subitamente uma febre, matando esse raro exemplo de ingenuidade de caracter, mallogrando a mais bella das existencias. D. Fernando acabou tambem, na flôr dos annos, martyr verdadeiro immolado ao destino da patria portugueza. D. Duarte, agonisando com a perda do irmão querido, desceu á cova, penitenciando-se em lagrimas de amargura, flôr de modestia ceifada pela foice da fatalidade no vigor d'uma vida sempre triste. D. Pedro, finalmente, a cujo acabar assistimos agora, fecha com o lugubre sêllo do destino esta série de desgraças.

Occorre, portanto, indagar qual vale mais, se vencer, ou ser vencido? Convem perguntar, se, n'um mundo incompleto e imperfeito, como tudo quanto é real, a bondade, a virtude, a nobreza, e esse bater d'azas para o ideal, representado á imaginação dos gregos na fabula de Icaro, não serão em verdade causas de permanente desgraça? Feita de ironia, a realidade parece condemnar aquelles que ousam querer desvendar-lhe as

[1] Goes, *Chron. do princ. D. João*, v.

[2] No mesmo anno morreu o marquez de Valença, conde de Ourem, solteiro, herdando a casa de Bragança o conde de Arrayolos. V. Sousa, *Hist. Geneal.*, x, 515 e segg.

[3] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXLV.

leis, quebrando o sêllo terrivel do mysterio. Contradictorio na essencia intima do seu proprio sêr, o mundo esmaga quem se propõe vencel-o, desflorando-lhe a intimidade dos seus segredos. Viver é ignorar.

Mas, se a historia é uma lição de physica social no dynamismo dos elementos que a compõem, é tambem, na analyse dos caracteres e dos motivos moraes que os constituem, a mais completa lição de psychologia positiva. Um caracter bem estudado vale por um mundo visto. Quando os caracteres são como foram os dos filhos de D. João I, eminentemente accentuados e profundamente differenciados, a galeria torna-se um verdadeiro curso da alma individual nos seus phenomenos mais suggestivos. E quando, finalmente, a pleiade é, como esta foi para nós, a iniciadora na vida nova que tivemos na Renascença: a psychologia historica eleva-se á altura d'uma interpretação das causas determinantes do nosso heroismo passado — mais milagroso que muitos milagres perante os quaes os homens ajoelham confundidos.

Oliveira Martins.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO IX

ANTES DA BATALHA

Durante mais de uma hora caminhamos, através da escuridão, guiados por Infandós e pelos chefes — até que de novo surgiu, como um fino traço luminoso, a orla do sol. D'ahi a pouco havia já luz sufficiente; e achamo-nos então longe de Lú, junto de uma larga collina, de duas fartas milhas de circumferencia, em fórma de ferradura, e toda ella inteiramente plana no topo. Desde tempos immemoriaes, aquelle planalto fôra (segundo nos disse Infandós) aproveitado como acampamento permanente, e ordinariamente occupado por uma guarnição de tres mil homens. N'essa manhã, porém, á maneira que iamos trepando os flancos da collina, á luz já viva e quente do sol, descobriamos successivos regimentos, formando uma divisão de dezoito ou vinte mil homens, quasi todos veteranos. Estavam ainda sob o espanto e terror da mysteriosa treva que de repente os envolvera. E foi em silencio que passamos através

[1] Continuado da pag. 525, do numero de abril.

das suas filas cerradas, em direcção a um grupo de cabanas que se erguia a meio do planalto. Com surpreza e grande alegria encontramos lá dois servos, á espera, carregados com todas as nossas bagagens, cantinas, e munições que n'essa manhã deixaramos nas cubatas de Lú. N'uma trouxa as calças de John. Com que sofreguidão elle as envergou, pudico homem!

— Fui eu que mandei vir tudo, á cautela! explicou o serviçal Infandós. Quem sabe quantos dias estaremos n'este deserto!

Como não havia tempo a desperdiçar, o velho e activo guerreiro deu ordem para que se formassem as tropas immediatamente. Era necessario antes de tudo (disse elle) aclarar aos regimentos os motivos da revolta já decidida pelos chefes, e apresentar-lhes Ignosi, o legitimo rei por quem iam combater.

Meia hora depois os regimentos (a flôr do exercito dos Kakuanas) estavam em formatura nos tres lados d'um immenso quadrado. Do lado aberto ficamos nós com Ignosi, o velho Infandós e os chefes conjurados. Logo que um arauto intimou silencio — Infandós avançou: e com um calor um enthusiasmo, irresistivelmente persuasivos, narrou a historia de Ignosi, o seu nascimento real, a serpente tatuada na cinta, a tragica morte de seu pai á mão de Tuala, a sua fuga através dos montes, o seu exilio entre estranhos. Depois retraçou o reinado cruento de Tuala, os seus crimes, ás suas espoliações, as frias e inuteis crueldades. Em seguida contou como os homens brancos das estrellas, que lá de cima tudo vêem, se tinham compadecido da grande afflicção que ia no reino dos Kakuanas; como tinham ido então buscar Ignosi, o rei legitimo, ás terras distantes onde elle definhava no exilio, e o haviam trazido pela mão, através dos areaes e dos montes, ao paiz de seus paes; como n'essa manhã, para mostrar a Tuala e a todos o seu poder magico, e provar aos chefes descontentes que Ignosi era rei, elles com as suas artes tinham apagado, e depois tornado a accender, o sol; e como, emfim, esses magicos que nenhuma força

veneia estavam dispostos a derrubar Tuala, o falso rei — e pôr em seu logar Ignosi, o rei verdadeiro!

Apenas elle findára, entre um longo murmurio de approvação, Ignosi deu dois passos, e, alteando a sua nobre estatura, appellou para as tropas. — Ellas tinham ouvido Infandós, seu tio! Cada palavra d'elle luzia como a verdade. Os Kakuanas agora só podiam escolher entre Tuala, o monstro que os roubava, os trucidava, e cobria a terra de horror e desordem, — e elle, rei legitimo, que não permittiria mais no reino a caça aos feiticeiros, nem matanças de festa, nem castigos sem julgamento, nem a oppressão dos mais fortes... Pelo contrario, sob elle, só haveria paz e abundancia! A todos os que alli estavam e o ajudassem daria cubatas, mulheres e gados: — e todos, ganha a victoria sobre Tuala, iriam viver nas suas senzalas bem providas, em descanço e alegria para sempre. De resto, os homens das estrellas estavam com elle, a seu lado, para manter os seus direitos. E quem podia ir contra a força das suas artes magicas? Não tinham elles visto o sol apagado, depois outra vez brilhante, á ordem dos espiritos brancos?

Um rumor de acquiescencia, de adhesão, corria já entre as tropas. Ignosi então recuou um passo, e erguendo no ar o seu formidavel machado de guerra:

— Eu sou o Rei! Na verdade vos digo que sou o Rei! E se ahi ha alguem, d'entre vós, que diz que eu não sou o Rei, que sáia a terreiro, se bata commigo, e bem cedo o seu sangue correndo no chão provará que na verdade sou Rei. Escolhei pois, entre mim e Tuala, oh chefes, soldados, vós todos! Sou eu o Rei!

— És o Rei! foi a universal, acclamadora resposta, que atroou toda a collina.

— Bem! Tuala está mandando já emissarios a reunir os seus homens para nos combater. Os meus olhos estão abertos, e verão aquelles que mais fieis me são, e que merecerão mais terra, mais gado, mais riqueza. E agora ide, e preparai-vos para as batalhas, em defeza do vosso Rei!

Houve um silencio. Um dos chefes ergueu a mão; e os

vinte mil homens, ferindo o sólo com as azagaias, soltaram a grande saudação real — *krum! krum! krum!* Ignosi estava acclamado Rei. Os batalhões immediatamente recolheram aos seus acampamentos. No planalto reinou silencio e ordem.

Logo depois celebramos um conselho de guerra, com todos os capitães. Era evidente que em breve seriamos atacados pelas tropas fieis a Tuala. Já do alto da nossa collina nós viamos regimentos marchando, a concentrar-se em Lú — e um incessante movimento de armas por toda a estrada de Salomão. Do nosso lado contavamos com vinte mil homens. Tuala, segundo o calculo dos chefes, poderia ter reunidos na manhã seguinte trinta e cinco a quarenta mil soldados. Mas d'esses, muitos eram recrutas; e a forte flôr do exercito, os veteranos endurecidos, os capitães de experiencia estavam felizmente comnosco, sobre a collina da Revolta.

O primeiro cuidado era fortificar a nossa posição. Começamos por obstruir com grossos rochedos todos os carreiros que subiam da planicie. Nos pontos mais accessiveis erguemos estacadas e trincheiras. Accumulámos á orla do planalto montes de pedras para arremessar sobre os assaltantes. Aqui e além cavámos fossos. E, como todo o exercito trabalhava, ao fim da tarde a collina fôra convertida em cidadella.

Justamente antes do pôr do sol, vimos um grupo de homens que de uma das portas de Lú avançava para nós, fazendo soar um tam-tam. Um d'elles trazia na mão uma palma verde. Era um arauto.

Ignosi, Infandós, dois ou tres chefes, eu e os amigos descemos ao seu encontro. Vimos um soberbo homem, ainda moço, com a pelle de leopardo aos hombros.

— Saude! gritou elle, parando e agitando a palma. O Rei envia o seu saudar áquelles que lhe fazem uma guerra infiel. O Leão envia o seu saudar aos chacaes.

— Falla! bradei.

— Estas são as palavras do Rei: — « Entregai-vos á minha mercê, antes que a minha forte mão cáia sobre vós! » — Assim disse o Rei. Já foi arrancada ao toiro negro a espadoa

direita! Já o Rei o anda enxotando ensanguentado em volta ao acampamento! [1]

— Quaes são as condições de Tuala? perguntei por curiosidade.

O arauto declarou que as condições eram misericordiosas e dignas de um grande Rei. Muito pouco sangue o contentaria. De cada dez homens um seria morto, os outros perdoados; mas o branco Incubú que matára Scragga, o servo Ignosi que pretendia o seu throno, e Infandós que preparára a rebellião, seriam postos a tormentos, em sacrificio aos *Silenciosos*. Taes eram as misericordiosas condições do Rei.

Consultei um instante com os chefes, e repliquei, n'um tom estridente para que todos os soldados ouvissem, por sobre a collina:

— Volta para Tuala que te mandou, oh cão, filho de cão! E dize-lhe em nome de Ignosi, legitimo rei, e de Infandós, seu tio, e dos homens das estrellas que apagam o sol, e de todos os chefes e soldados aqui juntos, dize a Tuala — que antes que o sol dê duas voltas o cadaver de Tuala jazerá hirto e frio no terreiro de Tuala... Vai e treme, oh cão, filho de cão!

O official riu, com arrogancia:

— Não se assustam homens com palavras inchadas! Ámanhã se verá em que terreiro e que corpos jazerão hirtos e frios. Adeus pois, homens das estrellas. Para meu proprio regalo espero que tenhaes o braço tão forte como tendes ousada a lingua!

Com este sarcasmo o valente voltou costas. Quasi immediatamente a noite desceu.

Á luz da lua ainda continuaram os trabalhos da defeza. Depois, já por noite alta, quando tudo se completára, o Barão, Ignosi e eu, acompanhados por um dos chefes, descemos a collina a visitar os postos avançados. Á maneira que caminhavamos, viamos de repente surgir dos sitios menos esperados, de

[1] Este cruel costume é commum a muitas tribus de Africa, por occasião de guerra.

uma cova na terra, de uma moita de arbustos, de um montão de rochas, alguma enorme figura emplumada, com a ponta da azagaia rebrilhando á lua, que, trocada a palavra de passe, logo se sumia, como dissolvida na sombra das coisas. A vigilancia era realmente perfeita. Demos assim toda a volta á collina, que tornamos a subir pela vertente norte, através das companhias de soldados adormecidos. A lua batia nas lanças ensarilhadas. Aqui e além uma sentinella destacava immovel, com as suas altas plumas ondeando á brisa fria da noite. E os robustos homens escuros, estirados no chão, uns contra os outros, no confuso abandono da fadiga e do somno, formavam como um vasto montão de humanidade já prostrada e preparada para a sepultura. Quantos d'aquelles estariam ainda vivos quando na outra noite de novo nascesse a lua? Estranha fatalidade e tristeza da vida! Muitos d'esses tinham alegria e paz nas suas aringas. Um principe ambicioso passava. E eis que milhares que alli dormiam um somno tranquillo cahiriam, varados por lanças, seriam frios cadavares, desappareceriam em pó impalpavel, sem de si deixar mais vestigio que folhas de arvores que um vento leva. E nós mesmos — quem sabe? Tornariamos nós a vêr a lua brilhar n'aquella collina?

— Barão, disse eu de repente, dando voz a estes pensamentos, sinto-me n'um lamentavel estado de atrapalhação e de medo.

— O amigo Quartelmar costuma sempre queixar-se...

— Não, não! D'esta vez é serio. Nem sinto as pernas. Nós ámanhã somos atacados com forças collossalmente superiores e não escapa um de nós. É estupido! E para que? Não temos nada com as questões dynasticas dos Kakuanas! Somos estrangeiros, somos neutros!

— É verdade. Mas já agora, estamos envolvidos na aventura e é necessario leval-a a cabo airosamente. E depois, que diabo, Quartelmar! Mais vale morrer de repente, n'uma batalha, que durante mezes na cama!...

Eu pensei commigo (e bem estupidamente) que o melhor era não morrer nem n'uma cama, nem n'uma batalha. E d'ahi a

instantes recolhiamos á nossa estreita senzala, a dormir algumas horas antes da grande acção.

Infandós veio-nos acordar ao romper da alvorada, dizendo que se observavam já do lado da cidade movimentos de tropas, e que já ligeiras escaramuças tinham obrigado as nossas sentinellas avançadas a recolher. Começamos logo, febrilmente, os nossos preparativos. O Barão, pelo principio de que na « Kakuania se deve ser Kakuano », armou-se e enfeitou-se como um guerreiro selvagem — pelle de leopardo aos hombros, enorme pluma de abestruz presa á testa, cintura de rabos de boi, escudo de ferro coberto de couro branco, machada de combate, facalhões de arremessar, azagaia, todo o complicado armamento d'um chefe negro. E devo confessar que assim armado e emplumado era uma esplendida e formidavel figura! O capitão John não causava tanta impressão. Em primeiro logar insistira em conservar as calças que Infandós lhe obtivera; e um cavalheiro baixote e gordote, de monoculo, suissa d'um lado e a cara rapada do outro, com uma cóta de malha de ferro mettida para dentro das pantalonas, grande lança e chapéo côco, offerece na realidade um espectaculo mais estranho que imponente. Eu por mim, ao contrario, tinha tirado as calças para correr mais lesto se tivessemos de retirar: mas a fralda da camisa apparecia-me por baixo da cóta de malha: um facalhão que pendurára á cinta batia-me lamentavelmente nas canellas: o escudo enfiado no braço entanguia-me os movimentos: e sentia em geral que não apresentava para combate uma figura sufficientemente heroica. De sorte que espetei uma immensa pluma no meu bonet de caça — e procurei dar ao rosto uma expressão de ferocidade. Além do arsenal de armas selvagens, tinhamos naturalmente as nossas carabinas, que tres soldados atraz conduziam com os sacos de munição.

Apenas armados, engulimos á pressa o almoço, e abalamos. N'uma das extremidades do planalto do monte havia uma especie de casebre de pedra, que servia ao mesmo tempo de quartel-general e de torre de vigia. Encontramos ahi Ignosi, magnificamente emplumado e apetrechado. Com elle estava In-

fandós: e como guarda real o regimento de Infandós, decerto o mais numeroso e aguerrido de todo o exercito. Este regimento tinha por nome *os Pardos*, porque usava plumas pardas na cabeça. Era composto de tres mil praças; e estava collocado de reserva, deitado em ordem e por companhias sobre o capim que alli crescia. Os chefes, n'um grupo, junto do casebre, com as mãos em pala sobre os olhos, observavam o movimento das tropas de Tuala — que vinham n'esse momento sahindo de Lú em longas columnas semelhantes a formigueiros.

Cada uma d'essas columnas tinha de onze a doze mil homens. Logo que sahiram as portas de Lú e se acharam na planicie pararam: depois, formadas em batalha, marcharam uma para a direita, outra para a esquerda, a terceira em direcção á nossa collina.

— Bom, murmurou Infandós, vamos ser atacados por tres lados!

CAPITULO X

O ATAQUE DA COLLINA

Devagar, em perfeita ordem, as tres columnas avançaram. A da direita e a da esquerda, separadas, e obliquando como para envolver e cercar a nossa posição: a do centro, direita sobre nós, marchando por aquella lingua da planicie que entrava pela nossa collina dentro — collina que (como disse) tinha a fórma d'uma meia lua com as duas pontas voltadas para a cidade de Lú. A umas quinhentas jardas esta columna parou — dando tempo a que as outras circumdassem a nossa posição. O plano das gentes de Tuala era evidentemente dar, por cada lado, á nossa cidadella um assalto simultaneo e brusco.

— Ah! suspirou John, olhando aquellas multidões espalhadas em baixo, quem tivera aqui uma metralhadora!

— Nem fallemos n'essa delicia! exclamou o Barão com igual pezar. Em todo o caso, Quartelmar, veja se a sua cara-

bina chega até áquelle maganão, de pelle de leopardo, que parece commandar a força.

Carreguei tranquillamente a carabina com bala, agacheime por traz d'uma pedra e apontei. O pobre commandante de pelle de leopardo avançára das fileiras uns trinta passos, seguido por uma ordenança, a examinar a nossa posição; e erguia justamente o braço quando eu lhe mandei uma bala. Tombou sem um movimento mais, com a face no chão. Os nossos regimentos espantados, acclamaram este milagre do homem das estrellas; e eu (tanto a guerra nos endurece o coração) gostei d'estes applausos. Creio mesmo que agradeci, como um actor! No entanto o Barão apontára a um outro official, que correra a recolher o cadaver do camarada — e que, por seu turno, bateu com os braços no ar, cahiu morto. A força inimiga, aterrada, começou logo a recuar. Os nossos uivavam de deleite e de furor. John juntára-se a nós com a sua carabina; e antes que a divisão se tivesse retirado para fóra do nosso fogo, abatemos uns dez ou doze homens. Como *effeito moral* parecia excellente.

De repente, porém, ouvimos um immenso clamor á nossa direita, e um clamor igual á nossa esquerda. Eram as duas columnas circumdantes que nos atacavam. Immediatamente a massa de homens em frente de nós rompeu, avançando por aquella lingua de planicie que penetrava em subida suave no interior da nossa meia lua. Vinham n'um passo vivo, certo, elastico, que cadenciavam entoando um canto rouco. Começamos de novo a fazer fogo. Muitos homens cahiram. Mas era como se atirassemos pedras a uma grande vaga de equinoxio. A maré humana subia.

Subia com grandes brados, repellindo os nossos postos, collocados entre as rochas, á base da collina. A sua marcha porém diminuia de impeto, á maneira que a subida se convertia em ladeira, depois em ingreme pendôr de monte. Ahi onde começava o monte, estacionava a nossa primeira linha de defeza. Já de lado a lado, entre as forças, se começavam a atirar as *tollas*, grandes facas de arremesso que faiscavam no ar. Os

que avançavam vinham bradando: *Tuala, Tuala! Chielè, Chièle!* (mata, mata!). Os nossos replicavam: *Ignosi, Ignosi! Chielè, Chielè!* As primeiras azagaias entrechocaram-se; e, com o encontro, peito a peito, das duas massas de homens, na vertente da collina, a batalha começou.

As forças que atacavam eram esmagadoras; e a nossa primeira linha, onde os homens cahiam como folhas no outono, cedeu, e reentrou na segunda linha de defeza. A lucta aqui foi terrivel; mas os nossos recuaram, e a terceira linha entrou em batalha á orla já do planalto. O Barão, cujos olhos se accendiam, não se conteve mais. Brandindo a sua machada de guerra, arremessou-se para o meio do combate, seguido do capitão John. Ao avistar a gigantesca figura do «homem das estrellas» que vinha em seu soccorro, os nossos soldados bradaram com enthusiasmo: — *Nanzie Incubú!* (Ahi vem o elephante!) *Chielè, Chielè!* E, carregando com redobrado vigor, em poucos momentos repelliram a divisão de Tuala, que, já cançada, sem poder romper a sebe viva de lanças que a continha, voltou a descer a collina em confusão. N'esse instante tambem um mensageiro esbaforido veio annunciar a Ignosi (ao lado de quem eu ficára) que o ataque na esquerda da serra fôra rechaçado; e já eu e Ignosi nos congratulavamos, quando, com grande horror, vimos os nossos, que estavam defendendo a direita, vir correndo pelo planalto, acossados por multidões inimigas, que evidentemente n'aquelle ponto tinham rompido as nossas linhas.

Ignosi bradou uma ordem. Immediatamente o regimento dos *Pardos* se desdobrou, para reter a debandada dos nossos, rechaçar a invasão. E, sem que eu comprehendesse bem como, instantes depois achei-me envolvido n'uma furiosa carnificina. Tudo o que me lembra é o estridente ruido dos escudos de ferro entrechocando-se — e logo adiante a apparição d'um enorme bruto furioso, com os olhos sangrentos a saltarem-lhe das orbitas, que erguia sobre mim uma longa azagaia. O meu revólver findou-lhe os furores para todo o sempre. Mas, quasi em seguida, senti uma pancada na cabeça — e quando tornei a abrir

as palpebras, estava no casebre do quartel-general, deitado n'uma esteira, com o excellente John ao meu lado, velando.

— Então? exclamou elle anciosamente, pondo no chão a cabaça d'agua com que me borrifava.

Antes de responder, ergui-me muito devagar, apalpei com cuidado o meu precioso corpo.

— Bem, obrigado. Estou perfeitamente bem!

— Graças a Deus! Quando o vi, trazido n'uma padiola, deu-me uma volta o coração!

— Não, não foi d'esta! Levei só uma bordoada, supponho eu. E a batalha?

— Por hoje repellimos a pretalhada do Rei. Mas perdemos perto de dois mil homens. Veja aquelle horror, Quartelmar!

E o bom John mostrava fóra o terreiro, convertido n'um hospital de sangue. Para transportar os seus feridos, os Kakuanas usam um longo e esguio taboleiro com uma argola a cada canto. E d'estes taboleiros, postos no chão, cada um com o seu homem, havia longas filas — por entre as quaes caminhavam, curvados, os cirurgiões Kakuanas. O methodo d'estes clinicos é simples e piedoso. Se a ferida se apresenta curavel, o soldado é besuntado com os unguentos nativos, e isolado nas senzalas. Se a ferida é incuravel ou muito grave, o cirurgião, com uma lanceta, corta subtilmente uma arteria do homem, que expira em poucos instantes sem soffrer.

Fugindo a estes espectaculos, John e eu seguimos para o outro lado do quartel-general, onde encontramos o Barão (ainda de machado na mão, todo tinto de sangue) reunido em conselho com Ignosi, Infandós e dois chefes idosos.

— Ainda bem que chega, Quartelmar! gritou o Barão. Eu não posso comprehender o que quer esta gente... Parece que vamos ser cercados!

E assim era, segundo explicou lentamente Infandós. Tuala repellido reunira reforços, e parecia tomar disposições para pôr sitio á collina, e vencer-nos pela fome e pela sêde. Os mantimentos não durariam mais de dois dias. Mas o peor era que a nascente d'agua, sorvida a cada instante por dezeseis mil bô-

cas sedentas, estava prestes a esgotar-se; e antes da manhã seguinte o exercito gemeria de sêde. N'estas conjuncturas, Ignosi queria saber o que propunham os homens das estrellas.

— Dize tu, Macumazan, velha raposa, que tens visto muito, e sabes todas as artes.

Conversei um momento com os amigos, e declarei em seguida ao conselho, que, sem pão e sem agua, nada nos restava senão fazer immediatamente uma tremenda sortida contra Tuala. Todos approvaram com ardor a minha idéa. Mas sob que plano se tentaria esse ataque? Cabia a Ignosi, o Rei, decidir: — e os olhos de cada um voltaram-se para o nosso antigo servo, que agora, nas suas armas e plumagens de guerra, tinha um magnifico ar de rei guerreiro.

Depois de pousar dois dedos sobre a testa, á maneira Zulú, Ignosi fallou e desenvolveu um plano excellente. Ao começo da tarde (era então meio-dia) os *Pardos*, commandados por Infandós e o Barão, desceriam aquella lingua da planicie que penetrava na meia-lua da collina, e avançariam sobre Tuala, emquanto elle proprio, Ignosi (que eu devia acompanhar), ficaria de reserva por traz com tropas frescas. Decerto Tuala, vendo os *Pardos* romper n'uma sortida, lançaria sobre elles toda a sua força para os esmagar. Emquanto na lingua de terra se estivesse dando esse primeiro recontro, uma terça parte das nossas forças desceria pela ponta direita da collina, levando comsigo John, o do olho rutilante; outra terça parte iria de manso pela ponta esquerda; subitamente ambas cahiriam sobre os flancos de Tuala; — e n'esse instante elle, Ignosi, desceria pela frente, com as tropas frescas, e se a fortuna estivesse com elle cearíamos n'essa noite contentes na cidade de Lú!

O plano foi acolhido entre applausos — e immediatamente entrou em preparação, com uma presteza, um methodo, que fez honra aos officiaes Kakuanas. No espaço de duas horas foram servidas as rações aos homens, as tres divisões formadas, a ordem de ataque bem explicada aos chefes, e toda a força (menos uma guarda que se deixou aos feridos) collocada nos seus postos.

Era pois outra immensa carnificina que se preparava e em que me veria envolvido — eu, homem de ordem, de gostos simples, que tanto detesto violencias! Quando John, ao partir com a ala direita, nos veio dizer adeus, um pouco commovido — eu, com a voz abalada tambem, só tive estas palavras:

— Se escapar, amigo John, louve a Deus, e não se metta mais com pretendentes!

CAPITULO XI

A BATALHA DE LÚ

Não contarei os pormenores sangrentos d'este grande combate, que se ficou chamando a «batalha de Lú». Todos estes medonhos conflictos de selvagens, mesmo travados com a disciplina dos Kakuanas, se assemelham. É sempre uma vasta confusão de corpos escuros e emplumados, um estridente ruido de escudos entrechocando-se, azagaias reluzindo no ar, saltos, guinchos, uivos, clamores immensos onde destaca uma nota assobiada, o *sgghi! sgghi!* que solta o selvagem quando trespassa com o ferro o inimigo.

O plano de Ignosi de resto foi triumphalmente realisado. Os *Pardos* avançaram n'aquella lingua de terra que penetrava na nossa meia lua, e com admiravel heroicidade sustentaram os ataques de regimentos após regimentos, arremessados sobre elles por Tuala.

Quando dos *Pardos* restava apenas metade, e a attenção de todo o exercito inimigo estava concentrada n'esta lucta com o heroico regimento, as duas alas nossas, que tinham caminhado pelos dois cornos da meia lua, cahiram sobre os flancos desprevenidos do inimigo como um circulo de cães de fila sobre lobos descuidados. Começou uma pavorosa matança. Ignosi carregou então de frente com as reservas frescas — e decidiu a batalha. Eu fiz parte d'essa carga: e não sei como, achei-me ao

pé do Barão, que pareeia o verdadeiro deus da guerra, com os longos cabellos de ouro a esvoaçar ao vento, todo elle vermelho de sangue, e soltando a eada grande golpe de machado o velho grito saxonio de ataque *O-hoy! O-hoy!* Tambem me parece que avistei Tuala na confusão, coberto com a sua cóta de malha, arremessando as *tollas*, as facas enormes dos Kakuanas, que dois guerreiros atraz d'elle traziam em sacos de coiro. Lembro-me ainda tambem d'um ehefe que, em vez de escudo, erguia para se defender o eadaver de um *Pardo*, e que combatia eantando. De resto, tudo se me confunde na memoria — o sangue eorrendo, os corpos tombando, um grande estridor de armas, um immenso esvoaçar de plumas.

Com o embate das duas columnas nossas sobre os flancos do exercito de Tuala a batalha ficou ganha — e dentro em breve a vasta planicie que se estendia entre a nossa collina e a cidade de Lú estava eheia de soldados fugindo em terrivel desordem. O regimento dos *Pardos* no entanto (ou o que d'elle restava) reunira n'uma pequena elevação de terreno — onde tristemente verifieamos que, dos tres mil valentes que o compunham, ainda de manhã, apenas acudiam á chamada cento e noventa e cinco homens. Entre elles estava Infandós, que combatera heroicamente tendo sómente um leve golpe no braço. Ignosi, eom um grupo de chefes, entre os quaes vinha John (ferido n'uma perna e manquejando) em breve se veio juntar a esta gloriosa phalange dos *Pardos*. E foi seguido d'ella, como da sua guarda de honra, que o rei, e nós com elle, marchamos sobre a eidade de Lú.

Ás portas da cidade, ainda fechadas, estavam já postados grossos destacamentos dos nossos para as ataear. Mas dentro os soldados de Tuala, inteiramente desmoralisados pela derrota do seu rei, não pareeiam dispostos á resistencia. Com effeito, ás primeiras intimações dos arautos, a ponte levadiça da porta ehamada *Real* foi descida: e, seguindo Ignosi, penetramos emfim na cidade vencida. Nas ruas, ás portas das aringas, nos terreiros, por toda a parte se apresentavam soldados, com a cabeça baixa, os escudos e as lanças pousadas aos pés em si-

gnal de submissão, que saudavam Ignosi como rei. Assim chegamos á aringa real.

No terreiro silencioso, á porta da sua grande senzala, solitario, abandonado, sem um soldado, sem um cortezão, sem uma das suas mil mulheres, estava Tuala, sentado n'um escabello, com o rosto cahido sobre o peito, as mãos pousadas sobre os joelhos. Cheguei a sentir uma vaga piedade pelo pobre rei derrotado! Um unico sêr lhe ficára fiel, Gagula — que, agachada aos seus pés, rompeu n'um fluxo de injurias, mal nos viu assomar ao terreiro, seguindo o triumphante Ignosi.

Tuala, esse não parecia vêr, nem sentir. Só quando Ignosi parou, e os soldados bateram em cadeneia com os contos das azagaias no ehão, o velho tyranno ergueu a cabeça emplumada. Depois atirando sobre nós um olhar mais reluzente que o grande diamante que lhe ornava a testa:

— Salvè, Rei! gritou elle a Ignosi, com amargo escarneo. Tu que, por feitiços dos homens das estrellas, seduziste os meus regimentos, dize, que sorte me destinas?

— A sorte de meu pae, que tu mataste! — foi a fria e dura resposta.

— Bem! Saberei morrer, para que te fique como exemplo quando a tua vez chegar. Mas reelamo um privilegio da familia real dos Kakuanas. Quero morrer eombatendo.

— Concedo, respondeu Ignosi. Escolhe o teu homem. Eu não posso, porque o Rei não se bate em eombate singular.

O sinistro olho de Tuala percorreu-nos lentamente a todos. E, como durante um momento se fixou em mim, eu senti alli o mais atroz pavor da minha vida aventurosa. Justos céos! se elle se quizesse bater *commigo?* Tambem, tomei logo a minha resolução — recusar, fugir, ainda que fosse apupado por toda a nação Kakuana! Felizmente o bruto escolheu:

— Ineubú! exelamou, estendendo a mão para o Barão. Tu que mataste meu filho, quererás tu luctar commigo, ou ser chamado um cobarde?

— Não, gritou logo Ignosi, Incubú não se baterá comtigo!

— Decerto não, se tem medo.

Infelizmente o Barão comprehendera. Todo o sangue lhe subiu ás faces. E avançou logo, de machado erguido.

Acudimos, supplicando-lhe que não arriscasse a vida com aquella féra, inteiramente desesperada, de antemão condemnada á morte. Provas de heroico valor já elle as déra de sobra! Para que ir-nos despedaçar o coração, se uma desgraça lhe succedesse?

O Barão porém permaneceu inabalavel.

—Nenhum homem vivo, civilisado ou selvagem, me chamará nunca cobarde. Quero bater-me com elle!

Ignosi, bem a custo, cedeu.

—Seja pois!... Tuala, o grande Incubú vai marchar para ti!

Tuala riu, ferozmente; e os dois giganteseos homens ficaram frente a frente. O primeiro ataque foi o do Barão, que lançou sobre Tuala o machado a toda a força. Com um salto Tuala esquivou o córte, e arremessou outro em resposta sobre o Barão, que o aparou no escudo. E durante um momento houve assim uma viva e faiscante troca de machadadas, que ora bruscos saltos evitavam, ora os broqueis defendiam. Nós nem respiravamos. O regimento dos *Pardos*, esquecida a disciplina, fizera circulo, e soltava gritos, batia palmas a cada golpe vibrado. John, agarrado ao meu braço, andava aos saltos sobre a perna sã, animando o Barão com berros:

—Bravo! Anda-me ahi! Esse foi bom! Atira-lh'o de ilharga!...

Subitamente um brado de horror resoou. D'uma pancada Tuála cortára o cabo do machado do Barão, que ficava assim desarmado — e, erguendo o seu proprio machado, cahia sobre elle com um uivo furioso de triumpho. Tudo acabára, eu fechei os olhos... Quando os abri, Tuala e o Barão, agarrados um ao outro como dois gatos bravos, estavam rolando no chão — e o Barão, com um desesperado esforço, procurava arrancar a Tuala a machada que elle tinha presa ao pulso por uma correia de bufalo. Pareceu-me uma eternidade, o tempo que elles assim rolaram um sobre o outro, n'esta furiosa lucta pela posse do ma-

chado. Finalmente a correia quebrou — e com um ultimo, monstruoso arranque, o Barão desprendendo-se de Tuala, ergueu-se de salto, com o machado na mão. N'um instante Tuala estava tambem de pé — e ambos tinham as faces a escorrer sangue. Foi Tuala, que, mais rapido, arrancou do cinto o facalhão e o vibrou contra o peito do Barão. O valente homem cambaleou, mas a couraça de malha repelliu a facada. De novo Tuala arremetteu com a lamina — e então o Barão, retesando-se todo n'um esforço, alçou o machado, no momento mesmo em que Tuala se inclinava, e deixou-lhe cahir uma machadada com tremenda força sobre o pescoço. Houve um grito enorme. — E, coisa pavorosa! vimos a cabeça de Tuala saltar-lhe dos hombros, dar como uma pélla dois pulos pelo chão, e rolar até aos pés de Ignosi! Durante um segundo o corpo ficou erecto, com o sangue sahindo em grossos borbotões e a fumegar. De repente tombou, com um ruido surdo. E do outro lado o Barão cahiu tambem, desmaiado.

Erguemol-o anciosamente, encharcamos-lhe o rosto em agua. Pouco a pouco abriu os olhos. Estava salvo!

O sol ia justamente descendo. Eu baixei-me para a cabeça de Tuala que alli ficára n'uma poça de sangue, e, desapartando o grande diamante que lhe ornava a testa, entreguei-o solemnemente a Ignosi e bradei:

— Salvè, Rei dos Kakuanas!

Elle apertou o diamante sobre a testa. Depois pousou um pé sobre o peito de Tuala morto, e cercado dos seus guerreiros entoou um canto de victoria.

CAPITULO XII

O REI IGNOSI

Tudo findára gloriosamente. Chegára a hora de repousar — ou, melhor, de convalescer. O Barão e o capitão (cuja perna,

de todo inchada, o fazia agora soffrer muito) foram levados em braços para a aringa palacial de Tuala. E eu para lá me arrastei, exhausto de emoções, com a cabeça consideravelmente dorida da paulada d'essa manhã na defeza do planalto.

O primeiro cuidado foi despir as cótas de malha, tarefa difficil (pelo nosso combalido estado) em que nos ajudou à linda Fulata, que se constituira, desde o começo da revolta, nossa vivandeira, nossa enfermeira, e nosso anjo da guarda. Arrancadas as cótas, vimos que os nossos pobres corpos eram uma massa medonha de pisaduras negras. No tumulto da batalha tinhamos apanhado decerto muita facada, muita lançada. As pontas dos ferros eram repellidas pela malha impenetravel; mas nem por isso cada um dos golpes arremessados deixava de constituir uma terrivel pontuada que nos amolgava corpo e membros. Eu estava positivamente negro de pisaduras. Mas o peor era a ferida de John na perna, e a do Barão a quem uma das machadadas de Tuala cortára profundamente a face sobre a maxilla. Fulata preparou-nos uns emplastros de hervas aromaticas que nos alliviaram as dôres. E como o capitão John tinha noções e pratica de cirurgia (segundo contei), foi elle que fez o tratamento da ferida do Barão e da sua propria, tão bem quanto lh'o permittiam os poucos fios, o resto de pomada antiseptica que encontrou na sua botica portatil, e a escassa luz da lampada Kakuana.

Depois, Fulata arranjou-nos um caldo muito forte, e estendemo-nos nas magnificas pelles que juncavam o chão da aringa do Rei. Mas não pudemos dormir. De toda a cidade, em torno de nós, subia a triste e ullulada lamentação das mulheres, chorando, á maneira dos Zulús, os valentes mortos na batalha. Mesmo ao nosso lado, as carpideiras reaes estavam carpindo a morte de Tuala com estridente dôr. A noite ia cheia de prantos — e além d'isso a cada instante sentiamos os gritos agudos das sentinellas, ou a ruidosa passagem de rondas. Foi só de madrugada que pude cerrar os olhos — os olhos que, apesar de cerrados, continuavam a vêr os lances da batalha, com tanta

realidade que por vezes estremecia em sobresalto e me erguia no cotovello a procurar as minhas armas, ou a lançar uma ordem de ataque.

Quando emfim acordei, com o sol já alto, soube que os meus dois amigos tambem não tinham dormido. De facto, o capitão John estava com uma intensa febre e começava a delirar. Além d'isso, symptoma assustador, toda a noite cuspira sangue. O Barão, esse, mal podia ainda mexer o corpo; e a ferida da face não lhe permittia comer, escassamente fallar. Eu era ainda assim o mais restabelecido. Tomei o delicioso caldo de Fulata, e sahi um instante ao terreiro a respirar. Encontrei justamente Infandós que chegava, tão fresco e agil como se na vespera, em logar de uma batalha, tivesse celebrado uma festa. Ficou desolado ao saber a doença de John. Entrou um momento na cubata para o vêr e o Barão, que não se podia ainda levantar e apenas mover os membros sobre o seu fôfo leito de pelles. Em voz baixa, por causa de John, Infandós contou-nos que todos os regimentos se tinham submettido a Ignosi, que das outras cidades chegavam ferventes adhesões, e que o novo reinado se firmava para longas éras de prosperidade e de paz.

Quando elle se retirava, appareceu Ignosi, seguido de uma guarda real. Não pude deixar, ao vêl-o, de pensar nas estranhas revoluções da sorte! Aquelle moço, que havia mezes, na minha casa em Durban, me pedia para entrar ao meu serviço — eil-o agora Rei, grande Potentado d'Africa, commandando cincoenta mil guerreiros, senhor de povos, de rebanhos e de terras sem conta!

— Salvè, Rei! exclamei eu, erguendo-me com respeito.

— Graças a ti, Macumazan, e aos teus amigos! exclamou elle, apertando-me as mãos com carinho.

Entrou tambem, como Infandós, na cubata para vêr o Barão e o pobre John, que dormia um somno de febre, horrivelmente agitado, sob os olhos compassivos e vigilantes da boa Fulata. Depois quando sahimos de nóvo ao terreiro, conversando, perguntei-lhe o que contava elle fazer de Gagula.

— Gagula é o genio mau d'esta terra, disse elle. Conto mandal-a matar para findar com ella, que já é velha de mais!

— Mas tem segredos! Mas sabe muito! repliquei eu.

— Sabe sobretudo o segredo dos *silenciosos*, volveu o Rei pousando os olhos em mim com amizade, e o da caverna onde os Reis estão enterrados, e o do logar dos diamantes. Ora eu não esqueço a promessa que te fiz, Macumazan. Tu e os teus amigos ireis aos diamantes, guiados por Gagula: e só por isso a poupo.

— Está bem, Ignosi, registro as tuas palavras.

Mas não foi possivel, durante essa semana, pensar nos diamantes, porque através de toda ella a vida do nosso pobre John esteve em risco e os nossos corações em ancicdade. Realmente creio que teria morrido, se não fossem os desvelos, a adoravel dedicação de Fulata. Dias amargos esses para nós! O Barão, já então restabelecido, e eu, nada mais fizemos durante essa crise atroz, do que entrar, sahir, rondar em pontas de pés a senzala onde elle delirava. Remedios não tinhamos para lhe dar, além d'uma bebida refrescante feita por Fulata com leite e o succo extrahido da raiz d'uma especie de tulipa. Só podiamos contar com a forte natureza d'elle e a boa mercê de Deus.

Em toda a aringa real havia um grande silencio, porque Ignosi, para manter perfeito socego em torno ao doente, ordenára que todos os que lá viviam passassem a outras cubatas remotas. Fulata estava permanentemente ao lado d'elle, sentada no chão, dando-lhe a bebida refrescante, arranjando-lhe as travesseiras feitas das folhas sêccas d'uma planta que faz dormir, enxotando-lhe as moscas do rosto.

No nono dia da doença, á noite, antes de recolher, o Barão e eu entramos, segundo o costume, na senzala. A lampada collocada no escabello dava uma luz funebre. Não havia um rumor. E o meu pobre amigo jazia perfeitamente immovel. Pensei que chegára o seu fim, tive um soluço que me suffocou. Mas uma voz, na sombra, murmurou *chut!*

E, mais de perto, descobrimos que o nosso amigo não estava morto, mas tranquillamente adormecido, sob a caricia das mãos de Fulata, que lhe cobriam a testa, onde um suor fresco

começava. Era a crise do nono dia, o somno reparador. O nosso John estava salvo! Dormiu assim dezoito horas. E (mal me atrevo a contal-o, porque não serei acreditado) Fulata, a admiravel, a santa rapariga, dezoito horas se conservou tambem assim, com as mãos pousadas sobre a testa d'elle, sem comer, sem se erguer, sem se mexer, com o receio de que o menor movimento acordasse o seu doente. Quando elle afinal despertou — tivemos de a erguer em braços, porque a heroica enfermeira estava quasi desmaiada de debilidade e fadiga.

A convalescença de John foi rapida. Ao fim d'outra semana, já passeava pelos arredores da cidade, entre os pomares, á beira do rio, acompanhado por Fulata, que o salvára, e a quem elle votára (segundo dizia) um « reconhecimento eterno ». Mas eu não agourava bem d'aquelle « reconhecimento », d'aquelles passeios bucolicos... Nos olhos de Fulata havia muita meiguice, muita languidez. E John como marinheiro, era indiscretamente ardente. Depois d'uma aventura de guerra, iamos ter, mais perigosa ainda, alguma aventura d'amor!

Apenas John se considerou a si proprio escorreito e « prompto para outra » — Ignosi começou as festas da sua proclamação. Todos os « Indunas » (chefes supremos) das provincias do reino vieram a Lú prestar vassallagem. Houve revistas de tropas, danças, formidaveis banquetes. Os homens que restavam do regimento dos *Pardos* foram todos doados com terras e rebanhos, e promovidos a officiaes. Ignosi promulgou na Grande Assembléa que d'ora em diante não haveria mais *caça aos feiticeiros*, nem morte sem julgamento. Depois ordenou que, emquanto nós residissemos no seu reino, gozassemos de honras reaes, e recebessemos sempre, como elle, a saudação de *Krum!*

No ultimo dia d'este grande festival, eu e os amigos dirigimo-nos ao Rei, em grupo, e declaramos-lhe que o momento chegára, de realisar a sua promessa, e de nos mandar conduzir ao logar onde deviam estar as pedras brancas que reluzem.

Ignosi abraçou-nos com grande affecto.

— Não me esqueci, amigos! Já indaguei a verdade, e eis o que sei. Aquella estrada branca que trilhámos acaba além

junto das montanhas chamadas as *Tres Feiticeiras*, onde estão as figuras de pedra, os *Silenciosos*. Jaz ahi uma grande cova, d'onde se diz que homens muito antigos, em outras idades, tiravam as pedras que reluzem. Para além d'essa cova ha uma funda caverna na rocha, terrivel, maravilhosa, onde vive a Morte, onde jazem os nossos reis mortos, e para onde Tuala já foi conduzido. E por traz d'essa caverna fica uma camara secreta de que só Gagula conhece o segredo. Corre tambem a historia de que, ha muitas gerações, um branco veio aqui, e foi conduzido por uma mulher a essa camara secreta, onde viu riquezas sem conto, mas d'essas que para os Kakuanas nada valem: o branco porém não teve tempo de arrecadar essas riquezas, porque a mulher o trahiu, e o Rei d'esses tempos o escorraçou outra vez para além das montanhas...

— A historia é verdadeira, acudi eu. Não te lembras, Ignosi, que nas montanhas, na caverna de gelo, encontramos nós, petrificado, esse homem branco?

— Muito bem me lembro. Por isso vou mandar chamar Gagula, e ordenar-lhe, sob pena de morrer, que vos leve á camara secreta, meus amigos... E as riquezas que encontrardes, oh meus amigos, são vossas!

N'esse instante dois guardas apparceceram, trazendo agarrada pelos braços a hedionda Gagula, que gania e os amaldiçoava. Mal a largaram, toda ella se abateu e achatou sobre o chão — como um montão de trapos onde dois olhos ferozes viviam e refulgiam.

— Que me queres tu, Ignosi? uivou ella. Não me toques, que te destruo. Treme das minhas artes!

O Rei encolheu os hombros.

— As tuas artes não salvaram Tuala. Que me importam as tuas artes? Aqui está o que de ti quero: que mostres aos meus amigos a camara secreta onde estão as pedras que reluzem.

— Só eu o sei, e nunca o direi! bradou ella. Os brancos malditos voltarão, levando vasias as mãos malditas!

— Bem, volveu tranquillamente o Rei. Então, Gagula, vais morrer lentamente.

— Morrer! gritou ella, cheia de terror e de furia. Tu não te atreverás, Ignosi! Ninguem me póde matar. Que idade pensas tu que eu tenho? O teu pae conheceu-me; e o pae do teu pae; e o pae que gerou a esse. Ninguem ousará tocar-me, porque sobre esse cahirão as desgraças sem fim.

Em silencio, tranquillamente, Ignosi baixou sobre ella a ponta da sua azagaia:

— Dizes?

— Não!

Ignosi baixou mais o ferro, picou de leve o montão de trapos onde reluziam os dois olhos ferozes.

Com um uivo dilacerante, a horrenda brucha pôz-se em pé, de salto. Depois tornou a cahir, e rolou no chão esperneando.

De novo a lança de Ignosi a procurava:

— Dizes?

— Digo, digo, oh Rei! ganiu ella. Mas deixa-me viver, e sentar-me ao sol, e respirar o ar dôce, e ter um osso para chupar!...

— Bem; ámanhã irás com meu tio Infandós e com os meus irmãos brancos a esse logar, mostrarás a camara secreta e o escondrijo das pedras que reluzem. Mas tem cautela! Que se em ti houver traição, morrerás devagar, e em tormentos.

— Não, Ignosi! Irei com elles, e tudo mostrarei. Mas a desgraça vem a quem penetra n'esse logar. Outr'ora veio um homem, encheu um saco d'essas pedras brilhantes, e uma grande desgraça cahiu sobre elle! E foi uma mulher que o levou, e que se chamava Gagula. Talvez fosse eu! Talvez fosse minha mãe! Ou a mãe de minha mãe! Quem sabe? Será uma alegre jornada... Eu hei de ir, e hei de rir! Vinde, homens brancos, vinde! Vereis ao passar os que morreram na batalha, com os olhos vasios, as costellas ôcas. A morte vive lá, e está á espera. Será uma alegre jornada!

(Continúa).

D. SEBASTIÃO

POEMA

A VISÃO DA PRINCEZA [1]

(Episodio do Canto I)

A cidade escutava, anciosamente,
dos grandes sinos o dobrar plangente...
E sob a noite, escura e tempestuosa,
passavam pela rua as procissões,
cantando, á luz funerea dos brandões,
o *miserere,* em voz angustiosa.

[1] «Andando a Princeza (D. Joanna, filha de Carlos V, mãe de D. Sebastião) em vesperas de parir a levaraõ algumas noites a fazer exercicio á varanda da Péla; estando ahi assentada em huma das janellas, que alli havia na dita varanda com algumas Damas..... viraõ subitamente sair pela varanda delRey direitos ao Forte muitos homens vestidos á Mourisca de varias cores, com tochas acezas nas mãos, dando vozes: *Ly, ly, ly,* e chegando sobre o mar parecia que se lançavam nelle..... E dahi a poucos dias tornando a Princeza ao mesmo posto, assentando-se em hũa das janellas, que ficava na mesma varanda depois de haver feito algum exercicio se vio a mesma multidão de figuras de Mouros do mesmo traje, e vozes, e atemorisada ella, e as Damas se retirarão, e dando conta a El Rey e á Rainha do que se havia visto ficarão suspensos, e mandarão que se tivesse isto em segredo». D. Manoel de Menezes, *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe Dom Sebastião,* tomo I, pag. 28.

Caía a chuva, gelida e cortante...
O sul gemia, agudo e sibilante...
No ar celeres nuvens perpassavam...
Mas, sob o imperio d'um commum receio,
todos, batendo com as mãos no seio,
sobre a lama das ruas se arrastavam.

Ia nascer aquelle desejado
futuro Rei, que o povo, atribulado,
pedia a Deus com prantos e gemidos!
Ia nascer em breve. E Deus fizesse
que em boa hora o Principe nascesse,
soltando os tenros, infantis vagidos!

Sim! Deus mandasse um Principe varão,
em cuja forte e valorosa mão
se mantivesse o sceptro dos avós!
— Era esta a supplica, era o brado unanime
d'um povo inteiro que, perdido, exanime,
temia do estrangeiro o jugo atroz...

Mas Deus mareára, com um signo escuro,
o nascimento d'esse Rei futuro.
O pae morrera uns poucos dias antes,
como fugindo a receber nos hombros
tamanho encargo de immortaes assombros,
de façanhas e glorias triumphantes!

No céu vira-se um tragico signal,
sobre as torres da grande cathedral
durante algumas noites fulgurando.
Era como um esquife ou um caixão
de fogo resplendente. E essa visão
deixou confuso o povo miserando!

Muitos sentiram, por diversas vezes,
no ar choques de lanças e de arnezes,
como o estrondo de guerras formidaveis;
outros ouviram vozes sepulchraes,
sobre o Paço soltando longos *ais*
e profundos suspiros lamentaveis...

Por isso, agora, em preces fervorosas,
vagueavam pelas ruas tortuosas,
ao vento, á chuva, ao frio de janeiro;
e nas igrejas, entre a luz dos cirios,
pediam a Jesus, por seus martyrios,
que ao throno dos seus reis désse um herdeiro!

Entretanto, no Paço, a cada instante,
se aguardava o nascer do régio infante.
E nos seus aposentos a Princeza,
cercada pelas damas, já sentia
o gelido suor d'essa agonia
que ás mães impõe a dura natureza.

Da camara onde estava, sobre o Tejo,
uma grande varanda, em azulejo,
abria a sua extensa columnata;
e d'alli, pelas noites de luar,
via-se, ao longe, o rio a scintillar
na sua mansa ondulação de prata...

Mas, n'essa noite, um mar de sombras densas
rola no espaço, quaes ondas suspensas,
as grandes nuvens, tumidas, aquosas...
E a lua surge ás vezes, desbotada,
como barca sem velas, destroçada,
batida pelas vagas tormentosas,

A Princeza, porém, com passo lento,
percorre, angustiada, esse aposento,
que um tocheiro illumina. O seu olhar
tem uma expressão triste e compungida...
Por fim, inquieta, pallida, dorida,
junto ao grande balcão se foi sentar.

Então a lua baça appareceu
entre as nuvens; e todo o largo céu,
forrado, escuro, taciturno e frio,
se illuminou fatal, sinistramente,
sob o clarão azul-phosphorescente
d'esse luar phantastico e sombrio.

E ella estendeu o olhar ao céu distante,
um longo olhar de martyr supplicante,
que soffre, agradecendo o seu martyrio...
E a sua alma de mãe abriu-se pura,
dolorida, mas cheia de doçura,
como a corolla mystica d'um lyrio...

Olhou o céu. Mas repentinamente
ergueu-se. E, apavorada, a voz tremente,
as mãos postas, bradou: Meu Deus! meu Deus!
— Ao longe, sob um raio luminoso,
vira um longo cortejo mysterioso,
entre as nuvens marchando pelos céus...

Era uma turba estranha, que seguia
n'uma ondulante e lugubre teoria,
qual visão d'um propheta illuminado...
Eram grandes phantasmas alvacentos,
perpassando ao luar, com passos lentos,
n'um vozeio de côro psalmodeado...

E ella, attonita, olhava aquelles vultos,
que, como almas de mortos insepultos,
erravam sem descanço pelo ar;
e via as longas filas transitorias
d'essa legião de sombras incorporeas
perderem-se, uma a uma, sobre o mar...

Mas, cheia de terror e confusão,
reconheceu que a immensa multidão
trajava os albornozes africanos.
E viu brilhar as curvas cimitarras,
entre os guiões, de flammulas bizarras,
e os redondos turbantes mauritanos...

Porém, em vez da bellica attitude
da phalange que avança, altiva e rude,
aquelle aéreo exercito espectral
passava triste, a passos vacillantes,
e com tochas accesas, bruxolcantes,
como seguindo um grande funeral.

Iam, no rumo d'Africa, marchando...
Iam, no rumo d'Africa, entoando
um cantochão de notas funerarias.
E d'esse côro, desolado e amargo
como o bramido eterno do mar largo,
saíam estas vozes mortuarias:

CÔRO DOS PHANTASMAS

« Cavai, cavai a grande sepultura
nos nossos calcinados areaes...
Abri-lhe no deserto a cova escura...

É morto o cavalleiro do Occidente!
A sua espada não brilhará mais...
Caíu por terra o seu pendão fulgente...

Nós vamos, generosos, inhumar
seu corpo ensanguentado de vencido,
na terra que, por fim, o viu tombar;

na terra que elle encheu, por tantos annos,
do tremendo pavor do seu rugido,
como um leão dos montes africanos;

na terra que tremeu sob os seus pés,
e em cuja praia as ondas de metralha
batiam como as ondas das marés!

Eil-o, na sua athletica estatura,
hirto e gelado, e tendo por mortalha
ainda os restos heroicos da armadura!

Eil-o prostrado o velho campeador,
que nos fez recuar constantemente
diante do seu braço vingador!

Elle era o nosso indomito inimigo...
Arrancou das mesquitas o crescente,
e pesou sobre nós como um castigo!

Talou os nossos campos loirejantes,
passou a ferro e fogo os aduares
nas suas correrias triumphantes...

E, se ao longe, na costa, se avistassem
as suas grandes náus, cruzando os mares,
como um bando de abutres que pairassem

em torno ao corpo exangue d'um ferido,
— tremiam as alcaçovas guerreiras,
e o alarve galopava espavorido!

Ainda nos sangra o peito, retalhado
pelas suas lançadas derradeiras,
quando tombou como um leão domado...

Dizei-lhe os feitos e as heroicidades,
Tanger, Arzilla, Alcacer, Mazagão!
dizei-lhe os feitos, perfidas cidades,

— esposas infieis que nos deixastes,
e, fascinadas do rival christão,
em seus braços felizes vos lançastes!

Cantai as victoriosas epopeias,
que elle escreveu, com a valente espada,
nas pedras recortadas das ameias!

Cantai o vosso heroe, bellas captivas...
Eil-o prostrado: a fronte inanimada
e decompostas as feições altivas!

Deus fez pender, por fim, aquelle braço,
viuvo para sempre do montante,
que, como um raio, coriscou no espaço!

Deus decretou-lhe a irrevogavel morte,
e o nosso velho alfange rutilante
prostrou por terra o cavalleiro forte!

Victoria! eis abatido esse inimigo!
Elle expulsou-nos da perdida Hespanha,
e achou em nossas terras um jazigo...

Sirva-lhe o vasto azul de mausoléo,
de mortalha as areias, que o mar banha,
e de tocheiro o constellado céu!

Psalmodeiem-lhe as tristes orações
os escarcéos indomitos do oceano...
Venham rugir-lhe ao tumulo os leões!

Passem as aguias do Atlas altaneiro
saudando, com seu grito soberano,
o cadaver sinistro do guerreiro!...

Cavai, cavai a grande sepultura
nos nossos calcinados areaes...
Abri-lhe no deserto a cova escura!

É morto o cavalleiro do Occidente!
A sua espada não brilhará mais...
Caíu por terra o seu pendão fulgente!»

E sumiu-se nas nuvens o cortejo...
Como as ultimas notas d'um harpejo,
ouviram-se ainda ao longe aquellas vozes...
A lua pallida occultou seu rosto,
e as rajadas do vento descomposto
passaram como um vôo d'albatrozes...

Então, n'um gesto tragico, a Princeza
rompeu da sua extatica surpreza,
soltando um grito agudo e lancinante.
Quasi sem forças, recuou dois passos,
e foi caír, na camara, entre os braços
das suas damas, como agonisante...

Luiz de Magalhães.

CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

AS CARTAS

(I.ª Série)

VII

A MADAME DE JOUARRE

Lisboa, abril.

Minha querida madrinha. — Foi hontem, por noite morta, no comboio, ao chegar a Lisboa (vindo do Norte e do Porto), que de repente me acudiu á memoria estremunhada o juramento que lhe fiz no sabbado de Paschoa em Paris, com as mãos piamente estendidas sobre a sua maravilhosa edição dos *Deveres* de Cicero. Juramento bem estouvado, este, de lhe mandar todas as semanas, pelo correio, Portugal em «descripções, notas, impressões e panoramas», como se lê no sub-titulo da *Constantinopla* do seu academico amigo o Barão de Fernay! Pois com tanta fidelidade cumpro eu os meus juramentos (quando feitos sobre a Moral de Cicero, e para regalo de quem reina no meu coração) que, apenas o recordei, abri logo escancaradamente ambos os olhos para recolher «descripções, notas, impressões e panoramas» d'esta terra que é minha, e que *está a la disposicion de ustêd...* Chegaramos a uma estação que chamam de Sacavem — e tudo o que os meus olhos arregalados viram do meu paiz, através dos vidros humidos do wagon, foi uma densa treva, d'onde mortiçamente surgiam aqui e além luzinhas remotas e vagas. Eram lanternas de falúas dormindo no rio: — e symbolisavam d'um modo bem humilhante essas escassas e desmaiadas parcellas de verdade positiva que ao homem é dado descobrir no universal Mysterio do Sêr. De-

[1] Continuado da pag. 397, do numero de março.

sorte que tornei a cerrar resignadamente os olhos — até que, á portinhola, um homem de bonet de galão, com o casaco encharcado d'agua, reclamou o meu bilhete, dizendo *Vossa Excellencia!* Em Portugal, boa madrinha, todos somos nobres, todos fazemos parte do Estado, e todos nos tratamos por *Excellencia.*

Era Lisboa e chovia. Vinhamos poucos no comboio, uns trinta talvez, — gente simples, de maletas ligeiras e sacos de chita, que bem depressa atravessou a busca paternal e somnolenta da Alfandega, e logo se sumiu para a cidade sob a molhada noite de abril.

No casarão soturno, á espera das bagagens sérias, fiquei eu, o Smith [1] e uma senhora esgrouviada, de oculos no bico, envolta n'uma velha capa de pelles. Deviam ser duas horas da madrugada. O asphalto sujo do casarão regelava os pés.

Não sei quantos seculos assim esperamos, Smith immovel, a dama e eu marchando desencontradamente e rapidamente para aquecer ao comprido do balcão de madeira, onde dois guardas d'Alfandega, escuros como azeitonas, bocejavam com dignidade. Da porta do fundo, uma carreta, em que oscillava o montão da nossa bagagem, veio por fim rolando com pachorra. A dama de nariz de cegonha reconheceu logo a sua caixa de folha de Flandres, cuja tampa, cahindo para traz, revelou aos meus olhos que observavam (em seu serviço, adoravel madrinha!) uma saia de xadresinho azul, um livro de missa e dois ferros de frisar. O guarda enterrou o braço através d'estas coisas intimas, e com um gesto clemente declarou a Alfandega satisfeita. A dama abalou.

Ficamos sós, Smith e eu. Smith já arrebanhára a custo a minha bagagem. Mas faltava inexplicavelmente um saco de couro; e em silencio, com a guia na mão, um carregador dava uma busca vagarosa através dos fardos, caixas, pacotes, velhos bahus, armazenados ao fundo, contra a parede enxovalhada. Vi este digno homem hesitando pensativamente diante d'um embrulho de lona, diante d'uma arca de pinho. Seria qualquer

[1] O velho creado de quarto de Fradique Mendes.

d'esses o saco de couro? Depois, descorçoado, declarou que positivamente nas nossas bagagens não havia nem couro nem saco. Smith protestava, já irritado. Então o capataz arrancou a guia das mãos inhabeis do carregador, e recomeçou elle, com à sua intelligencia superior de chefe, uma rebusca através das « arrumações », esquadrinhando zelosamente os caixotes, os embrulhos, os pipos, as chapeleiras... Por fim sacudiu os hombros, com indisivel tedio, e desappareceu para dentro, para a escuridão das plataformas interiores. Passados instantes voltou, coçando a cabeça por baixo do bonet, cravando os olhos em roda, pelo chão vasio, á espera que o saco rompesse das entranhas d'este globo desconsolador. Nada! Impaciente, encetei eu proprio uma pesquiza sofrega através do casarão. O guarda da Alfandega, de cigarro collado ao beiço (bondoso homem!), deitava tambem aqui e além um olhar auxiliador e magistral. Nada! Repentinamente, porém, uma mulher, de lenço vermelho na cabeça, que alli vadiava, n'aquella madrugada agreste, apontou para a porta da estação:

— Será aquillo, meu senhor?

Era! Era o meu saco, fóra, no passeio, sob a chuvinha miuda. Não indaguei como elle se encontrava alli, sósinho, separado da bagagem a que estrictamente o prendia o numero d'ordem estampado na guia em letras grossas — e reclamei uma tipoia. O carregador atirou a jaleca para cima da cabeça, sahiu ao largo, e recolheu annunciando que não havia tipoias.

— Não ha! Essa é curiosa! E então como sahem d'aqui os passageiros?

O homem encolheu os hombros. Ás vezes havia, outras vezes não havia. Era conforme calhava. — Fiz reluzir uma placa de cinco tostões, e suppliquei áquelle benemerito que corresse as visinhanças da estação, á cata d'um vehiculo qualquer, com rodas, coche ou carroça. O homem largou, resmungando. E eu logo, como patriota descontente, censurei (voltado para o capataz e para o homem da Alfandega) a irregularidade d'aquelle serviço. Em todas as estações do Mundo, mesmo em Tunis, mesmo na Romelia, havia, á chegada dos comboios, omnibus, car-

ros, carretas, para transportar gente e bagagem... Porque não as havia em Lisboa? Abominavel serviço!

O aduaneiro esboçou um movimento de desalento, como na plena consciencia de que todos os serviços eram abominaveis, e o mundo todo uma irreparavel desordem. Depois para se consolar puxou com delicia o lume ao cigarro. Assim se arrastou um d'estes quartos d'hora que fazem rugas na face humana.

Finalmente, o carregador voltou, sacudindo a chuva, affirmando que não havia em todo o bairro uma tipoia.

—Mas que hei de eu fazer? Hei de ficar aqui?

O capataz aconselhou-me que deixasse a bagagem, e na manhã seguinte, com uma carruagem certa (contratada talvez por escriptura), a viesse recolher «muito a meu contento». Isso não convinha ao meu conforto. Pois n'esse caso elle não via solução, a não ser que por acaso alguma calèche, tresnoitada e trasmalhada, viesse a cruzar por aquellas paragens.

Então, á maneira de naufragos n'uma ilha deserta, todos nos apinhamos á porta da estação, esperando através da treva a vela—quero dizer a sege salvadora. Espera longa, espera esteril! Nenhuma luz de lanterna, nenhum rumor de roda, cortaram a mudez d'aquellas solidões!

Farto, inteiramente farto, o capataz declarou que «iam dar tres horas, e elle queria fechar a estação!» E eu? Ia eu ficar alli na rua, amarrado, sob a noite agreste, a um montão de bagagens intransportavel? Não havia pois piedade nas entranhas do digno capataz? Commovido, o homem lembrou outra solução. E era que nós, eu e o Smith, ajudados por um carregador—atirassemos a bagagem para as costas, e marchassemos com ella para o Hotel. Com effeito este parecia ser o unico recurso aos nossos males. Todavia (tanto costas amolleeidas por longos e deleitosos annos de civilisação repugnam a carregar fardos, e tão tenaz é a esperança no peito do desditoso!) eu e o Smith ainda uma vez sahimos ao largo, mudos, sondando a treva, com o ouvido inclinado ao lagedo, a escutar se ao longe, muito ao longe, não sentiriamos rolar para nós o calhambeque da Providencia. Nada, desoladamente

nada, na sombra avara!... A minha querida madrinha, seguindo estes lances, deve ter já as lagrimas a bailar nas pestanas. Eu não chorei — mas tinha vergonha, uma immensa e pungente vergonha do Smith. Que pensaria aquelle escossez da minha patria — e de mim, seu amo, pareella d'essa patria desorganisada? Nada mais fragil que a reputação das nações. Uma simples tipoia que falta de-noite, e eis, no espirito do Estrangeiro, desacreditada toda uma civilisação secular!

No entanto o capataz resmungava. Eram tres horas (mesmo tres e um quarto), e elle queria fechar a estação! Que fazer? Abandonamo-nos, suspirando, á decisão do desespero. Agarrei o estojo de viagem e o rolo de mantas: Smith deitou aos seus respeitaveis hombros, virgens de cargas, uma grossa maleta de couro: o carregador gemeu sob a enorme mala de cantoeiras d'aço. E (deixando ainda dois volumes, para ser recolhidos de dia), começamos, sombrios e em fila, a trilhar *á pata* a distancia que vai de Santa Apolonia ao Hotel de Braganza! Poucos passos adiante, como o estojo de viagem me derreava o braço, atirei-o para as costas... E todos tres, de cabeça baixa, o dorso esmagado sob dezenas de kilos, com um intenso azedume a estragar-nos o figado, lá continuamos, devagar, n'uma fileira soturna, avançando para dentro da capital d'estes reinos! Eu viera a Lisboa n'um fim de repouso e de luxo. Este era o luxo, este o repouso! Alli, sob a chuvinha impertinente, offegando, suando, tropeçando no lagedo mal junto d'uma rua tenebrosa, a trabalhar de carrejão!...

Não sei quantas eternidades gastamos n'esta via dolorosa. Sei que de repente (como se a trouxesse, á redea, o anjo da nossa guarda) uma caleche, uma positiva caleche, rompeu a passo do negrume d'uma viella. Tres gritos, sofregos e desesperados, estacaram a parelha. E, á uma, todas as malas rolaram em catadupa sobre o calhambeque, aos pés do cocheiro, que, tomado d'assalto e de assombro, ergueu o chicote, praguejando com furor. Mas serenou, comprehendendo, a sua espantosa omnipotencia — e declarou que ao Hotel de Braganza (uma distancia pouco maior que toda a Avenida dos Campos Elyseos) não

me podia levar por menos de *tres mil reis*. Sim, minha madrinha, *dezoito francos!* Dezoito francos em metal, prata ou ouro, por uma corrida, n'esta nossa democratica Idade! Tremulo de colera, mas submisso como quem cede á exigencia d'um trabuco, enfiei para a tipoia — depois de me ter despedido com grande affecto do carregador, camarada fiel da nossa trabalhosa noite.

Partimos emfim, n'um galope desesperado. D'ahi a momentos estavamos assaltando a porta adormecida do Hotel de Braganza com repiques de sineta, apêllos de voz, punhadas, bengaladas, injurias, suspiros, todas as violencias e todas as seducções. Debalde! Não foi mais resistente ao bello cavalleiro Alandôr o portão de oiro do palacio da Ventura! Finalmente o cocheiro atirou-se a ella aos couces. E, decerto porque comprehendera melhor « esta linguagem », a porta lenta e estremunhada rolou nos seus gonzos. Graças te sejam dadas, meu Deus, pae ineffavel! Estamos emfim sob um tecto, no meio dos confortos do Progresso, ao cabo de tão barbara jornada. Restava pagar o batedor. Vim para elle com acerba ironia:

— Então, são tres mil reis?

Á luz do vestibulo, que me batia a face, o homem sorria. E que ha de elle responder, o malandro sem par?

— Aquillo era por dizer... Eu não tinha conhecido o snr. D. Fradique... Lá para o snr. D. Fradique é o que quizer.

Humilhação incomparavel! Senti logo não sei que torpe enternecimento que me amollecia o coração. Era a bonacheirice, a relassa fraqueza que nos enlaça a todos nós portuguezes, nos enche de culpada indulgencia uns para os outros, e irremediavelmente estraga entre nós toda a Disciplina e toda a Ordem. Sim, minha cara madrinha... Aquelle bandido conhecia o snr. D. Fradique. Tinha um sorriso bréjeiro e serviçal. Ambos eramos portuguezes. Dei uma libra áquelle bandido!

E aqui está, para seu ensino, a veridica maneira porque se entra, no ultimo quartel do seculo XIX, na grande cidade de Portugal. Todo seu, aquelle que de longe de si sempre péna

— FRADIQUE.

VIII

AO SNR. E. MOLLINET

Director da *Revista de Biographia e de Historia*

Paris, setembro.

Meu caro snr. Mollinet. — Encontrei hontem á noite, ao voltar de Fontainebleau, a carta em que o meu douto amigo, em nome e no interesse da *Revista de Biographia e de Historia*, me pergunta que é esse meu compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo tão vasta e fundamente carpida nos jornaes de Portugal. E deseja ainda o meu amigo saber que obras, ou que fundações, ou que industrias, ou que livros, ou que idéas, ou que accrescimo na civilisação portugueza deixou esse Pacheco seguido ao tumulo por tão sonoras lagrimas.

Eu casualmente conheci Pacheco. Tenho presente, como n'um resumo, a sua figura e a sua vida. Pacheco não deu ao seu paiz nem uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma idéa. Pacheco era entre nós uma alta illustração nacional, unicamente porque *tinha um immenso talento*. Como Pacheco fôra sempre baixo e miudo, corria mesmo no reino a voz de que *todo aquelle talento não podia caber n'aquelle corpo!* Todavia, meu caro snr. Mollinet, grande como era, e assim entallado e comprimido n'um involucro tão pêco e piorra, esse talento nunca transbordou. Nunca! O talento immenso de Pacheco ficou sempre lá dentro, no fundo escuro de Pacheco. Constantemente elle atravessou a vida por sobre eminencias sociaes: deputado, director geral, ministro, governador de bancos, conselheiro d'estado, par, presidente do conselho, Pacheco tudo foi, tudo teve, n'esse paiz que, de longe e a seus pés, o contemplava, espantado do seu immenso talento. Mas nunca, em situação alguma, por proveito proprio ou urgencia do Estado, Pacheco teve necessidade de deixar sahir, para se affirmar e operar fóra, aquelle immenso talento que lá dentro o suffocava. Quando os amigos, os partidos, os jornaes, as repartições, os corpos colle-

ctivos, a massa compacta da nação murmurava em redor de Pacheco — « *que immenso talento!* » — Pacheco, sorria, baixando os olhos baços por traz dos oculos dourados, e seguia, sempre para cima, sempre para mais alto, através das instituições, com o seu immenso talento avaramente aferrolhado dentro do craneo. E isto bastava ao paiz, que, n'esse sorrir, n'esse lampejar dos oculos, n'essa tenebrosa reserva, sentia a resplandecente evidencia do immenso talento de Pacheco.

Este talento nasceu em Coimbra, na aula de direito natural, na manhã em que Pacheco affirmou « que o seculo XIX era um seculo de progresso e de luz ». O curso começou logo a presentir, e a affirmar nos cafés da Feira, que havia muito talento em Pacheco: e esta admiração cada dia crescente do curso, communicando-se, como todos os movimentos religiosos, das multidões impressionaveis ás classes raciocinadoras, dos rapazes aos lentes, levou facilmente Pacheco a um *premio* no fim do anno. A fama d'esse talento alastrou então por toda a academia — que, vendo Pacheco sempre silencioso, já d'oculos, grave nos seus passos, com tomos gordos debaixo do braço, sentia alli um grande espirito que se concentra e se retesa todo em força intima. Esta geração academica, ao dispersar, levou pelo paiz, até os mais sertanejos burgos, a noticia do immenso talento de Pacheco. E já em escuras boticas de Traz-os-Montes, em lojas palreiras de barbeiros do Algarve, se dizia, com respeito, com esperança: — « Parece que ha agora ahi um rapaz de immenso talento que se formou, o Pacheco! »

Pacheco estava maduro para a representação nacional. Veio ao seu seio — trazido por um governo (não recordo qual) que conseguira com despendiosas manhas apoderar-se do precioso talento de Pacheco. Logo na primeira noite em que elle, em Lisboa, foi ao Martinho tomar chá, se susurrou pelas mezas, com curiosidade: — « É o Pacheco, rapaz de immenso talento! » E desde que as camaras se constituiram, todos os olhares, os do governo e os da opposição, se começaram a voltar com frequencia, quasi com anciedade, para Pacheco, que, na ponta d'uma bancada, conservava a sua attitude de pensador concentrado,

os braços cruzados sobre o collete, a fronte um pouco vergada para o lado como sob o peso das riquezas interiores, e os oculos a faiscar... Finalmente uma tarde, na discussão da resposta ao discurso da Corôa, Pacheco teve um movimento, como para interromper um padre zarolho que fallava «da liberdade». O sacerdote immediatamente estacou com deferencia; os tachygraphos apuraram vorazmente a orelha: e toda a camara cessou o seu desafogado susurro, para que, n'um silencio condignamente magestoso, se podesse pela vez primeira produzir o immenso talento de Pacheco. No entanto Pacheco não prodigalisou desde logo todos os seus thesouros. De pé, com o dedo espetado (geito que foi sempre muito seu), Pacheco affirmou n'um tom que trahia a segurança do pensar e do saber intimo: — «que ao lado da liberdade devia sempre coexistir a auctoridade!» Era pouco, decerto: — mas a camara percebeu bem que, sob aquelle curto resumo, havia um mundo, todo um formidavel mundo, de idéas solidas. Não volveu a fallar durante mezes — mas o seu talento inspirava tanto mais respeito quanto mais invisivel e inaccessivel se conservava lá dentro, muito fundo, nas reconditas regiões do seu sêr. O unico recurso que restou então aos devotos d'esse immenso talento (que já os tinha, incontaveis) foi contemplar a testa de Pacheco — como se olha para o céo pela certeza que Deus está por traz. A testa de Pacheco offerecia uma superficie escanteada e larga. E muitas vezes, junto d'elle, conselheiros e directores geraes balbuciavam com respeito: — «Nem é necessario mais! Basta vêr aquella testa!»

Pacheco pertenceu logo ás principaes commissões parlamentares. Nunca porém accedeu a relatar um projecto, desdenhoso das especialidades. Apenas ás vezes, em silencio, tomava uma nota. E quando emergia da sua concentração, espetando o dedo, era para lançar alguma idéa geral sobre a Ordem, o Progresso, o Fomento, a Economia. Havia n'este refolho a evidente attitude d'um immenso talento que (como diziam os seus amigos, piscando o olho com finura) «está á espera, lá em cima, a pairar».

Este immenso talento não podia deixar de entrar nos conselhos da Corôa. Pacheco, n'uma recomposição ministerial (provocada por uma roubalheira) foi ministro: — e immediatamente se percebeu que macissa consolidação viera subitamente dar ao governo o immenso talento de Pacheco. Na sua pasta (que era a da marinha) Pacheco não fez durante os longos mezes de gerencia «absolutamente nada», como insinuaram tres ou quatro espiritos amargos e estreitamente positivos. Mas pela primeira vez, dentro d'este regimen, a nação deixou de ter inquietações e duvidas sobre o nosso Imperio Colonial. Porquê? Porque sentia que pela primeira vez os interesses d'esse Imperio estavam confiados a um verdadeiro talento, ao immenso talento de Pacheco.

Nas cadeiras do poder, Pacheco rarissimamente sahia do seu silencio pensativo e fecundo. Ás vezes porém, quando a opposição se tornava clamorosa, Pacheco descerrava o braço, tomava com lentidão uma nota a lapiz: — e esta nota, traçada com lentidão e madurissimo pensar, bastava para perturbar, acuar a opposição. É que o immenso talento de Pacheco terminára por inspirar, nas camaras, nas commissões, nos centros, um terror salutar! Ai do mesquinho sobre quem viesse a desabar com colera aquelle talento immenso! Certa lhe seria a humilhação irresgatavel! Assim dolorosissimamente o experimentou o moço petulante, que um dia ousou accusar o snr. Ministro do Reino (Pacheco dirigia então o Reino) de descurar a instrucção do paiz! Nenhum ataque podia ser mais sensivel áquelle immenso espirito que, na sua phrase lapidaria e crystallina, ensinára que «um povo sem o curso dos lyceus é um povo incompleto». Com o dedo espetado (geito sempre tão seu) Pacheco replicou ao moço temerario esta coisa tremenda: — «Ao illustre deputado que me accusa só tenho a dizer que emquanto, sobre questões d'Instrucção Publica, s. exc.ª ahi n'essas bancadas faz berreiro, eu aqui n'esta cadeira faço luz!» — Eu estava lá, n'esse grande momento, na galeria. E não me recordo de ter jámais ouvido, n'uma assembléa humana, uma tão commovida e apaixonada rajada de acclamações! Creio que foi d'ahi a dias que Pacheco recebeu a grã-cruz da Ordem de S. Thiago.

O immenso talento de Pacheco pouco a pouco se tornava um credo nacional. Vendo que inabalavel apoio esse immenso talento dava ás instituições que servia, todas o appeteceram. Pacheco começou a ser um director universal de Companhias e de Bancos. Na primeira vaga penetrou no Conselho de Estado. O seu partido reclamou unanimemente que Pacheco fosse seu chefe. Mas os outros partidos cada dia se soccorriam com submissa veneração do seu immenso talento. Em Pacheco pouco a pouco se concentrava a nação.

Á maneira que elle assim envelhecia, e crescia em influencia e dignidades, a admiração pelo seu immenso talento chegou a tomar no paiz certas fórmas d'expressão — só proprias da religião e do amor. Quando elle foi Presidente do Conselho, havia devotos que espalmavam a mão no peito, com uncção, e reviravam o branco do olho ao céo para murmurar piamente: — « Que talento! » E havia namorados que, cerrando os olhos enlangueecidos, e repenicando um beijo nas pontas juntas dos dedos, balbuciavam a desfallecer de voluptuosidade: — « Ai! que talento! » E para que o esconder? Outros havia, a quem aquelle immenso talento, como um excessivo e desproporcional privilegio, amargamente irritava. A esses ouvi eu exclamar com furor, atirando patadas ao chão: — « Irra, que é ter talento de mais! »

Pacheco no entanto já não fallava. Sorria apenas. A testa cada vez se lhe tornava mais vasta.

Não relembrarei a sua incomparavel carreira. Basta que o meu caro snr. Mollinet percorra os nossos annaes. Em todas as instituições, reformas, fundações, obras, encontrará o cunho de Pacheco. Portugal todo, moral e socialmente, está repleto de Pacheco. Foi tudo, teve tudo. Decerto o seu talento era immenso! Mas immenso se mostrou o reconhecimento da sua patria! Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam insubstituivelmente um do outro, e formosamente se completavam. Sem Portugal — Pacheco não teria sido o que foi entre os homens: mas sem Pacheco — Portugal não seria o que é entre as nações!

A sua velhice offereceu um caracter augusto. Perdera o ca-

bello completamente. Todo elle era testa. E mais que nunca revelava o seu immenso talento — mesmo nas minimas coisas. Muito bem me lembro da noite (sendo elle Presidente do Conselho) em que, na sala da Condessa de Arrôdes, alguem lhe perguntou reverentemente o que s. exc.ª pensava de Canovas d'el Castillo. Magistralmente, silenciosamente, sorrindo apenas, s. exc.ª deu com a mão um ligeiro córte horisontal no ar. E foi em torno um murmurio d'admiração, lento e maravilhado. N'aquelle gesto quantas coisas subtis, profundamente pensadas! Eu por mim, depois de muito esgravatar, interpretei-o d'este modo: — «mediocre, meia-altura, o snr. Canovas!» Porque, note o meu caro snr. Mollinet como aquelle talento, sendo tão vasto — era ao mesmo tempo tão fino!

Rebentou — quero dizer, s. exc.ª morreu, quasi repentinamente, sem soffrimento, no começo d'este duro inverno. Ia ser justamente creado marquez de Pacheco. Toda a nação o chorou com infinita dôr. Jaz no alto de S. João, sob um mausoleu, onde por suggestão do snr. conselheiro Accacio (em carta ao *Diario de Noticias*) foi esculpida uma sublime figura de *Portugal chorando o Genio.*

Mezes depois da morte de Pacheco, encontrei a sua viuva, em Cintra, na casa do dr. Videira. É uma mulher (dizem amigos meus) de singular intelligencia e bondade. Cumprindo um dever de portuguez, lamentei, diante da illustre e affavel senhora, a perda irreparavel que era sua e da patria. Mas quando, commovido, alludi ao immenso talento de Pacheco, a viuva de Pacheco ergueu bruscamente, espantados, os olhos que conservára baixos — e um fugidio, estranho, frio e triste sorriso arregaçou-lhe os cantos da bôca fina!... Eterno desaccordo dos destinos humanos! Aquella pobre senhora nunca comprehendera aquelle immenso talento! Creia-me, meu caro snr. Mollinet, seu dedicado — FRADIQUE.

Eça de Queiroz.

O IMPERADOR

E

O EX-CHANCELLER

(NOTAS SOBRE A POLITICA ALLEMÃ)

Era tão illimitada a confiança do velho imperador Guilherme I no patriotismo e no genio politico de Bismarck, tão sincero e absoluto o affecto que lhe dedicava, que só por motivos gravissimos poderia exoneral-o dos altos cargos em que o investira. Um dia o chancceller quiz retirar-se d'elles; mas o velho monarcha respondeu ás suas razões fortes com um monosyllabo imperioso: *Nunca.* E esta ordem, equivalente á maxima honra conferida pelo chefe de estado, foi uma prophecia cumprida. Só em 21 de dezembro de 1872 lhe permittiu ceder a Roon, ministro da guerra, a presidencia do ministerio prussiano; porém este mesmo logar tornou a ser occupado por Bismarck desde 9 de novembro de 1873; demais, se Roon o substituiu durante quasi um anno, foi porque o principe estava já sobrecarregado de outros trabalhos, não porque houvesse dissidencias entre elle e o imperador; e que existissem, deviam ser secundarias, visto que o eminente officio de chancceller continuava a pertencer-lhe, com o mais devotado apoio de Guilherme I.

O imperador tinha ponderosas razões para querer tanto a

esse politico genial; ninguem se distinguira mais do que elle na defeza dos direitos da corôa; ninguem soubera aproveitar melhor do que elle as forças da civilisação germanica para ampliar o territorio da Prussia, e fundar o imperio á luz da aureola com que a victoria coroou os guerreiros allemães nas luctas cruentas contra a Austria e a França.

A profissão de doutrinas realistas, o amor ao ideal da unidade germanica, e a preponderancia da nação prussiana, datavam de muitos annos na vida de Bismarck. As suas convictas aspirações manifestou-as relevadamente desde 1847, como simples membro do Landtag de Berlim, onde foi um dos mais notaveis campeões da monarchia ultra-conservativa; ahi se oppoz com energica vehemencia a todo o projecto de organisação constitucional da Prussia. Membro da dieta da Confederação allemã, bem depressa entrou de luctar contra a superioridade pretendida pelos representantes da Austria, começando por este modo o seu herculeo trabalho da hegemonia da Prussia entre os povos germanicos. Até nas minucias da etiqueta soube exigir o tratamento devido ao representante de uma nação. N'esse tempo, ha quasi 40 annos, Vienna tinha no equilibrio europeu importancia maior que Berlim; porém juridicamente não podia exigir que as outras nações confederadas lhe prestassem uma especie de vassallagem. O embaixador da Austria, conde Buol, cuidava, comtudo, que os factos lhe permittiam proceder como figura principal, de que os seus collegas haviam de ser a côrte; um dia mandou exprimir aos membros da dieta o desejo de que fossem a casa d'elle depois da sessão; Bismarck não foi; a razão da sua ausencia e os commentarios do convite acham-se no relatorio que mandou para Berlim:

« Entendi que se o conde Buol desejava fallar commigo, devia ao menos desculpar-se de não vir pessoalmente visitar-me. » Pretendia-se « que a dieta *in corpore* fizesse côrte ao ministro da Austria. Por isso mesmo felicitei-me de ficar longe de uma demonstração, habitual sómente para com membros de familias reinantes... É possivel que a minha ausencia tenha sido mal vista pelo conde Buol; mas não era já preciso isto para

que eu lhe desagradasse; e creio que v. exc.ª ha de approvar que eu não procure obter o agrado d'elle á custa do desdouro do cargo de embaixador de s. m. o rei».

Já então previa as luctas com a Austria; n'um dos documentos diplomaticos exprimia ao governo de Berlim a convicção de que em tempo não muito afastado a Prussia inevitavelmente havia de combater contra aquelle imperio. No relatorio de 26 de abril de 1856, que é tido como superior a todos os outros da sua lavra, analysa a situação politica da Europa. A guerra da Crimêa findára ha pouco; forças da França tinham combatido com as da Russia; mas Bismarck prevê a aproximação das duas nações: entre todas as grandes potencias, dizia, são ellas as que contêm menos elementos oppostos, as que não soffrem de interesses collidentes...; as amabilidades, que já trocam entre si, antes fallam de sympathia preexistente, do que são modo de a produzir. No relatorio de 1 de janeiro de 1855 poz estas phrases, que denotam plena confiança no futuro da Prussia e muita sagacidade diplomatica:

«Atégora as potencias occidentaes esperam alcançar a nossa cooperação sem nos concederem influencia nas suas deliberações. Contam demasiado com a efficacia da opinião publica na Prussia, e com que nos domine o receio do isolamento. Parece-me fóra de duvida que só podemos influir no procedimento da Austria, França e Inglaterra, se os nossos agentes ahi souberem crear a convicção de que estamos inteiramente livres d'aquelle receio e firmemente resolvidos a defender o nosso posto de grande potencia com os mais desesperados meios e esforços contra quem quer que seja. Ainda que infundado e perigoso o relacionarmo-nos mais intimamente com a Russia, cuido que a nossa influencia no curso dos acontecimentos só nos aproveitará quando no occidente se recear a nossa alliança com a Russia, e quando em Vienna se não pozer na classe das coisas impossiveis a nossa ligação com o oeste. As attenções para comnosco serão na medida do temor que inspirarmos.»

Data d'esse tempo uma carta em que se mostra clarissimo o espirito reaccionario de Bismarck: havia morrido n'um duello

o chefe da policia de Berlim, Hinckeldey, benemerito pelos serviços prestados a instituições de beneficencia, e famoso por suas iras contra o partido liberal; Bismarck sabendo d'aquella morte, occorrida em 10 de março de 1856, escreveu assim: «Muito me commoveu a noticia... Grande lacuna se abriu na policia pratica; Hinckeldey era o que os francezes chamam *homme de tête et d'action*, e nós temos poucos d'estes homens.» O sentimento do futuro chanceller foi, pois, o que era proprio do politico apaixonado pela forte acção policial, repressora ou preventiva de tudo que póde conduzir ao regimen democratico.

Essa orientação permaneceu no espirito d'elle, apesar das reformas da legislação allemã. Nos debates do *Reichstag* o anti-parlamentarismo do chanceller conservou-se vigoroso, por entender que a vida constitucional, modelada pela da Inglaterra, conduziria á ruina do systema monarchico. Uma vez, replicando a Rickert, dizia que o partido liberal (*freisinnig*) era um perigo do imperio; e, para o mostrar, procurou estabelecer a differença entre republica e monarchia; não a achou na hereditariedade: a Inglaterra, apesar da herança do poder real, não é monarchia no sentido allemão; a differença consiste em que o chefe do estado seja obrigado a fazer alguma coisa que não faria por sua propria vontade; a fórma monarchica desapparece desde que o monarcha póde ser forçado pelo parlamento a demittir o ministerio (*Discurso* de 27 de novembro de 1884). Outra vez, discutindo com Bamberger e Richter, expoz assim o mesmo fundamental pensamento:

«Desde 20 annos me tenho tão constantemente dirigido contra a fracção liberal, como para o norte se dirige a agulha magnetisada; e o perigo que nos vem do lado d'esse partido, que no coração é realista-republicano, inconscientemente republicano... (*Oh!* na esquerda da camara). Sim, senhores; não vos conheceis a vós mesmos; e assim faltaes á primeira regra politica (*Riso*). Necessariamente caminhaes para alli. Os contemporaneos de Mirabeau tambem não pensavam marchar para a republica; e ainda hoje, em mais de uma nação estrangeira,

chefes do estado e radicaes monarchicos não comprehendem que vão por esse caminho. »

O chanceller não defendia francamente o absolutismo; não podia defendel-o, que a constituição allemã dá o poder legislativo conjuntamente ao Conselho federal, ao *Reichstag* e ao imperador; a harmonia dos tres cooperadores, eis o que Bismarck recommendava; mas os factos apoiam a asserção de que pretendia ao predominio da corôa, á quasi inanidade dos dois corpos legisladores; sobretudo o *Reichstag*, dispensal-o-hia com o maior prazer; não que temesse os debates da tribuna; mas era-lhe incommoda a atmosphera parlamentar, porque a sua chimica politica achava n'ella fortes elementos destruidores do throno.

E tinha razão; aonde conduz o moderno systema representativo senão á ruina das monarchias? Que a estrada seja mais ou menos longa, ou percorrida com maior ou menor velocidade, o termo d'ella será sempre o mesmo.

*
* *

Campeão do throno absoluto, desejava, está claro, que dispozesse de poderoso exercito, e abrilhantasse a corôa com a gloria de fundadora da unidade germanica; ao serviço d'estes dois pensamentos poz toda a sua pasmosa energia, toda a sua inexcedivel perseverança, todo o seu extraordinario talento. Não o amedrontaram os votos parlamentares, reprovadores de seus projectos ácerca da força publica; respondeu-lhes com dissoluções. Não lhe incutiram receio os exercitos da Austria e dos alliados d'ella em 1866, nem os da França em 1870; conhecedor dos progressos militares na sua patria, quiz a guerra que em Sádowa sanccionou a hegemonia da Prussia, e a que nas successivas pelejas contra a França lançou as bases do imperio germanico. D'estas duas consequencias da sua politica resultou-lhe prestigio e auctoridade para durante muito tempo ser o arbitro dos destinos da Allemanha; e como d'essas grandes

consequencias foi causa immediata o desenvolvimento do exercito, não é estranhavel que o chanceller tivesse na mais elevada conta o patriotismo do soldado. Onze annos depois de constituido o imperio, discursando ácerca dos seus serviços, que julgou necessario memorar, recordou que outr'ora se dissera d'elle com ar de motejo: é um official prussiano vestido á paisana; agradecia, porém, esta phrase, porque o sentimento proprio de official da Prussia (dizia elle) ainda mais alto o erguia na onda das aspirações nacionaes, e do amor patrio, do que a funcção parlamentar que estava exercendo.

Taes palavras não são de juiz imparcial; são de politico apaixonado; o patriotismo não se distingue pelo uniforme; a heroicidade tanto póde estar no campo da batalha, como na officina, ou no gabinete de estudo, ou no simples governo da casa; os serviços á patria, a dedicação á sociedade, tanto podem consistir em defendel-a com as armas, como em melhoral-a com os exemplos, ou opulental-a com os progressos scientificos e technicos.

Na sua apreciação do patriotismo militar manifestava-se o lado fraco da politica do chanceller, ou antes, a estreiteza de algumas das suas vistas; ninguem lhe póde contestar a superioridade do entendimento; mas é tambem incontestavel que mais parecia ás vezes um estadista anterior a este seculo, do que um homem do seu tempo; attribuia demasiada influencia á monarchia, ao exercito e a si proprio. Com razão lhe replicou Bamberger em 19 de junho de 1882: « Jámais o chanceller, jámais a monarchia prussiana, poderia levar a cabo a nossa obra constitucional, se ella não fôra a conclusão e o resultado historico de longos trabalhos e sacrificios de todas as classes. O que agora achamos creado, prepararam-no grandes homens e procedeu do espirito do povo allemão. A propria popularidade colossal do chanceller sómente se explica por terem sido elle e a casa dos Hohenzollern os chefes do fim d'esta lucta em que passaram umas poucas de gerações. » Animado pelo mesmo pensamento, dizia-lhe Richter alguns dias antes: « O chanceller usa a linguagem do absolutismo; é o antigo principe Bismarck

de 1847 com todas as suas locuções contra o parlamentarismo e as liberdades populares. Mas as dynastias são tudo pelo povo; são nada sem o povo. Em 1813, depois de derrotada a Allemanha, foi a iniciativa e o levantamento do povo quem arrebatou comsigo o hesitante rei da Prussia para a obra da libertação. »

A existencia do parlamento imperial obrigava-o, comtudo, a engenhosos esforços para obter maioria; qualquer que fosse o seu pensar ácerca da politica partidaria e dos perigos corridos pela monarchia desde que a vontade d'ella ficasse mais ou menos dependente dos votos da assembléa legislativa, — era-lhe forçoso não erguer numerosos conflictos, nem usar muitas vezes da dissolução; desejaria porventura acabar com o *Reichstag*, e dirigir os negocios imperiaes na companhia do chefe do estado e de alguns conselheiros particulares; mas o espirito do seculo já o não permittia. Provavelmente mais de uma vez pensou que, apesar de tudo, elle tambem ia embarcado n'uma nau que navegava para o dominio da democracia, como outr'ora succedeu ás gentes pouco perspicazes do tempo de Mirabeau, e como estava acontecendo a monarchicos radicaes de outras nacionalidades. Mas era impossivel retroceder; restava impedir que o navio continuasse na carreira, ou ao menos retardar-lhe quanto possivel a marcha. Guerrear os liberaes, que, no pensar d'elle, tinham maior amor ás praticas britannicas, ou ao regimen do Sena que ao do Spree, tal era um de seus primeiros deveres. Combater fortemente os democratas sociaes, que ameaçavam não só a sociedade economica, mas tambem o throno, era outro dever não menos imperioso; por isso, durante muitos annos do seu dominio, quando já estavam concluidos os principaes trabalhos da constituição do imperio e rebatidas as pretensões papaes ao predominio sobre o poder civil, apoiou-se em variados accordos com partidos que não figuravam na esquerda parlamentar; mas nem por isso foi sempre direito o seu caminho, antes se entranhou em tortuosas sendas onde perdeu muito da sua prestigiosa auctoridade. Os abusos eleitoraes foram tantos, que se attribuiu a elles a demissão dada a Puttkammer pelo imperador Frederico. O emprego de agentes officiaes, para provo-

car á desordem os sociaes-democratas e os anarchistas, parece fóra de toda a duvida; provocar não só na Allemanha, mas tambem n'um paiz tão venerando pelas suas instituições sinceramente democraticas, pela relativa pureza dos seus costumes, e pela grandeza da sua cultura, a Suissa. A proposição e prorogação de leis de excepção contra os democratas sociaes foi um perigoso abuso da influencia de Bismarck; se os attentados contra a vida do imperador, commettidos por Hœdel e Nobiling, levaram o Reichstag a adoptar a proposta de guerra ao socialismo, as proprias consequencias da lei mostravam a sua inefficacia, como a fria analyse, posterior ás excitações causadas por aquelles crimes, provaram a sua crueldade; comtudo Bismarck persistiu em querel-a successivamente prorogada, apesar do desgosto que por isto se manifestava progressivo entre os proprios partidos que o apoiavam; á persistencia do chanceller respondeu ultimamente o parlamento rejeitando a nova fórma proposta para a lei contra os socialistas.

Não seria outro mesquinho expediente, com apparencias de grandioso, o fazer das probabilidades de guerra com a França uma especie de papão com que amedrontava os legisladores e o paiz, conseguindo, emfim, a approvação de dispendiosas reformas militares? Mais de uma vez o accusaram d'isto.

Outro expediente, um dos peiores, senão o peior de todos, foi o abater a questão entre o poder civil e o ecclesiastico até ao nivel de pura conveniencia da sua politica: outr'ora dissera o chanceller que a Allemanha tinha a luctar com dois inimigos, a Internacional preta, isto é, o ultramontanismo, e a Internacional vermelha, isto é, o socialismo; ficára tambem celebre aquella phrase, coroada por enthusiasticos applausos: «Não iremos a Canossa.» Recordava-se como gloriosa a affirmação de que cumpria os seus deveres para com o rei e a patria, advogando a liberdade espiritual da Allemanha contra as intrigas dos jesuitas e do papa, e defendendo a independencia do estado contra ingerencias estrangeiras; porém, ha tres annos, pretendendo acabar com a inimisade dos catholicos, fortemente representados no parlamento, não só propoz para o reino da Prus-

sia a revogação de disposições que outr'ora defendera como se lhes tivesse grande affecto, mas tambem as tratou com desdenhosas graças; arrojou-se a declarar que jámais procedera contra as pretensões romanas, senão para rebater a acção dos catholicos allemães; que se tratava exclusivamente de politica opportunista; que, uma vez feitas as pazes com Roma, já não seria tão importante a paz com o centro, isto é, com o partido d'aquelles catholicos. Assim, os antigos trabalhos, que lhe conquistaram a gloria de defensor do poder civil contra a invasão do ultramontanismo, não passavam de um expediente para manter a sua politica imperialista!

Tambem, para a conservar, passa como certo e bem averiguado que empregava quantiosas verbas em subsidiar jornaes ou mover as pennas de jornalistas, que eram uns immaculados defensores do throno. Em maio de 1884, Richter disse no Reichstag: «Onde param os milhões provenientes das rendas do rei Jorge do Hannover, e que o chanceller tem á sua disposição? Grande parte da imprensa é alimentada por elles, para louvar todos os actos de Bismarck e do governo, e para censurar todos os que não concordam com as successivas opiniões do gabinete.» Convem saber que esses milhões eram destinados a combater as traças dos defensores da dynastia de Hannover, aos quaes o chanceller alcunhou de reptis em 1869; ficou-se chamando, por isso, *Reptilienfonds*, ou *fundo* dos reptis, áquelle capital; assim o destino usou de uma acerada ironia fazendo que d'ahi sahissem alimentos para jornalistas, cuja posição não era perfeitamente erecta diante do severo principe.

E se o chanceller detestava os reptis do Hannover, não gostava muito dos politicos intransigentes; causava-lhe até desagrado que os seus collegas no gabinete prussiano tivessem independentes relações com o imperador; por muito que respeitasse a vontade sabia do chefe do estado, queria que os projectos fossem discutidos em conselho, afim de que, ainda mesmo quando vencido, elle presidente podesse oppôr-se-lhes perante o monarcha.

*
* *

A politica auctoritaria não o impediu de fomentar o melhoramento economico das classes inferiores; succedeu-lhe como a tantos outros defensores do absolutismo illustrado, que misericordiosamente olham para os desventurados; e ainda que não os favorecessem por compaixão ou dever, auxilial-os-iam por conveniencia. É sabido que Bismarck promoveu a apresentação e approvação de propostas sobre seguros contra as doenças, os desastres no trabalho, a invalidez e a velhice. Foi um socialista do estado, como usa dizer-se, e não lhe causou grande incommodo que o accusassem d'isto; pelo contrario, declarava em 1884 que, no seu entender, a principal causa dos triumphos alcançados pelos democratas sociaes consistia em que o estado não era sufficientemente socialista; nem sequer lhe repugnava o direito ao trabalho, do qual achava claros vestigios na legislação civil da Prussia.

Mas o socialismo que Bismarck permittia cultivar na Allemanha era... o seu, ou todo o que se não afastasse muito d'elle, ou que, pelo menos, deixasse intacto o edificio imperial; fóra d'esta igreja politica, não havia salvação; para além d'ella estavam os reprobos, os elementos perigosos, que por amor da ordem monarchica era indispensavel perseguir.

Mas á proporção que o chanceller fazia socialismo bismarckiano, a democracia social progredia rapidamente. Ao mesmo tempo, a actividade do principe na politica interna foi-se tornando tão desagradavel ao povo, que os eleitores a condemnaram na ultima lucta.

*
* *

A morte de Guilherme I diminuiu á auctoridade do chanceller a grande parte que lhe emprestára a auctoridade do imperador. Se a grave doença e breve duração de Frederico III obstaram a dissidencias entre elle e Bismarck, as qualidades e

os defeitos de Guilherme II forçosamente haviam de determinar a desgraça do principe na côrte de Berlim. Achavam-se em presença dois homens energicos, voluntariosos, querendo ambos exercer decisiva influencia nos negocios publicos; uma differença essencial existia, porém, entre elles; um era imperador, e o outro era ministro; aquelle podia impôr a este o dilemma com que o povo francez sentenciou o procedimento de um chefe da republica: submetter-se ou demittir-se. Bismarck não era homem para subordinar-se; preferiu partir para Schœnhausen, deixando a outro os logares eminentes que tanto tempo lhe pertenceram.

O procedimento de Guilherme II quer dizer que no throno prussiano e allemão está um homem que deseja fazer vingar as suas proprias idéas; um homem de pensar independente, e não um imperador que deixe aos ministros o cuidado de dirigir superiormente a politica, guardando para si um trabalho pouco excedente, em geral, ao de assignar os papeis que elles reverentemente passarem das pastas para as regias mãos. Esse procedimento concorda com a analyse do caracter de Guilherme II ha muito feita por quem de muito perto o conhece. O seu preceptor Hinzpeter escreveu d'elle: «Da união da tenacidade guelfa, transformada facilmente em energia, com a voluntariosidade um pouco idealista dos Hohenzollern, veio a nascer em 27 de janeiro de 1859 um sêr humano de individualidade fortemente accentuada, que, sem se modificar, e resistindo ás mais poderosas influencias externas, se desenvolveu de harmonia com a sua particular essencia; um sêr de peculiar composição, conservada ao través de todas as phases do desenvolvimento, e guardando sempre o seu caracter em todas as naturaes metamorphoses.»

Tinha pouco mais de quatorze annos o actual imperador, quando na sua profissão de fé, para a ceremonia da confirmação, disse que sabia estarem-lhe reservados grandes trabalhos; mas que não o amedrontavam; antes o pensar n'elles fortalecia-lhe a coragem. Affirma-se que elle proprio escreveu esse documento; e apesar de ser coisa vulgar o attribuirem-se aos principes provas de alto espirito que elles jámais tiveram,

grande parte da vida de Guilherme II mostra que procurou preparar-se para o exercicio das funcções de rei-imperador. No lyceu de Cassel, na universidade de Bonn, e no exercito, cumpriu sempre zelosamente os seus deveres. Como official, não se contentava só de honras vãs, contrastando com o pensar ou não-pensar de tantos principes que os benevolos paes vão já no berço promovendo a postos que os sêres oriundos de classes inferiores só alcançam a preço de longos esforços; se para a sua elevação na hierarchia militar contribuiu muito o acaso do nascimento, tambem o principe evidenciou que não era indigno d'ella. Já como coronel procurava influir nos camaradas fazendo conferencias, combatendo as preoccupações contrarias á marinha, e oppondo-se aos abusos do jogo. A este respeito contou-se um facto digno de ser recordado: muitos officiaes do regimento, em que o principe era coronel, commettiam d'esses abusos, que os arruinavam; o futuro imperador ordenou-lhes que deixassem o club em que jogavam; a direcção, á qual pertencia um alto personagem da côrte, solicitou do imperador Guilherme I a annullação da ordem; o principe foi chamado á presença do avô para que a revogasse; mas o joven militar invocou os seus direitos de chefe do regimento, e pediu á magestade imperial que lhe concedesse manter a ordem ou apresentar a sua demissão; está claro que a magestade preferiu conservar o coronel. Esta scena, que faz lembrar um pouco certa passagem da opereta *Petit Duc*, exemplifica impressivamente a firmeza das opiniões de Guilherme II.

Esta firmeza não soffreu quebra, nem mesmo diante da auctoridade longamente experimentada e gloriosa de Bismarck; e o imperador tinha-lhe extremo affecto, robustecido por uma grande veneração dos seus serviços. Ha dois annos, jantando em casa do chanceller que fazia então 73 annos, o principe lançou n'um brinde esta homenagem: «O imperador Guilherme já não existe; o povo sauda com enthusiasmo o actual augusto soberano, que é um dos fundadores da nossa grandeza patria; vossa alteza (dirigindo-se a Bismarck) servil-o-ha com a fidelidade que provou no tempo de meu avô. Empregando uma ima-

gem militar, direi que a nossa actual situação é a d'um regimento marchando para um assalto; cahiu o commandante; o immediato a elle, posto que muito mal ferido, ainda com bravura marcha na frente. N'este momento os olhares fixam-se todos na bandeira agitada bem alto por aquelle que tem o cargo de a trazer. É assim que vossa alteza sustenta o estandarte imperial; oxalá que vossa alteza ainda o empunhe longo tempo ao lado do nosso bem amado e venerado imperador. Este é o meu mais sincero desejo. Que Deus abençoe e proteja vossa alteza e o imperador. »

Curto espaço bastou para modificar essencialmente o pensar de Guilherme ácerca do chanceller; no banquete fallára o principe, ainda porventura insufficientemente instruido ácerca de negocios a cujo estudo se dedicou em particular depois de subir ao throno; porventura tambem não conhecia de perto alguns defeitos da politica bismarckiana; ou talvez a ascensão ao throno lhe causou a vertigem do poder.

A profunda impressão causada no mundo politico pela retirada de Bismarck parece um pouco injuriosa para a Allemanha, ou para o imperador, senão para o proprio chanceller; tendo estado á frente dos negocios germanicos desde tantos annos, o receio das consequencias da exoneração d'elle equivalia á desconfiança de que não soubera fundar solidamente o imperio, ou que a unidade allemã era insustentavel, ou que a Germania estava assombrosamente desprovida de estadistas, ou que o governo pessoal do imperador, se fosse desacertado, não acharia a devida emenda na opinião publica. Uma folha de provada circumspecção, e quasi sempre muito bem informada, o *Economist*, de Londres, escreveu estas desoladoras phrases em 22 de março: « Ninguem na Allemanha, excepto o imperador, possue poder politico. A nação está tão desprovida de grandes individualidades, que os proprios bisbilhoteiros não souberam indicar quem seria o novo chanceller; e a nomeação de Caprivi é praticamente a de um homem desconhecido. »

Não se podia exaggerar mais a individualidade de Bismarck, nem ter em menor conta o imperio allemão; não sabemos

que na sua terra o principe fosse geralmente considerado tão indispensavel nos ultimos annos, nem que o povo germanico esteja tão abatido que não haja n'elle alguns homens capazes de substituir o chanceller. Talvez succedesse com o famoso diplomata o que succede com os figurinos: a provincia ainda cuida que vigoram e reinam sobre o imperio da moda os que já na capital quasi perderam todo o valor.

Tambem o *Economist* se enganou ácerca de Caprivi; podia ser desconhecido em Londres, mas não era muito ignorado na Allemanha; como havia de o ser quem já na guerra de 1870-71 gloriosamente serviu de chefe do estado maior do general Voigts-Rhetz? Quem, na qualidade de chefe do almirantado, tratou com muito saber perante o Reichstag as questões da sua competencia, afastando-se sempre de debates sobre as pessoas, e respeitando todos os partidos? Quando em junho de 1888, Caprivi se retirou d'este eminente logar, o actual imperador agradeceu-lhe os serviços prestados á marinha, por serem tão relevantes que «certamente occupariam pagina de honra na historia d'ella». Na carta imperial vinham estas palavras, agora memorandas: «Espero que brevemente haja opportunidade de vos dar na marinha um commando correspondente ao vosso posto; desejo isto vivamente no interesse do exercito, de que vós sois um dos mais distinctos generaes.» E o imperador não se contentou de lhe confiar um commando militar; ergueu-o tambem a um commando politico.

O que ha de importante nas recentes mudanças da politica allemã, não é a exoneração de Bismarck e a entrada de Caprivi; é a ruina da politica do ex-chanceller e a substituição de Guilherme I, subordinado politico de Bismarck, por Guilherme II, que não se deixa guiar por nenhum ministro. O imperador, ainda nas suas cartas de 20 de março affirmou os grandes serviços patrioticos do ex-chanceller; tão extraordinariamente valiosos, que d'elles diz não estar no poder da corôa o compensal-os intimamente; mandou-lhe, como prova de reconhecimento particular e official, o diploma que lhe dá as honras de *general feld-marechal*, o titulo de duque de Lauenburg e o

proprio retrato do imperador em tamanho natural; diz-lhe que o exonera, mas que está seguro de que o seu conselho e lealdade jámais hão de faltar á Allemanha e ao chefe do estado. Porém uma coisa é ouvir conselhos, outra é seguil-os. E já depois d'isto Guilherme I parece ter mudado de opinião, e não querer conselhos de Bismarck.

A termos de apreciar o imperador por seus actos publicos, elle tem a melhor vontade de engrandecer politica e moralmente a Allemanha; desempenha com a maxima seriedade as obrigações que julga ter; considera os deveres com zelo religioso; procede como um crente e um bravo; não faz agora accepção de partidos; ingenuamente se dirige a todos, traçando assim uma linha divisoria entre o seu pensar e o do ex-chanceller; detesta a intriga e os accordos suspeitos; ama as suas idéas; quer traduzil-as em obras..., antes de ter aprendido engenheria politica.

Homem de tantos e tão raros predicados, ha comtudo, em alguns de seus actos, vestigios fortes de que se attribue demasiados direitos. Quando recebeu e escutou os delegados mineiros da Westphalia, dirigiu-lhes affectuosas palavras; mas, segundo affirmaram os jornaes, advertiu-lhes que severamente cahiria sobre elles a força armada se as desordens tendessem para o socialismo. Brindando no banquete do *landtag* provincial brandeburguez em março d'este anno, e alludindo ás viagens que recentemente realisára, disse que, longe do quotidiano tumultuar dos partidos, tendo ante si a vastidão do mar, e fitando o céo recamado de estrellas, considerára tranquillamente as condições politicas da patria, meditára nas forças d'elle mesmo e na sua missão de imperante. Vieram-lhe á mente os feitos de antepassados, desde o grande eleitor, que primeiro teve a soberania da Prussia, até seu avô Guilherme, que primeiro subiu ao moderno throno imperial da triumphante Germania; remontando assim o curso do tempo, via com o espirito um quadro, que por longuissimos annos jazera olvidado, mas que elle erguêra até logar de honra no seu quarto; a pintura é da época do grande eleitor; navios altivamente cortam as aguas; tremúla

n'elles a bandeira com a aguia vermelha de Brandeburgo; é que já no seculo dezesete o glorioso Frederico Guilherme previra que seus descendentes seriam chefes de uma nação poderosa pelas relações mercantis com todo o mundo. Descendo até aos ultimos annos, o joven imperador attentou especialmente na politica social do avô; o coração e o entendimento acharam-se-lhe intimamente concordes em que a mais nobre solicitude era devida á empreza de espalhar o bem pelas classes inferiores dos subditos imperiaes. Crente em que os reis têm do Senhor uma especial missão, achou-se com forças para a cumprir: « O povo e o territorio que eu recebi, exclamou elle, são como que o dinheiro, a mim por Deus confiado, o qual, — no dizer biblico — tenho o dever de augmentar; e d'este encargo prestarei contas um dia. Espero administrar de tal modo com todas as forças esse capital, que o deixe multiplicado. O meu coração acolherá todos os que desejarem auxiliar-me, venham d'onde vierem; mas os que n'este trabalho se me oppozerem, esses hei de eu fulminar. »

Assim, á vontade firme de trabalhar empenhadamente para o bem-estar das classes inferiores, parece alliar-se em Guilherme II a inquebrantavel severidade para com todos que tentarem a applicação de remedios differentes d'aquelles que o moço imperador traz escriptos no seu tratado de therapeutica social; porém d'esta obra não é ainda conhecido mais que um trecho de indice e umas passagens com affirmações, vigorosas sim, mas communs a varias e oppostas escólas.

N'aquellas noites de viagem, as estrellas brilhavam no firmamento; eram tranquillas as aguas do mar; longe, muito longe, estavam as facções com suas intrigas, e os partidos com as suas batalhas campaes; a Allemanha da actualidade vivia, porém, alli no magistrado supremo, nos vasos de guerra dominadores do mar, na bandeira que os encimava, e nos subditos que simultaneamente significavam força e obediencia. N'este meio, tão prospero ás flôres da phantasia, Guilherme II viu as grandezas da Allemanha do passado. E as estrellas continuavam a scintillar, as aguas permaneciam tranquillas, a embarcação ia

navegando velozmente. O joven monarcha estava alli como no maximo templo de Deus; cuidou talvez que n'essas noites velava as armas preparando-se para cavalleiro da civilisação; mas senhor de um grande imperio, e descendente d'aquelles que tantas vezes commandaram victoriosamente os exercitos, ampliando seus dominios; espirito culto, mas apertado pela tradição do direito divino dos reis, — no seu voto solemne de caloroso amor pelos que soffrem parece que vai tacitamente o voto da acção do gladio contra os que tenham crenças incompativeis com a sua. Cavalleiro professo da Aguia Negra desde os 18 annos, elle sabe que essa aguia traz n'uma das garras a corôa de louros, symbolo da recompensa dos virtuosos, e na outra prende um feixe de raios para fulminar os maus. E o imperador quer o Bem; porém, decerto, só o Bem, como elle o comprehende; tudo o mais é, a seus olhos, o mal; a sua viva fé christã, a sua profunda convicção dos deveres imperiaes obrigal-o-iam, porventura, a pôr as hostes do imperio ao serviço das suas idéas se tanto fosse necessario. Fulminará quem se oppozer aos *seus* trabalhos de protector dos infelizes e promotor da grandeza patria.

Foram bellas as noites de viagem; porém se nuvens espessas encobrirem as scintillações stellares, se das serenas aguas a tempestade construir, destruir e refizer rapida e successivamente montanhas e abysmos, se dos céos baixarem as aguas e os raios, qual será a visão do scismador cavalleiro da Aguia Negra?

Talvez que no officio de reinar vá perdendo alguns predicados de homem da idade-média, e desenvolvendo forças proprias de trabalhador politico do seculo dezenove; talvez complete a sua educação junto do tumultuar dos partidos, e incline a sua magestade perante a opinião publica; habituar-se-ia então a uma tolerancia, que não é opposta á mais fervorosa crença, mas que é veneração do direito de todas as crenças á existencia, e que é comprehensão das leis do desenvolvimento espiritual; não pretenderia impôr absurdamente ás classes inferiores um typo de felicidade economica, impondo-lhes tambem o

silencio das aspirações politico-sociaes; bem longe d'isto, elle quereria então que todos os cidadãos tivessem a mesma faculdade legal de exprimir seus pensamentos e ordenadamente preparar-lhes a victoria.

*
* *

Alguns de seus actos recentes revelam zelo moralisador tão grande, como aquelle que provou quando, simples coronel, prohibiu aos subordinados o serem membros do club onde viciosamente se jogava. O rescripto de 29 de março de 1890 clama contra o luxo dos officiaes. « Os commandantes, diz elle, devem ter sempre bem presente que hoje, mais do que nunca, importa produzir e educar caracteres, e promover a abnegação nos officiaes. O exemplo proprio tem a maior efficacia. Assim como de novo ponho por dever aos commandantes que obstem ás excrescencias do luxo, aos presentes custosos, aos festins repetidos, á excessiva despeza na sociedade, tambem reprovo accentuadamente a opinião de que o commandante seja obrigado pela sua categoria a avultadas despezas de representação... Cumpre combater com severa energia o progressivo luxo no exercito. »

O rescripto não só condemnou os excessivos gastos de vaidoso apparato, mas tambem o pessimo costume de serem exclusivamente admittidos a officiaes os candidatos que, pelo menos, tivessem de rendimento proprio, ou de subsidio familiar, um grande numero de marcos; arbitrariamente os commandantes talhavam suas exigencias; cada um aspirava a ter no regimento filhos de gente rica; a numerosissimas familias era portanto vedado o destinarem seus filhos para officiaes; outras muitas opprimiam-se com sacrificios pecuniarios para lhes alcançarem os postos; a ampliação dos quadros do exercito germanico aggravou as consequencias d'esta usança plutocratica; muitos corpos soffriam de escassez de officiaes. O imperador não acabou inteiramente com a exigencia dos subsidios; reduziu-os; e a propo-

sito foi discretamente dizendo que não póde hoje a nobreza do nascimento fruir o monopolio da producção de officiaes; deve exigir-se nobreza de sentimentos, «a qual vive tambem nos filhos de honradas casas burguezas, onde é cultivado o amor da patria, o do rei, e a moral christã».

N'outra ordem Guilherme II reprehendeu as pessoas que nas galerias do templo se debruçavam para vêr a familia imperial; se não tivesse fortes raizes o habito de irem os ficis para aquelles logares, o imperador mandaria para lá, a occupal-os inteiramente, disciplinados e reverenciosos soldados; mas, ao menos, quem estiver ahi não maculc com terrestres curiosidades o pensar em Deus.

Assim o chefe do estado cuida zelosamente, quer das coisas mediocres, quer dos negocios transcendentes: ora reprehende irado os subditos que na igreja admiradamente o fitam, ora préga enthusiasmado a cruzada scientifica e legislativa das nações cultas contra as crueldades da questão social.

O peor é que as resistencias parecem affligil-o; a opposição parece irrital-o, e que se julga com grandissimas forças; ao testemunho dos factos que já narramos, juntaremos o de outros mais recentes: ha pouco, recebendo a meza do *Reichstag*, queixou-se dos ataques dos progressistas ao projecto de augmento da força armada; e disse que, embora houvesse prohibido polemicas jornalisticas aos officiaes, os auctorisaria a responder aos ataques, se continuassem. No *toast* em Kœnigsberg, a 16 de maio, affirmou que estava em circumstancias de manter a paz; e tinha o convencimento de que todos quantos ousassem perturbal-a receberiam uma lição cuja lembrança lhes duraria cem annos. Entre antiquadas asserções ácerca do direito divino dos reis, apresentou-se como *rochedo de bronze* contra o qual se quebrariam os ataques d'esses perturbadores. Não nos parece este o melhor modo de conservar a tranquillidade na Europa, e de attrahir a sympathia das outras nações. E com alguma razão a imprensa moscovita commentou desagradavelmente a bravata. Dir-se-ia que fallou um novo Jupiter, posto sobre a aguia germanica, e tendo na mão o feixe de raios. Comtudo o

o imperador quer ser a deusa da paz. Que discursos fará elle, se um dia lhe parecer precisa a guerra!

*
* *

Desde que Guilherme II subiu ao throno atégora, a politica allemã não se definiu melhor. Durante algum tempo succederam-se os casos escandalosos, e a intriga floresceu. Um dia foi o processo contra Geffcken, o sabio jurisconsulto, por ter publicado trechos do *Diario* do imperador Frederico; o relatorio de Bismarck a este respeito é um dos maiores erros da sua vida. Outro dia foi a azedissima polemica entre Herbert Bismarck e o embaixador britannico, Morier, a proposito de telegrammas a Bazaine durante a guerra franco-allemã. Outros dias foram os longos mexericos sobre a forte influencia de Waldersee, tão antipathica ao principe de Bismarck, e as altas protecções de Stöcker. Mais tarde veio a campanha realista dos ultra-conservadores da *Kreuzzeitung*, até que o proprio imperador teve de declarar que lhes era adverso. Veio depois a exoneração do chanceller, ácerca da qual tanta historia se tem feito, sem que ainda seja bem sabida a historia verdadeira.

O que se sabe, é que o imperador quer o desenvolvimento do militarismo; que a politica das colonias segue, talvez a largos passos, pelo caminho em que Bismarck entrou pouco decidido; e que as *espheras de interesses* anglo-germanicas ameaçam chocar-se na Africa. As allianças do imperio não parecem ampliadas, nem fortalecidas. No interior, os democratas-sociaes proseguem a sua tarefa, como quem se não converteu, nem devia converter, á doutrina do cesarismo-socialista, apesar da conferencia de Berlim; é certo que a maioria dos operarios leram com prazer as promessas de Guilherme II; ainda na sessão de 19 de maio, Grillenberger applaudiu vivamente no *Reichstag* a iniciativa do imperador; porém não menos vivamente accentuou a opposição dos democratas-sociaes a dois pontos importantes

da proposta sobre reforma da lei reguladora da industria, e notou que se não incluiram n'ella disposições correspondentes a algumas essencias promessas do chefe do estado. Os progressistas, que no periodo eleitoral sympathicamente acolheram os rescriptos imperiaes, têm motivos para persistir no desaccôrdo com o governo. O centro, que o ex-chancceller parecêra julgar desarmado por elle, não abandonou o programma do predominio clerical na escóla e dos esforços internacionaes a favor do poder temporal no Vaticano; pelo contrario desenvolve grande actividade para progredir em influencia. Finalmente a politica socialista do monarcha não differe sensivelmente da que Bismarck planeou e que o velho imperador protegeu.

Os apologistas de Guilherme II attribuem-lhe as melhores intenções, o intimo convencimento da superioridade da sua missão, o animo deliberado a cumpril-a; mas ainda que provassem tudo isto, o que seria muito, não teriam demonstrado que é um grande estadista. E como, segundo uma phrase conhecida, elle quer ser chanceller de si mesmo, não é prudente esperar com firmeza que a politica do imperador (o qual frequentemente invoca a força, coisa tão positiva, e o direito divino dos reis, coisa tão imaginaria) venha a ser muito melhor que a de Bismarck.

A este principe chamaram chancceller de *ferro*. Vimos que o joven monarcha se comparou a um rochedo de *bronze*. Como a Allemanha não é simplesmente uma caserna, mas sim uma grande nação, ser-lhe-ia vantajosa uma politica menos metallica, menos dura, menos auctoritaria.

Rodrigues de Freitas.

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 36, Rue Lafayette; em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street; e em Leipzig, Karl W. Hiersemann — 2, Königsstrasse

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie, Boulevard Saint-Germain, 79 — PARIS

Pour paraître en Juin 1890 en même temps que l'édition originale anglaise

H. M. STANLEY

DANS LES TENÈBRES DE L'AFRIQUE

Relation authentique de sa dernière expédition

RECHERCHE, DÉLIVRANCE ET RETRAITE

D'EMIN PACHÁ

Gouverneur de l'Equatoria

Deux magnifiques volumes in-8° d'environ 500 pages chacun contenant 150 gravures et 3 cartes:

BROCHÉS: 30 francs — RELIÉS: 38 francs

La LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie prie ses correspondants de lui adresser d'avance leurs demandes pour cet important ouvrage.

Les commandes seront exécutées dans leur ordre de réception.

EN VENTE:

Comment j'ai retrouvé Livingstone, 1 vol. in-8° illustré, broché 10 fr.

A travers le Continent mystérieux, 2 vol. in-8° illustrés, brochés 20 fr.

PUBLICATIONS NOUVELLES

DE LA

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie

Boulevard Saint-Germain, 79, à Paris

CATULLE: Poésies. Traduction en vers français par Eugène Rostand; texte revu d'après les travaux les plus récents de la Philologie, avec un commentaire critique et explicatif par E. Benoist, membre de l'Institut, professeur de poésie latine à la Faculté des lettres de Paris et Émile Thomas, professeur à la Faculté des lettres de Lille. Ouvrage couronné par l'Académie française au concours du prix Jules Janin. 2 vol. in-8°, brochés, 20 fr.

Le 2e fascicule du Tome II, pour lequel des Bons avaient été joints aux exemplaires achetés précédemment, vient de paraître.

LEGER (Louis), professeur au collège de France: **Russes et slaves.** *Études politiques et littéraires* (Les Slaves et la Civilisation. — La formation de la Nationalité Russe. — Les débuts de la Littérature Russe. — La Femme et la Société Russe au XVIe siècle. — Les premiers Diplomates Russes à l'étranger. — La Bulgarie inconnue. — Le peuple Serbe. — Le Poète du Panslavisme). 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

LÉVY-BRUHL (L.): **L'Allemagne depuis Leibniz.** *Essai sur le développement de la conscience nationale en Allemagne* (1700-1848). 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

MONTÉGUT (Emile): **Dramaturges et romanciers** *(Le théâtre de Théodore Barrière. — Le roman en 1861. — M. Octave Feuillet. — M. Victor Cherbuliez. — Le roman en 1876. — M. Victorien Sardou. — M. Émile Augier. — Petites feuilles dramatiques).* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

(Bibliothèque variée, 1re série).

LA FONTAINE (J. de): **Œuvres.** Nouvelle édition, revue sur les autographes et sur les plus anciennes impressions, augmentée de variantes, de notices, de notes, d'un lexique des mots et locutions remarquables, d'un portrait, de fac-similes, par M. Henri Régnier.

Mise en vente du tome VI. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

Ce volume comprend: *Contes et nouvelles. Poèmes.*

EN VENTE:

Tome I: Avertissement. — Notice biographique. — A Monseigneur le Dauphin. — Préface. — La vie d'Ésope le Phrygien. — A Monseigneur le Dauphin. — Fables (livres I à V).

Tome II: Avertissement. — Fables (livres VI à IX). — Appendice.

Tome III: Fables (livres X à XII). — Appendice.

Tome IV et V: Contes et nouvelles.

Chaque volume in-8° broché, 7 fr. 50.

(Collection des grands écrivains de la France).

BARINE (Arvède): **Princesses et grandes dames.** *(Marie Mancini. — La reine Christine. — Une princesse arabe. — La duchesse du Maine. — La margrave de Bayreuth).* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

SAMARY (Madame Jeanne): **Les Gourmandises de Charlotte.** Album in-4°, illustré de 32 gravures en couleurs, par Job, avec une préface de M. Édouard Pailleron, cartonnage en couleurs, 4 fr.

1290

SOLUÇÃO e CAPSULAS DE ANTIPYRINA do Dr CLIN

Laureado pela Faculdade de Medicina de Pariz.— Premio Montyon.

O Melhor Remedio contra a Enxaqueca.

A **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin** possue uma poderosa acção para acalmar as dôres de : *Lumbagos, Torticolis, Nevralgias, Sciatica, Menstruação difficil, Colicas violentas* e os *Accessos de Gota e de Rheumatismo.*

« A Antipyrina pode ser considerada scientificamente como o medicamento mais poderoso contra a dôr. »

(Academia das Sciencias, Sessão de 18 de Abril de 1887).

DOSE : Tome-se cada dia de 2 á 4 colhères da **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin.**

NOTA. — As **Capsulas de Antipyrina do Dor Clin** são destinadas as pessoas que não podem tomar a Solução.

CASA **CLIN & Cia** EM PARIZ, E PHARMACIAS.

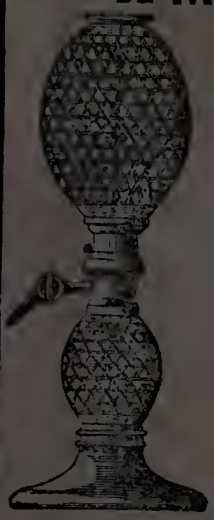
Medalha de Ouro, Exposição de Paris 1878

APPARELHO GAZOGENEO BRIET

Privilegiado s. g. d. g.

DE MONDOLLOT

Unico approvado pela Academia de Medicina e admittido nos Hospitaes de Paris.



Com o apparelho GAZOGENEO-BRIET, hoje tão conhecido, qualquer pessoa pode preparar instantaneamente e com um gasto mui pequeno uma excellente AGUA DE SELTZ e outras varias *bebidas gazosas*, como sejão as de *Vichy, Soda, Limonada gazosa, Vinho espumoso*, etc.

O GAZOGENEO-BRIET se vende em todas as bôas drogarias e nas bôas casas que vendem artigos de Paris.

Exigir a marca de fabrica : GAZOGÈNE BRIET

Fabrica em PARIS, 72, rua du Château-d'Eau.

Depositos nas principaes Pharmacias e Drogarias.

DAVID DE CASTRO

CARTEIRA DE SATAN, 1 volume 800 reis

PRODIGIO NAS SALAS, 1 volume 600 reis

ALVAIADES PARA A CIDADE

PÓ de Arróz de JAVA

Doce — Adherente

Invisivel

A. BOURJOIS

14, Boulevd Saint-Martin, 14

PARIS

e nos Cabelleireiros e Perfumistas.

MOCIDADE INALTERAVEL

PRODUCTOS para a BELLEZA das SENHORAS

ALVAIADES DE THEATRO

LINIMENTO GÉNEAU

Para os Cavallos

Empregado com o maior exito nas cavalhariças reaes de SS. MM. o Imperador do Brazil, o Rei da Belgica, o Rei dos Paizes-Baixos e o Rei da Saxonia.

Suppressão do Fogo e da Queda do Pello

MARCA DE FABRICA

35 Annos de Exito

SEM RIVAL

Só este precioso ***Topico*** é o unico que substitue o ***Caustico*** e cura radicalmente em poucos dias as **manqueiras** novas e antigas, as **Torceduras, Contusões, Tumores e Inchações das pernas, Esparavão, Sobre-Cannas, Fraqueza e Engorgitamento** das *pernas* dos potros, etc., sem occasionar nenhuma *chaga*, nem *queda do pello* mesmo durante o tratamento.

Os resultados extraordinarios que tem obtido nas diversas **Affecções do Peito**, os **Catarrhos, Bronchitis, Molestias da Garganta, Ophtalmia**, etc., não dão logar á concurrencia.

*A **cura** faz-se com a mão em **3 minutos**, sem dor e sem cortar, nem raspar o pello.*

Deposito em Paris : Pharmacia GÉNEAU, rua St-Honoré, 275, e em todas as Pharmacias.

L'ARGUS de la PRESSE

ESTA EMPREZA RECEBE

LÊ, CORTA E TRADUZ TODOS OS JORNAES DO MUNDO

E FORNECE EXTRACTOS SOBRE TODOS OS ASSUMPTOS, ÁS PESSÔAS QUE OS PEDIREM

Informações e condições fornecidas por correspondencia que deve ser dirigida ao director.

A. CHERIÉ

PARIS — 157, rue Montmartre — PARIS

Compra e Venda de

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Especialmente de obras relativas a

PORTUGAL, BRAZIL & COLONIAS

Karl W. Hiersemann, Livreiro Editor

Catalogos *Portuguezes* e *Brazileiros*. Catalogos geraes de *Bellas-Artes, Architectura, Artes industriaes, Numismatica, Archeologia, Bibliographia, Litteratura, Costumes, Genealogia, Heraldica, Geographia* e *Linguas orientaes*. — Os Catalogos pedidos são enviados gratis.

Recebem-se encommendas : **LEIPZIG, 2, Konigstrasse, 2.**

LIVROS UTEIS E INSTRUCTIVOS

A. Le Pileur

O corpo humano. Traducção de José Nicolau Raposo Botelho, revista pelo professor da escola medico-cirurgica do Porto Antonio Joaquim de Moraes Caldas. Esta obra, illustrada com 44 GRAVURAS elucidativas do texto, é precedida d'uma *gravura colorida* representando a circulação do sangue (pulmões, coração, arterias e veias) e impressa em magnifico papel..... 1$000
Com uma bonita cartonagem..... 1$500

A. R. S. B. F.

Diccionario aristocratico, que contem todos os alvarás de fóros de fidalgos da casa real, medicos, reposteiros e porteiros da real camara, titulos e cartas de conselho. Fiel extracto dos livros do registro das mercês existentes no archivo publico do Rio de Janeiro, desde 1808 até setembro de 1822. 400

Adolpho Coelho

A questão do ensino. Conferencia publica feita no Casino Lisbonense..... 200

Questões da lingua portugueza. Segunda parte: Documentos em latim barbaro dos seculos VIII a XII — Textos portuguezes (1185 a 1211) — Foros de Castello Rodrigo — Prologo da traducção anonyma da Regra de S. Bento (sem data) — Cancioneiro de D. Affonso, o Sabio — Cancioneiro de D. Diniz — Poetas da época de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV — Livros de linhagens — Historia do testamento. 600

Adolpho Raoux Briggs

Estudos sobre a prosodia franceza, acompanhados das origens latinas dos caracteres alphabeticos. Cartonado..... 400

Adriano de Paiva

Exposição dos principios fundamentaes da thermodynamica..... 300

* * *

O agricultor portuguez. Jornal de agricultura, veterinaria, sciencias e artes correlativas. Estão publicados 12 volumes. Cada um..... 3$000

Ahn

Curso da lingua franceza, adequado ao uso dos portuguezes, pelo professor H. Brunswick. Terceira edição..... 500

Curso de lingua italiana, adequado ao uso dos portuguezes, pelo professor H. Brunswick..... 500

Curso de lingua hespanhola, para uso dos portuguezes, pelo professor H. Brunswick. 500

Novo methodo pratico e facil para o ensino da lingua ingleza, por H. d'Espiney. 800

Alberto de Gervais

Compendio geral da lingua italiana. Com todos os verbos anomalos, comparada com o portuguez..... 1$200

Alberto Pimentel

Da importancia da historia universal philosophica na esphera dos conhecimentos humanos. Dissertação para o concurso da primeira cadeira (Historia universal e patria) do Curso superior de letras..... 200

Alexandre Olivan

Manual de agricultura, contendo: Principios de agricultura geral — Lavoura — Horticultura — Arboricultura — Criação de animaes — Tratado de jardinagem ou cultura das flôres..... 500

Alexandre de Sousa Figueiredo

Manual de arboricultura, ou tratado theorico e pratico da cultura e exploração das arvores fructiferas. Obra illustrada com 100 gravuras intercaladas no texto.... 2$000

Almeida Braga

O prestigio das palavras..... 400

Almeida Brandão

O livro das familias. Instrucções ácerca do casamento e das doenças mais communs..... 500

Almeida Brito

Tratamento das vinhas phylloxeradas. Guia da applicação do sulfureto de carbonio contra a phylloxera..... 500

Almeida Outeiro

Estudos sobre escripturação mercantil por partidas dobradas, em materia do mercadorias, precedidos d'uma breve exposição da legislação commercial nos pontos de maior utilidade para o commerciante, pelo visconde de Moreira de Rey. Terceira edição, revista e augmentada..... 1$200

Almeida Ribeiro

Principios de grammatica da lingua franceza. Morphologia da lingua ou fórmas grammaticaes da lingua — Syntaxe da lingua — Orthographia da lingua..... 200

Amaral Cirne

Methodo de leitura. Nova edição com gravuras..... 100

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso.	500 reis
Pelo correio.	540 »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**

A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores LUGAN & GENELIOUX, *e em todas as livrarias de Portugal. Agentes: em Paris,* ***Amedée Prince & Cie****, 36, Rue Lafayette, 36; em Londres,* ***Amedée Prince & Cie****, 10, Coleman Street, 10; e em Leipzig,* ***Karl W. Hiersemann****, 2, Königsstrasse, 2.*

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70